

Ata do Congresso de Espiritualidade Scalabriniana

São Paulo, 23 a 26 de junho de 2025



Ata do Congresso de Espiritualidade Scalabriniana

São Paulo, 23 a 26 de junho de 2025

ÍNDICE

Apresentação	7
---------------------------	----------

I – Conferências

1. Scalabrini, modelo de vida espiritual na missão, <i>Pe. Leonir Chiarello, CS</i>	13
2. A Espiritualidade Scalabriniana e suas Fontes, <i>Pe. Gelmino Costa, CS</i>	24
3. A Espiritualidade na Vida de São João Batista Scalabrini, <i>Ir. Analita Candaten, MSCS</i>	35
4. Espiritualidade scalabriniana na secularidade, <i>Rose Casagrande, MSS e Rita Bonassi, MSS</i>	64
5. <i>A Pátria-Mundo</i> à luz da Espiritualidade em São João Batista Scalabrini, <i>Ir. Maria do Carmo dos Santos Gonçalves, MSCS</i>	74

II – Minicursos.....

1. As Devoções de São João Batista Scalabrini, <i>Pe. Antônio César Segnanfredo, CS</i>	92
2. Scalabrini e os migrantes, <i>Eliza Donda</i>	101
3. Scalabrini: a incidência social e pastoral, <i>Pe. Luiz Flávio Prigol, CS</i>	104
4. Scalabrini e juventude, <i>Rose Casagrande, MSS</i>	113
5. A espiritualidade scalabriniana no cotidiano da missão, <i>Ir. Maria de Lurdes Lodi Rissini, MSCS</i>	120
6. Scalabrini e Sagrada Escritura: caminho como lugar teológico, <i>Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS</i>	127

III - Resumo e conclusões

1. Síntese dos minicursos	138
2. Memória do Congresso	146
3. Síntese do Congresso.....	163
4. Programa	172
5. Participantes.....	175

APRESENTAÇÃO

Certamente ainda ressoa na mente e no coração daqueles que participaram do Congresso de Espiritualidade Scalabriniana o convite sempre novo de mergulharmos na espiritualidade do nosso Santo Fundador, São João Batista Scalabrini que é também o Inspirador que nos chama a encarnar a necessária atualização da espiritualidade que assumimos como nossa, denominada espiritualidade scalabriniana.

O tema escolhido para o Congresso de Espiritualidade Scalabriniana foi “Scalabrini, modelo de vida espiritual na missão” e o lema “Eu virei para reunir todos os povos” (Is 66,18). Aproximadamente 70 participantes, entre sacerdotes, religiosos, religiosas, missionárias seculares e leigos, participaram presencialmente deste grande evento da família Scalabriniana, além de tantos outros que acompanharam de forma virtual.

Durante os três dias foram apresentadas cinco conferências, enriquecidas com reações participativas dos congressistas e o testemunho de uma mulher migrante, além de minicursos oferecidos com seis temas diferentes. Somados aos momentos reflexivos, os participantes puderam conhecer lugares scalabrinianos importantes, como os espaços onde viveram e atuaram os nossos santos scalabrinianos, a Bem-aventurada Madre Assunta e o Venerável Padre José Marchetti. Além do local projetado para a acolhida e evangelização dos jovens, dinamizado pelas Missionárias Seculares. Estas visitas foram um mergulho na espiritualidade daqueles que nos precederam.

A primeira conferência foi proferida pelo Pe. Leonir Chiarello, CS, Superior Geral dos Missionários de São Carlos – Scalabrinianos, com o tema *Ratio et Missionis*, que procurou definir a identidade carismática e missionária scalabriniana, motivada pelo carisma e a espiritualidade herdados do Santo Fundador.

A segunda conferência: *As fontes da espiritualidade scalabriniana*, apresentada pelo Pe. Gelmino Costa, CS, revisitou os fundamentos clássicos da espiritualidade bíblica e concluiu que a espiritualidade scalabriniana está bem definida em linhas gerais que, sendo dinâmica,

se aperfeiçoa através da vida de cada missionária, e missionário e dos diversos contextos migratórios.

A terceira conferência, *A Espiritualidade na Vida de São João Batista Scalabrini*, oferecida pela Irmã Analita Candaten, MSCS, destacou a espiritualidade cristocêntrica de Scalabrini, centrada na pessoa de Cristo e na mediação do Verbo Encarnado. Tal espiritualidade fundamentava todas as ações e decisões de Scalabrini.

A quarta conferência foi desenvolvida pelas Missionárias Seculares, Rita Bonassi, MSS, e Rose Casagrande, MSS, cujo tema foi a *Espiritualidade Scalabriniana na Secularidade*. Além de abordarem a linha histórica do desenvolvimento do Instituto, enfatizaram o exemplo de São João Batista Scalabrini, com sua visão universal e capacidade de unir os povos, lembrando que a migração, assim como as diversidades culturais podem ser transformadas em oportunidades de comunhão e acolhida.

A quinta e última conferência, *A Pátria-mundo à Luz da Espiritualidade em São João Batista Scalabrini*, conduzida pela Ir. Maria do Carmo dos Santos Gonçalves, MSCS, destacou que na percepção de Scalabrini, o emigrado é colocado no centro da missão da Igreja, integrando-o no conceito de pátria, onde exercem os direitos, a dignidade e a fraternidade.

Além das cinco conferências, os participantes do Congresso puderam escolher um dos grupos de minicurso, com os seguintes temas e seus respectivos facilitadores: *Devoções de Scalabrini: Eucaristia, Cruz, Maria*: Pe. Antônio Seganfredo, CS; *Scalabrini e os migrantes*: Eliza Donda; *Scalabrini e incidência social e pastoral*: Pe. Luiz Flávio Prigol, CS; *Scalabrini e juventude*: Rose Casagrande, MSS; *A espiritualidade scalabriniana no cotidiano da missão*: Ir. Maria de Lurdes Lodi Rissini, MSCS; e, *Scalabrini na Sagrada Escritura*: Pe. Alfredo José Gonçalves, CS. Foram apresentadas as sínteses em plenário, para que todos tivessem uma visão geral das reflexões feitas nos grupos.

Finalmente, o Pe. Alfredo José Gonçalves, CS, realizou uma interessante síntese do Congresso a partir do que chamou de janelas: *raízes, travessias*,

estações, encontro e horizontes. Pe. Alfredo lembrou que o verdadeiro protagonista das mudanças é o Espírito que age através de nós, mas as mudanças mais profundas se erguem do chão, como a semente, a espiga, ou seja, os migrantes que são profetas, seriam os artífices e os protagonistas da história. Somos hoje convidados, segundo o Pe. Alfredo, a trocar o “lugar fechado” onde nos domina o medo, pelos caminhos abertos e pelas fronteiras. Vencer o comodismo da sacristia e, com novo vigor e asas nos pés, retornar a Jerusalém, a exemplo dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35).

A espiritualidade é dinâmica, está em movimento, não deveria ficar estagnada ou petrificada no tempo. Certamente a espiritualidade de São João Batista Scalabrini, embora fosse uma pessoa muito à frente da sua época, também foi influenciada pelo seu tempo. Nesse sentido a espiritualidade de Scalabrini pode e deve nos inspirar, deve enriquecer a nossa relação com Deus, assim como a nossa missão, deixando-nos afetar pela contemporaneidade eclesial, pela atual mobilidade humana e pela espiritualidade vivenciada pelos que nos precederam. Portanto, resulta enriquecedor olharmos em retrospectiva e vislumbrarmos a vida espiritual e missionária de nossos santos scalabrinianos: a Bem-aventurada Assunta Marchetti, o Venerável José Marchetti, o Venerável Massimo Rinaldi, o Servo de Deus Tarcisio Rubin e tantas outras e outros que souberam viver a fé, amando e servindo Jesus Cristo nos migrantes. O que tinham em comum? O amor a Jesus Cristo, o cuidado dos migrantes e o carinho devotado ao Santo Fundador.

Desejamos que esta publicação chegue a mais pessoas para que a espiritualidade scalabriniana continue se renovando, enriquecida com tantas características, dimensões e expressões inspirando-nos nas práticas do nosso fundador, e daquelas e daqueles que nos precederam, sendo complementada e atualizada com o impulso sempre novo do Espírito Santo.

São João Batista Scalabrini, todos os nossos santos scalabrinianos e a Nossa Senhora Mãe dos Migrantes, abençoem a nossa espiritualidade

e missão, para que sejamos mais fiéis a Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos convida a sermos migrantes entre e com os migrantes, preparando juntos o grande encontro da Família Humana em Cristo.

Ir. Alda Monica Malvessi, MSCS
Superiora Provincial da Província Maria, Mãe dos Migrantes

Mis. Antonella Favaro, MSS
Responsável das Missionárias Seculares Scalabrinianas

Pe. Alexandre De Nardi Biolchi, CS
Superior Regional da Região Nossa Senhora Mãe dos Migrantes



CONFERÊNCIAS

SCALABRINI, MODELO DE VIDA ESPIRITUAL NA MISSÃO

Pe. Leonir Chiarello, CS
Superior Geral

1. Ratio et Missio

*Estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança
a todo aquele que a pedir (1Pe 3,15).*

Queremos *re-cordar* –trazer ao coração– este convite de São Pedro, dirigido às primeiras comunidades cristãs, como inspiração para este Congresso de Espiritualidade e para a nossa reflexão sobre o tema: *ratio et missio* e sua relação com a espiritualidade scalabriniana.

1.1. Ratio

A palavra “*ratio*” pode ter vários significados, mas o mais adequado é o que é usado na Primeira Carta de Pedro (3, 15), onde se afirma que o cristão deve “estar sempre pronto a dar a razão ou motivo –*ratio*, *logos*, na tradução latina e grega, respetivamente– da esperança”. *Ratio* é, portanto, dar uma razão, motivar o que se é e o que se faz. *Ratio* é explicar o porquê somos quem somos e fazemos o que fazemos, é apresentar as motivações, os fundamentos teológicos e espirituais da nossa identidade carismática e da nossa atuação missionária. Nesta perspectiva, a *ratio* da nossa identidade carismática apresenta quem somos, incluindo os elementos essenciais do nosso carisma, e como somos, incluindo as características do carisma.

1.2. Missio

A *missio*, além das características e elementos carismáticos (de quem somos e como somos), refere-se especialmente, mas não somente, ao que fazemos, à nossa missão a serviço dos migrantes, refugiados, marinheiros e pessoas em mobilidade.

A *Ratio Missionis*, portanto, define nossa identidade carismática e missionária, quem somos e como somos (religiosos e sacerdotes missionários e irmãs missionárias, vivendo em comunidades, missionárias seculares, leigos) o que fazemos (servindo migrantes, refugiados, marinheiros e pessoas em mobilidade), como trabalhamos (em paróquias, casas de acolhida, escolas, hospitais, centros de estudos e inseridos, com diferentes profissões, como leigos consagrados e leigos comprometidos) e porquê o fazemos: motivados pelo carisma e a espiritualidade que herdamos do nosso Santo Fundador e inspirador.

Considerando nossa atuação missionária ao longo da história, reconhecemos que as nossas Congregações, dos Missionários e Irmãs Missionárias Scalabrinianas, as Missionárias Seculares Scalabrinianas e os Leigos Scalabrinianos, adaptamos constantemente nossas ações missionárias para responder às grandes mudanças na sociedade, na Igreja e no mundo das migrações. Isso significou ampliar os horizontes em relação aos migrantes assistidos, aos modelos pastorais utilizados e ao estilo de evangelização adotado. “Para novos fenômenos, novos organismos adaptados às necessidades”, como nos recorda Scalabrini em seu memorial que entregou ao Papa Pio X alguns meses antes de sua morte, no qual propõe a criação na Santa Sede de uma Comissão “*Pro emigratis catholicis*”, que estivesse a serviço de todos os migrantes.

1.3. Congregação dos Missionários de São Carlos – Scalabrinianos

A *Ratio Missionis* da nossa Congregação dos Missionários de São Carlos, Scalabrinianos, está presente de uma forma, poderíamos dizer, “implícita” na nossa Regra de Vida e em vários processos de reflexão sobre nossa identidade carismática e nossa ação pastoral.

O número 2 das nossas Regras de Vida afirmam:

“Essa é a missão que a Igreja nos confiou através de nosso fundador, o Bispo de Piacenza João Batista Scalabrini (1839-1905): tornar-nos migrantes com os migrantes, para com eles construir, também através do testemunho de nossa vida e de nossa comunidade, a Igreja, que em sua peregrinação

terrena se associa especialmente às classes mais pobres e abandonadas; ajudar outrossim os homens a descobrir o Cristo nos irmãos migrantes e perceber nas migrações um sinal da vocação eterna do homem”.

Nesta frase estão sintetizados os elementos da nossa *Ratio Missionis*, que se apresentam em forma mais detalhada na primeira parte, referente à lei fundamental da nossa Regra de Vida.

Ulteriores elementos de nossa *ratio missionis* foram incluídos em vários processos de reflexão de nossa Congregação, entre os quais podemos destacar os capítulos gerais, com as contribuições sobre os critérios das nossas presenças pastorais –especificidade, exemplaridade e significatividade– e a distinção e sinergia entre âmbitos e serviços pastorais; o Congresso Internacional de Espiritualidade Scalabriniana de 1996, que volta às fontes da espiritualidade do Fundador e da Congregação para responder com fidelidade criativa aos desafios de missão às portas do terceiro milênio; o Congresso sobre Migrações e Modelos de Pastoral de 2005, em ocasião do centenário da morte do fundador, que redescobre a importância da contribuição específica com nosso carisma e com nosso trabalho à missão da Igreja com os migrantes, refugiados e marinheiros; a Canonização de Scalabrini, que resgata a figura de Scalabrini como modelo de santidade e precursor de um compromisso de toda a Igreja com os migrantes, em sinodalidade com as organizações da sociedade civil, com os governos e os organismos internacionais; o Congresso de Espiritualidade de 2023, que, partindo do legado carismático e espiritual de Scalabrini nos ajudou a reavivar nossa convicção e nosso compromisso de seguir seu exemplo e permitir que o Espírito Santo continue sendo a força motriz das nossas ações missionárias; e o último Capítulo Geral, que nos convida a “explicitar” a nossa *Ratio Missionis*.

1.4. Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu

As Irmãs Missionárias Scalabrinianas são exemplos disso: já em 2008 publicaram a primeira versão das Diretrizes Gerais do Apostolado da Congregação e em 2023 publicaram a versão atualizada das Diretrizes

Gerais de Missão Apostólica das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu, Scalabrinianas. Depois de apresentar uma breve história da Congregação e elementos da conjuntura sobre a mobilidade humana, as diretrizes apresentam os quatro fundamentos (a *ratio*) da identidade carismática –a encarnação, a acolhida, a comunhão na diversidade e o amor político– e as sete macro estratégias da ação missionária (da *missio*) acolhida, assistência e proteção em emergências e situações de vulnerabilidade; promoção e integração; animação e coordenação da pastoral junto a migrantes e refugiados; atenção prioritária a mulheres e crianças; fortalecimento do protagonismo e liderança dos migrantes e refugiados; formação e sensibilização e, finalmente, incidência, defesa e redes. As diretrizes concluem com a apresentação do modo de ser Missionárias de São Carlos Borromeu, Scalabrinianas.

1.5. Missionárias Seculares Scalabrinianas

As Missionárias Seculares Scalabrinianas vivem a consagração total a Deus com os votos de pobreza, castidade e obediência em um estilo de vida leigo. Sem sinais externos que as distingam, compartilham a vida do povo de Deus, também por meio de diferentes atividades e profissões, nos mais diversos ambientes e contextos das sociedades multiétnicas de nosso tempo, para transformar cada realidade a partir de dentro (com o testemunho de vida e o anúncio do Evangelho) em particular a da migração, numa experiência de encontro, acolhimento e celebração de toda a diversidade.

1.6. Movimento Leigos Scalabrinianos

Leigos Scalabrinianos, aqui representados, e pessoas de boa vontade, também partilham e se inspiram no carisma e na espiritualidade scalabriniana em sua missão com os migrantes. Como sabemos, para acompanhar os migrantes que partiam em barcos dos portos da Itália e acompanhá-los na origem, no trânsito e na chegada aos novos países, São João Batista Scalabrini, constituiu em 1891 a Sociedade São Rafael, cujo objetivo era: “Trabalhar para manter vivos, no coração dos emigrantes italianos, a fé, o sentimento pátrio, o afeto à mãe-pátria e, ao mesmo tempo, procurar o seu bem-estar moral, físico, intelectual, econômico e social.” Depois da dissolução da Sociedade São Rafael as Congregações

dos Missionários Scalabrinianos e das Irmãs Missionárias Scalabrinianas acompanhamos o processo de estruturação de vários grupos de leigos, que, inspirados por São João Batista Scalabrini, partilham o carisma, a espiritualidade e a missão scalabriniana a serviço dos migrantes e se organizam de diferentes formas.

2. Processo de definição da nossa *Ratio Missionis*

Várias Congregações Religiosas Missionárias e movimentos de leigos já publicaram –explicitaram– há tempo a própria *ratio missionis*, inspirados no carisma e na espiritualidade do próprio fundador e do Instituto, como por exemplo os Missionários Combonianos, os Missionários Xaverianos, as Irmãs e os Missionários da Consolata, entre outras Congregações Missionárias.

Em forma análoga às Irmãs Scalabrinianas e a estas Congregações, os Missionários Scalabrinianos iniciamos um processo de definição da nossa *Ratio Missionis*. Neste processo, a espiritualidade é o elemento essencial que conecta o carisma e a missão que herdamos de São João Batista Scalabrini.

As razões ou fundamentos –*ratio*– da nossa identidade carismática estão intrinsecamente ligadas à nossa identidade e nossa atuação missionária. Por isso, entre *ratio* e *missio* aparece um conectivo (não uma oposição ou dicotomia) *et*, ou seja, *e, y, and* (não *ou, o, or*). Este elo de conexão entre a identidade carismática e ação missionária é a espiritualidade: nela se alimenta, se nutre a nossa identidade carismático-missionária. Em sintonia com o tema deste Congresso, “Scalabrini, modelo de vida espiritual na missão”, como ele, queremos deixar-nos guiar pelo mesmo Espírito Santo na nossa vida e na nossa missão.

O número 28 do nosso XVI Capítulo Geral declara:

“É característico da abordagem scalabriniana viver a missão como pessoas consagradas e a consagração como missionários. Os dois aspectos devem ser preservados em sua unidade. Portanto, ‘estabelecerão como fundamento de suas próprias ações a grande máxima: nunca se aplicarem tanto ao

exercício do Ministério Apostólico a ponto de negligenciar a vida interior, e nunca se abandonarem tanto à doçura da vida interior a ponto de negligenciar o exercício do Ministério Apostólico” (*Regulamentos*, 1895).

Nesse sentido, consagração e missão –vocação e missão– são complementárias (não dicotômicas) da nossa identidade de missionários/as consagrados/as e consagrados/as missionários/as, e leigos missionários, as quais se alimentam da nossa espiritualidade, da nossa vida interior, a exemplo de Scalabrini, modelo de vida espiritual na missão.

No dia 28 de outubro de 2024, na audiência de conclusão do nosso XVI Capítulo Geral, o Papa Francisco nos recordou:

“Amados irmãos, o carisma scalabriniano está vivo na Igreja: é o que testemunham muitos jovens que, de vários países do mundo, continuam a unir-se a vós. Sede gratos ao Senhor pela vocação que recebestes. Aliás, se quiserdes que o Capítulo (*hoje este Congresso... a nossa vida missionária...*) se torne ocasião para aprofundar e renovar a vossa vida e missão, fazei dele, sobretudo um momento de humilde e alegre ação de graças diante da Eucaristia, de Jesus crucificado e de Maria, Mãe dos migrantes, como vos ensinou São João Batista Scalabrini”.

É só a partir daí que se começa a caminhar juntos, com esperança, na caridade (cf. Ef 5, 2) – tema do nosso Capítulo e Projeto Missionário Capitular.

Seis anos antes, no dia 29 de outubro de 2018, na audiência com os participantes do XV Capítulo Geral, o Papa Francisco também nos recordou outros três aspectos essenciais da espiritualidade que herdamos de Scalabrini, que seguimos como modelo de vida espiritual na missão: a oração, a vida fraterna em comunidade e a coragem de ir além dos limites. Retomando a referência que tinha feito à oração como fonte de inspiração e força para a ação de Scalabrini, o Papa Francisco destacou a importância da oração como elemento essencial da espiritualidade scalabriniana, afirmando:

“O migrante reza. Reza porque precisa de muitas coisas. E reza à sua maneira, mas reza. Um perigo para todos nós, homens e mulheres de Igreja, mas mais para vós, para a vossa vocação, seria não precisar de orações. ‘Sim, sim, eu penso, estudo, faço, mas não sei mendigar, não sei pedir para ser acolhido pelo Senhor sendo eu também migrante a caminho do Senhor’. Por isso gostei de quando falou de oração: prece que muitas vezes é tediosa, ou te causa angústia. Mas estar diante do Senhor e bater à porta, como faz o migrante, que bate à porta. Como fez aquela ‘migrante’ em Israel –a mulher sírio-fenícia– que até conseguiu discutir com o Senhor (cf. Mt 15,21-28). Bater à porta da oração. Ser migrantes na experiência da migração, como fazeis nas destinações, e ser migrantes na oração, bater à porta para ser recebidos pelo Senhor: esta é uma ajuda muito importante”.

Continuou o Papa Francisco:

“E outro fenômeno dos migrantes, pensemos na caravana que vai de Honduras até os Estados Unidos, é o amontoar-se. Normalmente o migrante procura deslocar-se em grupo. Por vezes tem que ir sozinho, mas é normal juntar-se, porque nos sentimos mais fortes na migração. E isso forma comunidade. No futebol há a possibilidade de um ‘livre’ que se possa mover de acordo com as oportunidades, mas entre vós não há possibilidade, os ‘livres’, entre vós, falham. Sempre a comunidade. Sempre em comunidade, pois a vossa vocação é precisamente para os migrantes que se amontoam. Senti-vos migrantes. Senti-vos, sim, migrantes diante das necessidades, migrantes diante do Senhor, migrantes entre vós. E por isso a necessidade de juntar-se”.

O Papa Francisco concluiu deste modo:

“Agradeço-vos por tudo o que fazeis. Vós sois um exemplo. E também sois corajosos, pois muitas vezes ides além dos limites, arriscais. E arriscar é também uma característica do migrante. Arrisca. Por vezes arrisca até a vida. E este é um

aspeto que ajuda: corajosos, sabem arriscar. A prudência em vós tem outra tonalidade em relação à prudência de um monge de clausura: são prudências diversas. Ambas são virtudes, mas com diversas tonalidades. Arriscar”.

Nesta perspectiva, reconhecemos que a espiritualidade cristã em nós, missionários, irmãos missionárias, missionárias seculares e leigos, tem uma tonalidade própria, tem características e manifestações próprias, que atualizamos com fidelidade criativa ao longo da história, seguindo o modelo de vida espiritual na missão de São João Batista Scalabrini, quem, deixando-se guiar pelo Espírito, se fez tudo para todos, indo além de seus limites, com o seu amor por Cristo crucificado e pela Eucaristia, por Nossa Senhora, pelos pobres e pela sua vida de oração e sua ascética. “Para nós, que escolhemos seguir Cristo no caminho traçado por Scalabrini, é imperativo conhecer e fazer nossa a sua herança espiritual, para que continue viva no nosso espírito, para que seja parte perene da nossa espiritualidade, guiados pelo Espírito para encontrar e deixar-nos encontrar pelos migrantes”, como nos recordou o Pe. Graziano Battistella no Congresso de Espiritualidade Scalabriniana.

Nós herdamos a tonalidade da nossa espiritualidade do nosso Fundador e inspirador São João Batista Scalabrini, que foi estudada desde diferentes perspectivas nos últimos anos. Por exemplo, o Pe. Mario Francesconi, biógrafo de Scalabrini, publicou um volume sobre a espiritualidade de Scalabrini definindo-a como espiritualidade de encarnação; Pe. Stelio Fongaro, em sua coleção de opúsculos, destaca a espiritualidade de Scalabrini como homem de Deus, que vivia o que ensinava; Cataldo Naro, no Congresso de Espiritualidade de 1996, define a espiritualidade de Scalabrini como “ordinária”, devota, popular e ativa; Pietro Zovatto, no Congresso sobre a Ecclesiologia de Scalabrini de 2006, observava que, apesar de compartilhar a espiritualidade de seu tempo, Scalabrini soube ir mais longe: praticou a ascética, mas a ênfase estava na vida interior; cultivou algumas devoções, mas a ênfase estava na oração; era um homem piedoso, mas o objetivo era conformar-se com Cristo em tudo.

Esta síntese histórica, com outros elementos foi apresentada pelo Pe. Graziano Battistella no Congresso de Espiritualidade de 2023, no qual ele também destaca outras contribuições, em especial na série *Traditio*, publicada desde o ano 2000 pelos três Institutos da Família Scalabriniana, e conclui afirmando a necessidade de não reduzir a espiritualidade de Scalabrini às suas devoções. Em vez disso, Pe. Graziano recorda a importância de voltarmos nosso olhar para Scalabrini como um santo “que viveu a experiência da fé, movido pelo Espírito”. É a sua experiência de vida no Espírito, tal como nos foi transmitida através das suas iniciativas e dos seus escritos, que devemos reconsiderar para compreender o legado que nos deixou.

A espiritualidade de Scalabrini é multifacética, “*poliédrica*” poderíamos dizer, usando a linguagem do Papa Francisco, pois é a espiritualidade que o animou como bispo, fundador, homem apaixonado pelas questões sociais, envolvido nos acontecimentos da história do seu tempo. No Congresso Internacional de Espiritualidade de 2023, o Pe. Graziano Battistella destaca e distingue cinco características essenciais da espiritualidade de Scalabrini: 1) Conformer-se com Cristo: Espiritualidade cristocêntrica; 2) Amar a Igreja: Espiritualidade Eclesial; 3) Praticar a Caridade: Espiritualidade da doação; 4) Buscar a união: Espiritualidade de comunhão; 5) Ser missionários: Espiritualidade missionária. Destaca também quatro fontes de sua espiritualidade: 1) Cristo Eucaristia, 2) Cristo Crucificado, 3) A devoção à Maria e 4) A meditação¹.

Estas grandes linhas da espiritualidade de Scalabrini são fontes de inspiração para todos os cristãos que o veneram como Santo. Para nós, missionários, irmãs missionárias, missionárias seculares e leigos missionários, como nos recorda o Pe. Graziano no Congresso de Espiritualidade, Scalabrini, além de santo e modelo de vida, é o fundador e inspirador na missão com os migrantes. Somos herdeiros do dom (carisma) que recebeu do Espírito e da vida guiada pelo espírito

¹ Cf. Graziano Battistella, “O legado Espiritual de Scalabrini”, em *Atas do Congresso Internacional de Espiritualidade Scalabriniana*, Roma, 2023, pp. 135-145.

(espiritualidade) que animou sua ação missionária. Esta inter-relação constante entre o carisma (dom do Espírito) e a espiritualidade (vida no Espírito) que herdamos de Scalabrini é a que nos permite harmonizar e viver com fidelidade criativa a vida no Espírito no nosso ministério ativo com os migrantes.

Desde esta perspectiva, as características específicas do legado carismático e espiritual de Scalabrini para nós missionários e missionárias Scalabrinianos, como nos recorda Pe. Graziano, são: 1) Conformer-nos com Cristo, tornando-nos migrantes com os migrantes – Itinerância; 2) Partilhar o projeto do Pai construindo a Igreja – Acolhida; 3) Rumo a uma nova criação – União na diversidade, animada pelo Espírito Santo².

Conclusão

Como conclusão, cito o número 27 do Projeto Missionário definido no nosso XVI Capítulo Geral:

“Como missionários scalabrinianos (aqui podemos acrescentar irmãs missionárias, missionárias seculares e leigos scalabrinianos) somos chamados e consagrados a Deus para seguir Cristo que se manifesta nos migrantes e construir com eles o Reino, guiados pelo Espírito em uma vida de fraternidade caracterizada pela acolhida, itinerância e comunhão na diversidade, vivendo, como São João Batista Scalabrini, uma espiritualidade cristocêntrica, eclesial e missionária de total doação e comunhão. Essa é a nossa identidade carismática, recebida do Fundador – e inspirador – e dos missionários (missionárias e leigos) que nos precederam, e que desejamos viver em plenitude, fazendo dela um dom a todos aqueles, religiosos, religiosas e leigos, que nos acompanham no ministério que a Igreja nos confiou. Respondendo com fidelidade criativa às exigências do presente, compartilhamos nossa identidade carismática com aqueles que se unem à nossa vida e ao nosso ministério”.

Esta identidade carismática, recebida do Fundador e inspirador Scalabrini e dos missionários (missionárias e leigos) que nos precederam, a atualizamos hoje com tonalidades próprias dos dons que o Espírito continua a inspirar em cada um de nós em nossos Institutos de vida consagrada e comunidades cristãs de leigos. As tonalidades de santidade da Beata Madre Assunta, do Servo de Deus Giuseppe Marchetti, do venerável Massimo Rinaldi e do Servo de Deus Tarcisio Rubin, são exemplos de fidelidade criativa ao carisma e à missão que herdaram de São João Batista Scalabrini, seguindo seu exemplo de vida espiritual na missão.

Após entregarmos ao Dicastério da Causa dos Santos o material do processo supletório da causa de beatificação do P. Tarcisio Rubin, em 17 de junho, o Bispo de Jujuy, que nos acompanhou na cerimônia de entrega do material, afirmou:

“Além do exemplo de vida missionária a serviço dos migrantes, inspirada no carisma e na missão scalabriniana, a forma na qual faleceu o Pe. Tarcisio Rubin nos recorda um elemento essencial da espiritualidade de Scalabrini: “descansar em Deus”. Falecendo debruçado diante do altar rezando, ele recorda as palavras de Scalabrini: tudo provém de Deus!”

Que neste Congresso, por meio das reflexões, dos relatos e dos testemunhos que serão apresentados, possamos redescobrir a harmonia e a relevância das diferentes dimensões da espiritualidade scalabriniana, revisitando as diferentes fontes dessa espiritualidade na vida e na obra de São João Batista Scalabrini e no testemunho de tantas pessoas que, inspiradas pelo mesmo Espírito e pelo exemplo de Scalabrini, compartilharam e continuam compartilhando a espiritualidade scalabriniana, incluindo cada um de nós e todos nós.

A ESPIRITUALIDADE SCALABRINIANA E SUAS FONTES

Pe. Gelmino Costa, CS

Introdução

Toda a espiritualidade cristã aponta para Jesus Cristo, o Deus de Jesus Cristo e para o Espírito Santo. Ela é a vida segundo o Espírito. Assim como o Espírito Santo move, também a espiritualidade move. A espiritualidade da Igreja e da Vida Consagrada é também a primeira espiritualidade do Scalabriniano. Porém, a espiritualidade scalabriniana se apresenta com particularidades que caracterizam a sua vocação e a sua missão. Estas também brotam do Espírito Santo.

Scalabrini viveu profundamente a espiritualidade. Passou aos seus missionários a espiritualidade do apóstolo e do missionário. Em meados do século passado a Congregação começou a aprofundar a espiritualidade scalabriniana. O caminho seguido foi fixar o que nos foi transmitido por Jesus Cristo, pela Palavra de Deus, pelo pai fundador São João Batista Scalabrini, pela caminhada da Congregação, pelo legado de vida de nossos missionários e pelos próprios migrantes. Seguindo este caminho, foram se definindo as fontes da espiritualidade scalabriniana.

1. A Palavra de Deus

A teologia encontra a sua fonte principal na Sagrada Escritura. Da mesma forma toda espiritualidade parte da Palavra de Deus. Também a espiritualidade scalabriniana tem seu ponto de partida na Palavra de Deus.

1.1. O Antigo Testamento

É lícito afirmar que a Bíblia é uma história de migrantes. Muitas passagens do Antigo Testamento falam do amor que Deus tem para com o estrangeiro e o imigrante. Javé é um Deus que convida seu povo

a acolher e a respeitar os imigrantes, lembrando sempre que ele foi estrangeiro na terra do Egito.

Lembremos três passagens principais que inspiram a espiritualidade scalabriniana.

- a) A vocação e a história de Abraão. Deus tira Abraão de sua terra natal “Abraão, sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa do teu pai e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (Gn 12,1). Deus transforma Abraão num peregrino. Deus peregrina com ele para uma nova terra. Abraão caminha animado pela aliança e pela promessa.
- b) A hospitalidade de Abraão acolhendo os três homens ou anjos. “Levantado os olhos, Abraão viu na sua frente três homens de pé. Ao vê-los correu da entrada da tenda ao encontro deles e se prostrou por terra, dizendo: Senhor, se alcancei o teu favor não passe junto ao teu servo sem fazer uma parada” (Gn 18, 2-3). É o gesto de espiritualidade e de acolhida.
- c) A saída do Egito com Moisés. É a experiência maior e mais marcante do grupo de Israel. É a grande caminhada de um povo. Os israelitas fazem a experiência de um Deus que caminha com ele, que arma a sua tenda no meio dele, que o acompanha desde o Egito até a terra prometida. Está com ele na partida, na travessia do deserto e na chegada. Nasce daí a espiritualidade do êxodo.

1.2. Novo Testamento

Jesus nasce de uma família migrante, passa pela fuga para o Egito e vive a sua missão de forma itinerante. O Evangelho e os outros escritos do Novo Testamento inspiram a espiritualidade scalabriniana. Algumas passagens falam mais diretamente.

1.2.1. O rosto de Jesus no rosto dos migrantes

Encontramos no Evangelho de Mateus quanto seguem: “Vinde benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, era peregrino e me acolhestes ... ou eu era

peregrino e não me acolheste. Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25, 34-36.40).

Temos aqui o ponto fundamental da espiritualidade scalabriniana: ver e acolher o Cristo Peregrino em cada migrante é a nossa principal missão. Cristo quer ser acolhido como hóspede em nossa casa.

São Pedro pede que sejamos hospitaleiros: “Pratiquem a hospitalidade uns com os outros” (1Pe 4,9). Igualmente São Paulo insistiu junto aos romanos que exercessem a hospitalidade: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, ... compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade” (Rom 12,10-13). “Acudi aos santos nas suas necessidades, exercei a hospitalidade” (Rom 12,13).

A carta aos Hebreus enfatiza a hospitalidade: “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos” (Heb 13,2).

A espiritualidade scalabriniana nos pede um coração hospitaleiro e nos leva ao exercício de acolhida.

1.2.2. Jesus, o bom samaritano

“Um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele e viu e teve compaixão. Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas” (Lc 10,33-34). Muitos são os sofrimentos que acompanham o caminho dos migrantes. Não raro os migrantes ficam como ‘caídos no caminho’. A espiritualidade scalabriniana é uma espiritualidade samaritana que move os corações e se expressa através de gestos de solidariedade e de acolhida.

1.2.3. Jesus peregrino com os migrantes

Os discípulos de Emaús. “Dois discípulos iam para um povoado chamado Emaús. Enquanto conversavam e discutiam o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles” (Lc 24,13.15). O caminho faz parte da vida dos migrantes. Neste caminho o Ressuscitado se

faz presente, caminha com eles. O scalabriniano faz o mesmo, faz-se migrante com os migrantes, peregrino com os peregrinos. Vive a espiritualidade do caminho e da itinerância.

1.2.4. O Pentecostes

Por ocasião de Pentecostes estão presentes muitos povos, que falam muitas línguas.

“Esses homens que estão falando não são todos galileus? Como é que nós os escutamos na nossa própria língua? Nós, que somos partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frigia e da Panfília, do Egito e da parte da Líbia próxima de Cirene, também romanos que aqui residem; judeus e prosélitos, cretenses e árabes, todos nós os escutamos anunciarem as maravilhas de Deus em nossa própria língua! (At 2,7-11).”

Todos se entendem. É o mistério da comunhão. Hoje a migração coloca junto muitos povos. Pentecostes sugere um dos elementos da espiritualidade scalabriniana: a comunhão na diversidade.

2. Espiritualidade de Scalabrini

A segunda fonte da espiritualidade scalabriniana é dada pelo Fundador, São João Batista Scalabrini, sua vida, suas obras e seus escritos. Ele foi o homem da ação, mas era movido pela espiritualidade. Esta foi descoberta pela Congregação aos poucos. Cresceu, sobretudo quando foi iniciado o processo de beatificação.

A Perfectae Caritatis, documento do Concílio Vaticano II sobre a renovação da Vida Religiosa, pediu que todas as Congregações fizessem o esforço de renovação. Pediu que fossem revistas as Constituições/Regras de Vida, que se voltasse ao Carisma Fundacional e se recuperasse o espírito do Fundador. O padre Mario Francesconi foi um marco importante na descoberta de Scalabrini. Outros também escreveram sobre a sua vida e a sua espiritualidade. Dois Congressos foram realizados para aprofundar a espiritualidade. Depois de sua canonização foi escrito o livro *‘O Santo dos Migrantes, João Batista Scalabrini’*. A partir desses

estudos e do caminho feito pela Congregação, estão bastante definidos os elementos principais de sua espiritualidade que pode ser resumida a partir de alguns eixos e algumas práticas.

2.1. Os eixos da espiritualidade de Scalabrini

Muito se disse sobre as práticas de espiritualidade de Scalabrini. Porém se constatou que as práticas não eram soltas, havia umas ideias fortes que unificavam a sua espiritualidade. Com Mario Francesconi e outros, podemos elencar esses eixos.

- a) *Divinizar-me*. Conformar-se com Cristo. Incorporar-se com Cristo. Era isso que ele buscava. “Somos um só corpo com Cristo, e nele e por Ele tornamo-nos filhos de Deus, aliás, o mesmo Filho de Deus se prolonga em nós” (Scalabrini). Este era o trilho sobre o qual se locomovia Scalabrini. Para ele, em Cristo tornamo-nos filhos de Deus e extensão da encarnação.
- b) *Santificar-me*. “Pudesse santificar-me e santificar todas as almas que me são confiadas. Para isso é necessário um desejo ardente e veemente de ser santo”. “A santidade consiste em um contínuo esforço para alcançá-la”. “Viver, santificar-me e morrer em Placência é o propósito que renovo todos os anos” (Scalabrini). Santificar-se é o seu desejo maior.
- c) *Fazer-me tudo para todos*. “Ganhar todos para Cristo, eis a constante, a suprema aspiração da minha alma. Alegrementemente consumirei o que é meu e consumir-me-ei a mim mesmo pelas vossas almas”. “Colocar-se de joelhos diante do mundo para implorar, como uma graça, a licença para fazer-lhe o bem, eis a única ambição do padre” (Scalabrini). Fazer-se tudo para os que estão dentro da igreja e os que estão fora.
- d) *A Igreja*. Scalabrini sempre se sentiu profundamente Igreja e a serviço dela. “A Igreja é verdadeiramente a nossa Mãe. Eis a Igreja, a nossa Mãe, o dom mais precioso que Jesus Cristo concedeu; eis a Igreja, nossa Mãe, a maior obra d’Ele, o preço do seu sangue, do seu corpo místico do qual Ele é a cabeça” (Scalabrini). A Igreja é a

continuação da Encarnação. A Igreja é a verdadeira continuação da Pessoa de Jesus Cristo: “A igreja ensina? É Jesus Cristo quem ensina, a igreja batiza? É Jesus Cristo quem batiza” (Scalabrini).

- f) *O espírito missionário.* Scalabrini sempre nutriu dentro de si o espírito missionário e o desejo de partir em missão para países distantes. Ao entregar a cruz aos seus missionários que partiam, dizia: “Quase me queixo com Jesus, que me negou a cruz de madeira do missionário e não posso deixar de expressar-vos, ó jovens apóstolos de Cristo a mais alta veneração e sentir uma santa inveja de vós” (Scalabrini). Não podendo sair da Itália, viveu o espírito missionário dentro da Diocese. Foi dito: “Uma diocese não lhe bastava”. Visitando os emigrantes nas Américas, pôde extravasar seu coração de missionário.

2.3. As práticas de Espiritualidade de Scalabrini.

As práticas de espiritualidade não eram isoladas, soltas, mas ligadas aos eixos que as conduziam. As práticas eram conduzidas pelos eixos, mas por sua vez, alimentavam os eixos.

A partir do Congresso de espiritualidade de 1996 ficou cunhada a declaração que Scalabrini não teve uma espiritualidade original. Ele viveu a espiritualidade da sua época. Viveu de modo extraordinário a espiritualidade do seu tempo. Teve uma espiritualidade datada, situada na história, com as seguintes características:

- a) Uma espiritualidade ‘ordinária’, mas vivida de modo radical; inspirada em quatro santos principais: São Francisco de Sales, Santo Inácio de Loyola, Santo Afonso Ligório, São Carlos Borromeu.
- b) Uma espiritualidade devota: calcada nas devoções: Eucaristia, Sagrado Coração de Jesus, Maria, os santos e os santuários.
- c) Uma espiritualidade popular: baseada na vivência dos sacramentos e na participação da Igreja.
- d) Uma espiritualidade com traços ativos e apostólicos: espiritualidade

que leva à missão e à caridade. Scalabrini fez a ligação entre espiritualidade e ação, entre templo e vida.

As práticas de espiritualidade de Scalabrini, às vezes foram identificadas com a própria espiritualidade. As três grandes devoções foram: a Eucaristia, a Cruz e Maria, todas animadas pela oração.

1. *A oração.* Scalabrini contempla Jesus rezando e conclui que nós devemos orar. Para ele a oração era o diálogo com Deus. “A oração é a luz, o calor, o alimento a vida da alma humana. A alma definha e sofre se não respira esse ar do céu”. “Quem não reza não tem alma. Não compreende não sente, não ama”. “Na oração o homem fala e Deus ouve, o homem ordena e Deus concede; digamos com ousadia: o homem manda e Deus obedece”. “A oração é a parte mais viva, mais forte, mais poderosa do apostolado” (Scalabrini).
2. *A Eucaristia.* A Eucaristia ocupou um lugar central na vida de Scalabrini. “A Eucaristia obra-prima da mente e do coração de Deus, o centro de nossa religião” (Scalabrini). Impressionava a todos a maneira como celebrava a Santa Missa e fazia a adoração eucarística, como testemunha o seu secretário Spallazzi: “Milhares de vezes surpreendi-o com os joelhos por terra, prostrado diante do Santíssimo Sacramento”. Aquilo que ele fazia pedia aos seus sacerdotes e às paróquias que fizessem.
3. *A cruz de Cristo.* Scalabrini foi um grande devoto da cruz de Cristo. Via na cruz a escola do amor de Jesus. “A cruz nos grita: amor” (Scalabrini). Contemplava o amor de Jesus na cruz. Via na cruz “O sinal da redenção universal elevado no meio dos povos” (Scalabrini). Repetia seguidamente: “Amemos a cruz de Cristo, amemos as nossas cruzes” (Scalabrini). Ele sempre quis ser um “discípulo de um Deus pobre, humilde e crucificado” (Scalabrini). Via na cruz a sua “tábua de salvação” (Scalabrini). Sempre unia as cruzes, as penas, os sofrimentos e até as doenças à cruz de Cristo. Tinha convicção de que Deus educa através das cruzes da vida, das penas, das tribulações, das angústias e até dos sofrimentos físicos. Tinha

o costume de apertar a cruz peitoral no peito: “Oh quantas vezes aperto-a ao peito, levando os olhos ao céu” (Scalabrini). Comovia-se quando entregava a cruz aos missionários que partiam: “Esperam-vos, bem sei, grandes fadigas, perigos não leves, muitas tribulações, lutas e sacrifícios, mas não temais, acompanha-vos a cruz. Nas aflições, nos desânimos, nas desilusões, apertai ao coração a cruz que vos entreguei” (Scalabrini).

4. *Maria*. Scalabrini nutriu uma grande devoção a Maria. Sempre viu Maria ligada a Jesus: “Quem ama Maria ama Jesus e não pode amar verdadeiramente a Jesus quem não ama a Maria. Jesus e Maria jamais são separados no pensamento e no afeto do crente” (Scalabrini). A devoção a Maria é “um degrau para chegar a Deus”. “O coração de Maria é o espelho, o retrato fiel do coração de Jesus” (Scalabrini). Assim como Scalabrini unia Maria a Jesus, também a unia com a Igreja: “É tão íntima a união entre Cristo, a Virgem e a Igreja, que não é possível separá-las. Dois amores nobilíssimos que inflamam nossos corações, o amor à Igreja e o amor a Maria; juntos se confundem” (Scalabrini). Rezava sempre o rosário, celebrava com grande solenidade as festas marianas. Convidava a todos a imitar Maria: Maria e suas virtudes são para serem imitadas. “Observai como ela se comporta e procurai retratá-la em vós mesmos” (Scalabrini).

3. A Espiritualidade dos Nossos Missionários

O carisma de Scalabrini, sua missão e sua espiritualidade foram vividos pelos seus missionários. Como eles viveram a sua espiritualidade ao longo da história também faz parte do patrimônio da espiritualidade scalabriniana. No início o Fundador imprimiu mais nos seus padres a espiritualidade da Igreja, que devia animar a vida dos missionários, insistindo também sobre as práticas que ele mesmo vivia. A missão e a espiritualidade dos primeiros missionários se expressaram pela oração, pela vida pessoal, pela vivência dos sacramentos, pelas devoções, pelo zelo pastoral, pelo espírito de sacrifício e pela solicitude com os migrantes, fazendo-se migrantes com os migrantes. Em São Paulo viveram missionários itinerantes, andando de fazenda em fazenda,

voltando para a comunidade depois de uma temporada de andanças, para encontrar os coirmãos, fazer o retiro e descansar. Nas colônias do sul, a partir de uma sede paroquial, o missionário se deslocava de povoado em povoado, vencendo distâncias, atravessando matas. Quase sempre vivia sozinho. Os encontros comunitários eram poucos, mas muito gostosos, como afirmou o padre Antônio Serraglia: “Nós padres nos encontramos poucas vezes, mas quando nos encontramos é uma festa”. Scalabrini ao visitar os missionários no Brasil só teve palavras de admiração: “Agora que vejo como são as coisas, devo chamá-los verdadeiramente de heróis”.

Certa itinerância esteve sempre presente na abertura das missões em Santa Catarina, no Paraná, no Paraguai, no Pará, em Rondônia e no Acre.

Quando Scalabrini fundou a Congregação e enviou os missionários, tinha em mente, sobretudo manter a fé dos migrantes. Mas eles também tinham que prover às outras necessidades do povo: “Há um campo aberto ao vosso zelo. Lá, há templos para erguer, escolas para abrir, hospitais para construir, asilos para fundar. Há o culto do Senhor para prover, existem crianças, viúvas, órfãos, pobres doentes, velhos” (Scalabrini). Por isso a ação da igreja e dos missionários, atendeu às necessidades espirituais do povo, sem esquecer as outras necessidades.

Na década de 1950 houve entre os religiosos estudantes de Guaporé no Rio Grande do Sul um despertar para a missão com os migrantes internos, mas ainda não significou uma descoberta da espiritualidade de Scalabrini.

Em meados da década de 1960 aconteceu entre os religiosos do Seminário São João XXIII um olhar privilegiado aos pobres, ao migrante interno, ao Fundador e à própria espiritualidade scalabriniana. Nasceu a Equipe Scalabriniana dos Migrantes (ESMI). O espírito scalabriniano chegou com força. Renovou a missão e a espiritualidade não só dos religiosos seminaristas, mas também dos religiosos sacerdotes.

Quando a Congregação ampliou a sua finalidade, animada pelas novas Regras de Vida, pelos Capítulos Gerais, pela descoberta de Scalabrini,

de olhos fixos em Jesus e ela se abriu a todos os migrantes, agregou novas dimensões em sua espiritualidade como a comunhão na diversidade, a acolhida e a itinerância.

No último Congresso de espiritualidade, cada Região, cada Província expressou a sua espiritualidade a partir dos diversos testemunhos e dos próprios contextos, mostrando que a espiritualidade se encarna e brota nos diversos contextos e estes, por sua vez, se tornam fontes da espiritualidade.

Os missionários de hoje vivem da espiritualidade scalabriniana que lhes foi dada, mas ao mesmo tempo, criam novas facetas desta espiritualidade.

A espiritualidade scalabriniana está bastante definida em suas linhas gerais, mas ela é dinâmica, vai se completando através da vida de cada missionário e dos diversos contextos migratórios.

4. Anúncio de Céus Novos e de Terra Nova

A vida dos migrantes nos leva a uma espiritualidade de peregrinos. Os migrantes estão sempre a caminho. São animados pela esperança, pelo futuro. Como eles, somos todos estrangeiros nesta terra. Vivemos aqui, mas buscamos céus novos e terra nova. O Papa Francisco ao anunciar o Ano Santo, chamou a todos de ‘peregrinos de esperança’ e disse: “Sentimo-nos todos peregrinos na terra onde o Senhor nos colocou”. O nosso último Capítulo Geral convidou-nos a viver como “Peregrinos de esperança, caminhando na caridade”. Os migrantes se movem pela esperança. Por isso a espiritualidade scalabriniana, que brota da vida dos migrantes tem também a dimensão escatológica: buscamos novos céus e nova terra.

A Carta aos Hebreus referindo-se aos patriarcas da Bíblia nos diz que “Todos eles morreram na fé. Não conseguiram a realização das promessas, mas só as viram e saudaram de longe, e confessaram que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra” (Heb 11,13). São Pedro afirmou: “Amados, vocês são peregrinos e forasteiros” (1Pe 2,11). São

Paulo aponta para uma nova pátria: “A nossa cidadania, porém, está lá no céu, de onde esperamos ansiosamente o Senhor Jesus Cristo como Salvador” (Fil 3,20). A Carta a Diogneto, escrita no ano 120, declarava que: “Os Cristãos vivem na sua pátria, mas como se fossem forasteiros; participam de tudo como **cristãos** e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é sua pátria, e cada pátria é para eles estrangeira”.

Somos todos peregrinos nesta terra. Como os migrantes buscam novas terras e novas pátrias, assim a espiritualidade scalabriniana aponta para céus novos e terras novas.

A ESPIRITUALIDADE NA VIDA DE SÃO JOÃO BATISTA SCALABRINI

Ir. Analita Candaten, MSCS

Introdução

Fazendo memória do Congresso Internacional sobre a Espiritualidade Scalabriniana, realizado em Roma, de 09 a 14 de outubro de 2023. A assessora de um dos temas, *“Espiritualidade. A hora Décima”*, afirmou que a espiritualidade não é um termo moderno ou vago, mas um horizonte acolhedor e bendizente, e lembrou que o I Congresso Internacional da Vida Consagrada, realizado em Roma em 2004, tinha um horizonte fascinante, “exploradores de poços e caminhos”.

Para nós, latino-americanos, a expressão “exploradores de poços e caminhos” faz lembrar um livro de Gustavo Gutierrez, que fez história, *“Beber em seu próprio poço – O itinerário espiritual de um povo”*, publicado em 1983. Acredita-se que ele se inspirou na expressão de Bernardo de Claraval (+1135), o qual afirmava que, ao se tratar de experiência espiritual, cada um deve “beber em seu próprio poço”.

No final do Congresso Scalabriniano, consolidou-se a convicção de que nós temos o nosso poço espiritual scalabriniano. Não é necessário explorar outros poços, mas sim, cavar mais profundamente o nosso poço, porque ele é genuíno, tem água cristalina, pura, de boa qualidade. Beber desta água alimenta a nossa espiritualidade cotidiana, vivida nos mais variados contextos em que estamos inseridos no mundo.

Sabemos que as grandes espiritualidades na vida da Igreja se mantêm voltando constantemente às suas fontes. É o “beber em seu próprio poço”. E, para nós Scalabrinianos, “somente uma espiritualidade específica, concebida como vida que deixa espaço à ação do Espírito Santo, na realidade dos contextos cotidianos, pode revestir de

profecia a nossa presença na Igreja e no mundo e, assim, revitalizar a nossa missão com e para os migrantes nas igrejas locais”³.

Precisamos beber desta água para revigorar nossa vida e missão, mas também para dar de beber a tantas pessoas que partilham conosco o carisma scalabriniano. O carisma não é só da família scalabriniana, ele é de toda a Igreja e permeia a vida de tantas pessoas leigas que já internalizaram este carisma e o vivem de forma tão convincente.

O legado carismático que Scalabrini nos deixou é o dom da missão e da espiritualidade, duas dimensões inseparáveis, que precisam ser integradas, presentes em seu brasão episcopal. Por isso, vamos procurar tirar mais água do nosso manancial scalabriniano, trazendo presente elementos da espiritualidade de nosso Santo Fundador/Inspirador, São João Batista Scalabrinini.

Com a sua canonização, a Igreja proclamou-o santo, modelo de vida para todos. O seu legado espiritual não é só nosso, é da Igreja, é de todas as pessoas que o admiram pelo modo como o Espírito guiou a sua vida. Em uma de suas cartas a Bonomelli afirma: “Uma dose de espiritualidade e da refinada é o remédio para todos os males. Acredite!” “Se pudesse santificar-me, fazer-me santo” (24.01.1897 – Scalabrini). Este desejo de santidade não o viveu isolado dos outros, mas atraindo o povo e, em particular, os sacerdotes.

E nós, que escolhemos seguir Jesus Cristo no caminho traçado por Scalabrini, é um imperativo conhecer, aprofundar e fazer nossa a sua herança espiritual, para que continue viva e seja parte perene de nossa espiritualidade, dando-nos uma identidade espiritual como missionários scalabrinianos.

1. O Legado Espiritual de Scalabrini

Para delinear alguns traços da espiritualidade de Scalabrini, é necessário inseri-lo no contexto da ascética e mística vividas a partir do século XVII. Ele é filho de seu tempo, quando a santidade era reduzida a um

combate interior, desconectada com o mundo exterior, à qual faltava os grandes princípios inspiradores da doutrina evangélica. Os santos eram considerados seres excepcionais, possuídos de virtudes heroicas que agiam sob a influência da graça santificante. A moral que dominava os exercícios de piedade tinha pouco ou nada de princípios evangélicos. A Palavra de Deus era reduzida a uma espécie de suporte ao crer e ao agir, e não constituía o coração da experiência cristã que vem da Palavra revelada.

Apesar de compartilhar a espiritualidade de seu tempo, Scalabrini soube ir mais longe. A sua genialidade é viver em uma realidade imersa em categorias ideais de espiritualidade, de áridos preceitos e através de sua personalidade elevar esta experiência a um nível mais alto, com um impulso espiritual quase conatural nele. Scalabrini praticou a ascética, mas a ênfase estava na vida interior; cultivou algumas devoções, mas a ênfase estava na oração; era um homem piedoso, mas o objetivo era conformar-se com Cristo em tudo.

Possuía uma personalidade altamente dotada de atitudes humanas e rica de fé, mesmo aceitando os resultados científicos em um período de imperante positivismo científico, que não deixava espaço ao sobrenatural e sobretudo ao milagre. A ciência passava a galgar cada vez mais o lugar anteriormente ocupado por Deus. A sociedade europeia anticlerical e antirreligiosa queria eliminar tudo o que era religioso, visto como um inimigo do progresso.

Neste contexto, Scalabrini se impôs com autoridade por sua forte potencialidade espiritual e humana, pelo equilíbrio entre oração e ação, por uma espiritualidade que vai além de suas devoções. Por isso, devemos voltar o nosso olhar para Scalabrini como um santo que viveu a experiência da fé movido pelo Espírito. É a sua experiência de vida no Espírito, tal como nos foi transmitida através de suas iniciativas, de suas obras e dos seus escritos, que devemos reconsiderar para compreender o legado que nos deixou.

É a mesma espiritualidade que o anima como bispo, fundador, homem comprometido com as questões sociais, envolvido nos

acontecimentos da vida eclesial e da história do seu tempo. Vejamos alguns traços essenciais que marcaram, predominantemente, a sua espiritualidade.

1.1. Conformer-se com Cristo: Espiritualidade Cristocêntrica

A prioridade que Scalabrini atribuía à oração na vida e na ação, na santificação da pessoa e do povo de Deus, portanto, tanto na ascética como no apostolado, é toda fundada sobre a meditação do Verbo Encarnado e, conseqüentemente, na união contemplativa e afetiva com Cristo.

Para Scalabrini, Jesus Cristo era o centro de sua vida e a progressiva configuração com Ele levou-o a um estilo de espiritualidade baseado numa profunda vida de fé e de retidão do coração, isto é, de uma constante e total orientação para Deus, que era a alma de sua vida exterior. Ele mesmo afirmava: “faz-se verdadeiramente por fora, quanto se vive por dentro”. Pregava que o Evangelho devia ser aplicado à vida de tal modo que as ações sejam como reflexo interior, daquela luz que vivifica e ilumina o espírito⁴.

Scalabrini em seus inúmeros escritos descreve Jesus Cristo como o amigo, o homem cheio de bondade, o salvador, o pastor amoroso que vai em busca da ovelha perdida, o pai afável que corre ao encontro do filho pródigo, que faz o que vê o Pai fazer, ou seja, ter misericórdia! É Jesus que alivia quem está cansado, que veio para salvar não para condenar, para buscar os doentes e curá-los, para dar plenitude de vida.

Insistia em seu desejo de santidade no cotidiano da vida, no cumprimento do seu papel de bispo. “Um bispo deve, em cada ação, ser movido pelo Espírito Santo, deve se fazer violência, para ser santo”. E esta santidade consiste em conformar-se com Cristo.

E recomenda aos fiéis a união com Cristo: “É necessário que Jesus Cristo viva em nós, que Ele opere continuamente em nós.

Jesus vem à terra para fazer-nos viver a sua vida, para tornar-nos uma única coisa com Ele”. “Não somente devemos viver em Jesus Cristo, mas, ainda Ele mesmo deve ser nossa vida e viver em nós. Viver em nós, com seu espírito, com sua graça, com a marca de seus mistérios”.

“Amai Jesus, permanecei unidos a Ele. Toda a perfeição do cristão está, exatamente, na união com Jesus Cristo. Jesus seja o espelho, o modelo, o selo. Ele a proferir as sentenças, a traçar os caminhos, a decidir as escolhas; Ele a governar, a dirigir, a dominar nossa vida”.

A espiritualidade cristocêntrica de Scalabrini também foi definida como “*espiritualidade da encarnação*”. Para ele a espiritualidade consistia essencialmente na vida de fé, que é viver as três virtudes teologais, que usando uma expressão dos Padres gregos chamava de “divinização”.

O Deus de quem Scalabrini era adorador e servidor é aquele que pela Encarnação entrou no mundo e assumindo a nossa natureza humana, começou o processo da divinização. A Encarnação do Verbo, divinizando a humanidade de Cristo, divinizou toda a humanidade. A divinização é a conformidade com o Verbo Encarnado e Scalabrini também a almejava, e está expressa em seus propósitos: “Elevar-me, nobilitar-me, purificar-me, divinizar-me”.

Ao falar da Encarnação, Scalabrini afirma que Jesus Cristo assumiu a nossa humanidade para sentir mais profundamente a compaixão e experimentar em si mesmo as aflições, as misérias, as dores daqueles que ama. Pela fé, em Cristo vemos Deus, que vem ao encontro da humanidade, para que a humanidade possa ir até Deus (*a escada de Jacó no seu brasão episcopal*).

Concebia a vida individual do cristão, a vida da Igreja e a história humana como continuação e extensão da Encarnação. Portanto, Jesus Cristo continua a sua Encarnação através de nós, da Igreja e da história humana.

Continuação e extensão da Encarnação em nós

Cristo continua a sua encarnação através de nós, que nos tornamos instrumentos de seu amor. Em Cristo não só nos tornamos filhos de Deus, mas somos extensão da Encarnação. Nós somos esta carne, estes ossos, esta natureza. Cristo se prolonga em nós e através de nós se prolonga o amor do Pai. Cristo se encarna em nós e a nossa humanidade se torna o instrumento de seu amor. Aceitando e vivendo o dom de seu amor, emprestamos a nossa humanidade a Cristo para que, nessa e por meio dessa, Ele continue a pensar, a falar, a ser mediador, a glorificar o Pai.

Continuação e extensão da Encarnação na Igreja

A Igreja é na terra a Encarnação permanente do Filho de Deus, a continuação perpétua da obra do Redentor e do santificador das pessoas. Como Cristo desceu até o ser humano, assim toda a Igreja se debruça sobre a pessoa ferida e se compromete com a condição humana na sua fragilidade e com a realidade.

Continuação e extensão da Encarnação na história humana

Scalabrini, à luz da fé, que é a luz do Verbo, lê na história da humanidade e do mundo a história da salvação. A história é um contínuo vir-a-ser, em contínuo e irreversível progresso e o verdadeiro progresso não é outro que Jesus Cristo. A história visa cumprir as palavras de Jesus: Que todos sejam um. De modo particular, ele vê realizar-se o advento do Reino de Deus no fenômeno histórico e social da emigração, mesmo reconhecendo os aspectos negativos.

1.2. Amar a Igreja: Espiritualidade Eclesial

Scalabrini era um homem da Igreja e para a Igreja. Afirmava ser a Igreja a extensão da Encarnação no decorrer dos séculos, imagem de seu Fundador. Sua vida emana diretamente de um princípio divino, que informa e governa o seu organismo humano, a totalidade dos fiéis. Assim, é uma sociedade de natureza inteiramente diversa das outras porque sociedade terrena-celeste, portanto, verdadeira imagem do seu Fundador, Homem e Deus ao mesmo tempo.

Considerava a Igreja a continuação perpétua da obra do Redentor na terra. Jesus Cristo colocou na Igreja a sua graça, a força profunda que lhe imprime o movimento e a vida. A Igreja teve sua origem no Pentecostes e por isso ela é um Pentecostes prolongado através dos séculos. “Somos em Jesus Cristo, um só Corpo”.

Scalabrini desenvolveu uma consideração espiritual da Igreja e uma ideia da Igreja cada vez mais caracterizada pela missão. Quanto mais amadurece o ardor de Scalabrini pelos migrantes, mais desenvolve a ideia da Igreja próxima do povo. Perdem-se as características triunfalistas e a Igreja encontra-se ao lado das pessoas, em particular dos que sofrem. “Onde está o povo que trabalha e sofre, aí está a Igreja, porque a Igreja é a mãe, a amiga, a protetora do povo”⁵.

Scalabrini buscou constantemente a proximidade com o seu povo, conhecer *in loco* o seu rebanho; o estado de ânimo das pessoas, muito além das relações e das estatísticas; não espera que o procurem no episcopado, é ele que vai encontrar os seus nas suas casas, nos campos, nas oficinas, nas escolas e nas associações; vai em busca dos afastados do redil espiritual, disposto a enfrentar dificuldades e críticas, desde que recupere uma alma para Cristo.

Dizia que “a mais bela consolação que um bispo possa provar é conhecer de perto todos os seus filhos amados e ser conhecido por eles”. Afirmava também: “colocar-se de joelhos diante do mundo para implorar, como graça, a permissão para lhe fazer o bem, eis o espírito, o caráter, a única ambição do bispo”⁶.

Planejou um conhecimento minucioso da realidade das paróquias, que visitou cinco vezes nos vinte e nove anos de episcopado. Era incansável na administração dos sacramentos, na pregação, na educação do clero e das pessoas para o amor à Igreja e ao Papa, no culto da verdade, da unidade e da caridade.

5 A emigração italiana na América, Piacenza 1887.

6 Discurso no Jubileu episcopal de Mons. G. Bonomelli, Cremona, 1896.

Uma expressão concreta da sua espiritualidade, imbuída de amor à Igreja, foi também a sua obediência incondicional ao Papa, apesar de algumas diferenças de opinião, e por isso a recomendação aos seus missionários de obediência e união com o Papa e o bispo: “Dóceis em tudo, aos ensinamentos do bispo, observantes exatos de suas prescrições, sempre prontos às suas pretensões e também aos seus desejos, e eles estarão mais prontos à vossa pretensão e desejos. Em união com o bispo, far-se-á mais estreita e mais forte, a união que deveis ter com o Papa”⁷.

Ser missionário exige despojamento, a exemplo de Jesus. “Deus, para nos salvar, desceu do céu à terra. Fez-se homem, sofreu a morte e a morte de cruz, e eis o missionário católico, a exemplo de Jesus Cristo, abandonar o que tem de mais querido, pátria, parentes, família, ofícios honoríficos e lucrativos, atravessar oceanos tempestuosos, expor-se a mil perigos, abraçar uma vida de privação e de sacrifícios, para salvar uma só alma”.

1.3. Praticar a caridade: Espiritualidade da Doação

Scalabrini testemunhou a virtude da caridade, a principal de suas virtudes. O papa Bento XV expressou que a caridade o levou a procurar novos rebanhos nos longínquos emigrados italianos e o definiu “príncipe da caridade”⁸. Viveu esta virtude na totalidade, especialmente, no desempenho de sua missão como bispo. No dia de sua consagração episcopal, recebeu do Papa Pio IX o báculo com a inscrição: *Charitatis potestas* (o poder da caridade). Ao entregá-lo disse: “Seja esta a regra do seu governo espiritual”. E a caridade, mais do que a regra do seu ministério episcopal, foi também a sua principal característica. Podemos afirmar que foi um homem de caridade heroica, que amou o próximo a ponto de se dar “*tudo para todos*”.

Nas palavras de uma testemunha: “Dom Scalabrini foi o homem da caridade paciente e benigna, que não busca as próprias coisas, que

7 Aos missionários para os italianos nas Américas, Piacenza 1892.

8 Mensagem por ocasião do 10º aniversário de morte de Scalabrini, 1915.

tudo crê, tudo espera, tudo suporta: o homem a quem cabe a frase do Eclesiástico: ‘Este foi o homem misericordioso e a sua caridade não foi esquecida’” (44,10). A sua caridade não tinha limites.

No jubileu episcopal de seu amigo Bonomelli transparece o homem espiritual ao afirmar:

“Deus é caridade e quanto mais uma alma for unida a Deus, tanto mais existe nela a plenitude de caridade. Eis porque o bispo não ama apenas a Deus, não ama só os irmãos, mas ama, outrossim, tudo o que é digno de amor. Tudo, sem exceção. Ele ama cada coisa verdadeira, cada coisa bela, cada coisa grande, cada coisa boa, cada coisa santa: matéria e espírito, razão e fé, natureza e graça, civilização e religião, Igreja e Estado, família e pátria. Ele ama todas as harmonias da natureza humana, e as ama porque não pode deixar de amá-las; porque, no seu coração, unidos pela plenitude do Espírito Santo, Deus, verdade, beleza, bondade, vida, amor por essência não podem ser, senão, plenitude de amor”⁹.

Afirmava que Deus é caridade e quando se diz de um homem que foi caridoso, tudo está dito. É o elogio mais esplêndido. E elogiava a caridade: “A caridade, a grande lei do cristianismo, deve resplandecer sobre nossa fronte e ser árbitro e senhora do nosso coração”¹⁰. Em momentos de grandes dificuldades financeiras, Scalabrini não hesitou em vender bens pessoais, como os cavalos, o cálice de ouro, presente de Pio IX; a cruz peitoral, e de transformar a sua casa em ponto de reabastecimento para os pobres e necessitados da cidade.

Como todos os santos, sentia-se pecador e por isso fazia uso frequente do sacramento da reconciliação e estava entre seus propósitos fazê-la todas as semanas. Fazia penitência para se mortificar, mas estava convencido de que “o cilício do padre deve consistir mais no cumprimento exato de todos os seus deveres e na resignação

⁹ Discurso no Jubileu episcopal de Mons. G. Bonomelli, Cremona 1896.

¹⁰ Palavras na ocasião do desastre na ilha de Ischia, 04.08.1883.

diante das muitas cruzes e grandes sacrifícios que se encontram no ministério”.

Scalabrini concretizou seu amor a Deus na caridade heroica, não apenas nos grandes eventos, nas carestias, nos terremotos, nas pestes, mas também amava os pobres de cada dia, por serem esquecidos ou explorados. Prestou atenção especial a algumas categorias de pobres, entre eles os afamados, os doentes de cólera, os nobres arruinados, os surdos-mudos, os pobres no hospital, os presos, os clérigos que não podiam arcar com as despesas da vida no seminário, as pessoas que anualmente iam para a colheita e descascamento do arroz, os migrantes.

Soube ler a realidade e interpretar os sinais dos tempos, dos lugares e das circunstâncias da vida no cotidiano, com a sabedoria da razão e a inteligência da fé. A intervenção a favor dos migrantes foi a mais abrangente e duradoura. Pesquisou as causas, envolveu autoridades civis e religiosas e a sociedade civil, forneceu uma visão global da questão e propôs intervenções que visavam não apenas trazer um benefício temporário, mas oferecer soluções duradouras. Preocupou-se com os vários aspectos da vida do migrante: o religioso, o cultural, o educativo, a proteção contra abusos. Convencido de que a emigração não seria um fenômeno passageiro, pensa na necessidade de instituições duradouras e funda duas congregações religiosas, os missionários e as missionárias de São Carlos e a Sociedade São Rafael.

Possuía uma ilimitada confiança na Providência, mas isso não significava que fosse ocioso. Conseguia envolver as pessoas ricas, que podiam contribuir para suas obras de caridade. E isso foi particularmente evidente em momentos de grave necessidade e para com as categorias de pessoas que atraíam sua piedade. Pode fazer muito porque tinha uma grande, mas não ingênua, confiança na Providência. “Sempre foi animado pela mais forte esperança na Divina providência: mas nunca negligenciou todos os meios que a prudência e a sabedoria sugerem”¹¹.

Muitos testemunharam como recebesse muito, mas não guardava nada, tanto que preocupava quem tinha que manter a casa. Sempre conservou o coração desprendido do dinheiro. Estava convicto de que o dinheiro é como o sangue, somente circulando traz benefícios. Privou-se de tudo e morreu pobre, embora tenham passado em suas mãos muitos milhões, sempre aplicados em obras a favor dos mais necessitados. Por isso foi chamado o bispo de “mãos cheias e bolsos vazios”. Sua irmã Luisa testemunhou: “*non aveva mai un soldo*”. Suas palavras não admitiam réplica, porque testemunhadas por uma pobreza que o acompanhou até a morte e deixou em seu testamento: “Vim pobre para Piacenza e pobre parto para o outro mundo! O pouco que verdadeiramente me pertence será suficiente para saldar as dívidas e pagar os meus funerais que, peço, sejam muito modestos”!

Acima de tudo, Scalabrini se doou a si mesmo e norteou sua vida pelo lema, “*tudo para todos*”. Via na atitude de doação de si uma característica do sacerdote, reiterada na Carta sobre o Padre Católico de 1892, na qual aplicava ao sacerdote a mesma atitude de doação pela salvação do mundo que havia aplicado ao bispo. E recomendava aos sacerdotes: “Compadecei-vos dos defeitos de todos, querei bem a todos, fazei o bem a todos, a todos sem exceção”¹².

Uma testemunha, durante o processo de canonização, afirmou o que fez com que a caridade de Scalabrini parecesse verdadeiramente heroica. Era movida por uma fé extraordinária e sustentada por uma esperança teologal liberta de todo egoísmo; total adesão à vontade de Deus, sobretudo, à luz do mistério da Cruz; extraordinária piedade eucarística; alegre doação aos irmãos no serviço episcopal; fundação de instituições em favor dos emigrantes, objeto de sua paixão apostólica; feliz sacrifício de todo bem temporal a serviço dos pobres, dos doentes, dos presos, dos emigrantes; generosa e nobre concessão de um perdão pleno, mesmo às pessoas que mais o fizeram sofrer.

1.4. Buscar a União: Espiritualidade de Comunhão

Coerente com uma vida orientada para a conformidade com Cristo, Scalabrini sempre trabalhou pela unidade e pela comunhão de todos em Deus. Viu-se envolvido em muitas situações conflitivas em sua própria diocese e no contexto nacional, especialmente no conflito entre transigentes e intransigentes. Mas, em todas essas situações trabalhou pela conciliação. Porém, nunca uma conciliação em detrimento da verdade: “Gostava de dizer a verdade a todos com franqueza apostólica, mesmo quando era difícil, e o fazia com tanta caridade e com tanta graça que a maioria não se aborrecia”¹³.

Scalabrini viveu a conciliação que pregava e buscava. Já havia apresentado a figura do bispo como instrumento de conciliação com Deus: “Pois bem, o bispo é como uma passagem, uma ponte lançada pelas mãos de Deus feito homem sobre este abismo, exatamente para unir a criatura ao Criador, a terra ao céu, os homens a Deus”¹⁴. Dele dizia Dom Orione: “Era uma pessoa que não perdia a oportunidade para fazer de si mesmo uma ponte, com o santo propósito de conciliar e unir, o máximo possível, os filhos ao Pai comum dos fiéis”¹⁵. Ele o definiu o ‘apóstolo da reconciliação e do diálogo’, um homem que procurava entrar no campo adversário salvando o essencial e cedendo tudo quanto podia, no intuito de ganhar os ânimos e realizar o maior bem possível.

Nos tempos de conflito entre a Igreja e o Estado italiano, Scalabrini fazia parte daqueles cristãos, sacerdotes e bispos que procuraram a *conciliação* autêntica entre o Estado Italiano que nascia e o Estado Pontifício que perdia os territórios e a ‘influência’.

Sempre manteve um relacionamento de respeito, submissão e de amizade com os Papas nos seus 30 anos de ministério episcopal. Porém, sua fidelidade foi colocada duramente à prova pelos acontecimentos

¹³ XXV aniversário do Instituto dos Missionários de S. Carlos, Roma 1912, p. XIV.

¹⁴ Discurso no Jubileu episcopal de Mons. G. Bonomelli, Cremona 1896.

¹⁵ Processo diocesano, 1941.

que marcaram o seu tempo. Com a unificação política da Itália, depois da conquista dos estados pontifícios e a tomada de Roma (1870), as relações entre a Santa Sé e o governo italiano se romperam. Com a “questão romana”, vieram todos os problemas de diálogo com o mundo, de conciliação entre fé e cultura, Igreja e Estado, tomistas e rosminianos, transigentes e intransigentes e a participação dos católicos na vida pública, social e política.

Ele sustentou, diante da Santa Sé, a oportunidade de os católicos participarem das eleições políticas. Entendia que este passo teria significado um bom caminho para se chegar, ainda que lentamente, à reconciliação da Igreja com a Itália, ou melhor, com a sociedade. Também sustentava que a Santa Sé deveria aceitar uma área geográfica limitada, suficiente para salvaguardar a independência e a liberdade do magistério apostólico. Tocar na questão da unidade do povo italiano, recém alcançada, como pretendiam os “intransigentes”, seria contraproducente para a própria Igreja.

Havia também em seu tempo um progressivo distanciamento entre o campo da cultura, da ciência, do trabalho e o campo da fé. Scalabrini insistia na conciliação entre fé e razão, natureza e graça, Igreja e Estado, sociedade e indivíduo.

A atitude de Scalabrini foi sempre marcada pela coerência entre a obediência ao Evangelho, a abertura aos “sinais dos tempos” e a fidelidade à Igreja de Cristo. Diante de posições contrárias da Igreja, a Scalabrini não teria restado senão obedecer e calar, com sacrifício e espírito de fé. Contudo, não podia e não devia renunciar a um ideal que sempre foi uma das maiores aspirações de sua vida; por isso, a partir de então, passou a promover a reconciliação, unindo as forças vivas da Igreja e da sociedade em torno do migrante.

Ele via nas migrações um terreno concreto para realizar uma reconciliação possível, porque era necessária uma colaboração entre as duas instituições para o bem dos migrantes. O Estado, muitas vezes, via as migrações como ocasião de conflitos e divisões. Scalabrini tinha

uma visão mais ampla e via nela um fator que contribuía para a união de tudo em Deus.

Anos depois, não deixa de ser significativa a apreciação feita por Luís Guanella, que passava por intransigente: “A Igreja é como um exército: uns pertencem à vanguarda, outros ao centro, e alguns à retaguarda. Dom Scalabrini estava na vanguarda, mas sempre com o Papa”.

Mais esclarecedora ainda é a visão que o Papa Paulo VI manifestou sobre este difícil período histórico, dirigindo-se a um grupo de missionários scalabrinianos:

“Vocês me dão a oportunidade propícia para render homenagem à memória do vosso Fundador. Célebre por algumas suas posições que, podemos dizer, anteciparam os acontecimentos da história dos católicos na Itália, teve pontos de vista particulares, então muito discutidos, mas de longo alcance, quanto à posição do Papado no Estado Italiano, e a participação, na época proibida, dos católicos na vida pública da nação. Jamais aprovou a fórmula em vigor: *“nem eleitos, nem eleitores.”* Se isso lhe valeu grandes discussões, também lhe valeu o mérito de ter intuído qual devia ser a posição dos católicos em nosso país (16.10.1968)”.

Coerente com o seu modo de viver, Scalabrini recomenda a união aos seus missionários. União, antes de tudo, em Cristo: “Portanto, união, ó queridos irmãos e filhos, união com Jesus Cristo antes de tudo. E esta união vós a conseguireis alimentando em vós a fé, com exercícios contínuos de piedade e conservando viva em vosso coração a graça”¹⁶. E, depois, união entre coirmãos, porque sem esta união pouco se poderá fazer.

“Nenhuma classe de homens, por quanto rico de forças individuais, se não se submeter à grande lei da unidade, poderá fazer grandes coisas e muito menos o poderão os missionários... Por isso vos suplico pelo amor de Jesus Cristo e

pelo bem de nossos irmãos, não desagregueis as vossas forças, usando-as cada um por própria conta, e sem outro guia que a própria vontade, mas sejam unidos como uma só coisa: que sejam um. Unidos de pensamento, de afetos, de aspirações, como sois unidos para um mesmo fim”¹⁷.

Este espírito de união deveria também ser vivido com os outros missionários. “Paz, ó meus queridos, não somente entre vós, mas também com os irmãos de ministério. Pelas condições de apostolado, deveis estar frequentemente em contato com os sacerdotes e missionários de nacionalidades diferentes; deveis aproveitar de suas experiências. Usai para com eles a máxima deferência, amai-os de coração, respeitai-os sempre. Paz em casa e fora de casa, paz com todos”¹⁸.

1.5. Ser Missionário: Espiritualidade Missionária

Scalabrini manifestou a sua vocação missionária no início de seu sacerdócio, quando se inscreveu no Instituto *Missione Estere* de Milão. Este espírito missionário caracterizou toda a sua vida e sua pastoral e revelou-o no seu envolvimento com outros Institutos missionários e fundadores dos mesmos. Pio XI o definiu como um “bispo missionário”.

Em um discurso aos missionários que partiam, emerge a nostalgia da missão. Entre outras palavras expressa:

“O palpitar do coração, confesso-vos, parece-me que se tornou, pela fé, mais vigoroso e forte. A infinita caridade de Deus me abre o peito, sublima minha mente, à vista e no desejo do apostolado e, apertando ao peito a cruz de ouro do bispo, docemente quase me queixo com Jesus, que me tenha negado um dia, a Cruz de madeira do missionário e não posso deixar de vos expressar, ó jovens Apóstolos de Cristo, a mais alta veneração, de sentir uma santa inveja de vós, que com espírito forte vos consagrastes à santa obra das missões (28.11.1887)”.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

Concebia a sua ação como bispo num sentido missionário. Em sua primeira Carta Pastoral, anunciou qual seria o seu apostolado: “Não evitarei fadigas, para tornar-me pai dos infelizes, preceptor dos ignorantes, reitor dos sacerdotes, pastor de todos, a fim de que, fazendo-me tudo para todos, possa ganhar todos para Cristo”¹⁹.

Ele não deixava nada sem tentar fazer e utilizava todos os meios que tinha à disposição, para que o Reino de Deus sobre a terra se tornasse uma realidade visível. Cultivava qualquer possível aliança que o ajudasse a conseguir o que desejava. Sua sensibilidade social também o levou a fazer próprios os grandes problemas da classe operária. Pressentia que essa se teria afastado definitivamente da Igreja se não se abrisse às suas justas reivindicações.

Em uma carta pastoral de 1891, publicada logo após a encíclica “*Rerum Novarum*”, de Leão XIII, afirmava:

“Mais do que a outros, compete precisamente a nós, homens da Igreja, esta missão de paz e de regeneração social! Eu quisera que o entendessem todos os membros do meu clero: em nossos dias, é quase impossível reconduzir a classe operária à Igreja, se não mantivermos com ela um relacionamento constante fora da Igreja! Devemos sair do templo, se quisermos exercer uma ação salutar dentro do templo! Precisamos ser homens de nosso tempo, vivendo a vida do povo, aproximando-nos dele com a imprensa, as associações, os grupos, os círculos operários, os patronatos para crianças, enfim, com toda a sorte de beneficência particular e pública! Meus amigos, o mundo caminha, e nós não podemos ficar para trás por algumas dificuldades formalísticas ou por ditames de uma prudência mal-entendida! Se não se fizer conosco, se fará sem nós e contra nós!”

Publicou o opúsculo “O Socialismo e a Ação do Clero”, onde sustentava corajosamente os direitos fundamentais dos operários

¹⁹ Carta Pastoral, 1876.

e dos agricultores. Prestou o seu apoio para que na diocese fossem constituídas Associações de Trabalhadores, Círculos Operários, Caixas Rurais, Caixas de Poupança, Sociedades de Mútuo Socorro e de Seguros, Cooperativas de Consumo etc.

Em 1903, juntamente com outros bispos da região, organizou a assistência aos milhares de migrantes sazonais que, todos os anos, partindo das regiões montanhosas da Liguria e da Emilia Romagna, se dirigiam para as planícies do Piemonte e da Lombardia, buscando trabalho nas plantações de arroz. Essa assistência, coordenada por um grupo de eclesiásticos e leigos, continuou durante mais de meio século.

Todavia, o campo mais vasto que o bispo de Piacenza encontrou para saciar o seu zelo apostólico e para oferecer aos leigos comprometidos, foi o das migrações. Colocou-se como defensor dos direitos dos migrantes e como um líder comprometido com a justiça social e o reconhecimento da dignidade humana em meio à exploração e desumanização que viviam.

Soube viver a missão na sua dimensão de anúncio fora dos limites da sua diocese. Era a própria missão da Igreja que o levou a fazê-lo, porque “a Igreja não esqueceu e não esquecerá nunca a missão que lhe foi confiada por Deus, de evangelizar os filhos da miséria e do trabalho”²⁰. Os filhos da miséria e do trabalho de seu tempo, a quem poucos prestavam atenção, eram os migrantes. Em relação a eles, provou compaixão, capacidade de ação, paixão pela transmissão da fé e uma visão profética em vista do Reino.

Aos seus missionários expressa que é um privilégio a vocação que receberam. É a vós, particularmente, que Ele repete também hoje aquelas confortadoras palavras: “*Eu vos escolhi e vos constitui, para que vades e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça*” (Jo 15,16). A um grupo de missionários que partiam (24.01.1889), transmite a sua profunda convicção, ou seja, na atividade missionária a oração/missão precisam

ser integradas: “A oração é a eficácia e a fecundidade da pregação evangélica; é a parte mais forte, mais poderosa do apostolado, como nos ensinou Cristo, soberano modelo de vida apostólica”.

Após alguns anos, Scalabrini visitou seus missionários e os migrantes, em duas longas viagens à América do Norte e América do Sul. Durante a última viagem ao Brasil (1904), costeando a África, ele novamente manifesta seu desejo de ser missionário e comovido até o pranto pensava e dizia: “Oh, por que nós sacerdotes não vamos evangelizar aqueles povos e espalhar com o nosso sangue a semente fecunda do cristianismo?”

2. Fontes de sua Espiritualidade

O Espírito foi o propulsor da vida de Scalabrini; inspirou-o e guiou-o a conformar-se com Cristo, a comprometer-se totalmente com a Igreja, continuação da obra redentora de Cristo, a amar a Deus e ao próximo com um amor inesgotável, a tornar-se instrumento de conciliação e de unidade e ser missionário, especialmente na missão com os migrantes.

Esta espiritualidade multifacetada de Scalabrini teve fontes nas quais se inspirava e que a nutriram e a sustentaram. São várias as suas práticas de piedade e de devoção e ele foi além delas, porque sua espiritualidade era cristocêntrica. Entre estas fontes estão as três grandes devoções que são um dos aspectos mais conhecidos do universo espiritual de Scalabrini: *Cristo Crucificado*, *Eucaristia* e *Maria*. Dedicava-se também à *Meditação* e à *Oração* assídua.

2.1. Cristo Crucificado

Ao conformar-se com Cristo, Scalabrini olha, antes de tudo, para o Cristo crucificado, de quem era devoto, devoção herdada de sua mãe e muito popular em Como. A cruz é o caminho pelo qual Cristo nos salvou, portanto, a cruz não deve ser evitada, mas abraçada para participar na salvação trazida por Cristo. Em seus propósitos escreveu de considerar as cruzes, as tribulações, as humilhações, os desprezos como meios preciosos de santificação. Incompreensões, sofrimentos físicos e morais não lhe faltaram nunca, por isso repete frequentemente

a expressão: *“Fac me cruce inebriari”*. “Não me queixar, não me entristecer, não desanimar: oferecer tudo em união às dores de Jesus Cristo”. Vivia a mística da cruz nas muitas dificuldades que teve que enfrentar e o primado do amor de Deus, era traduzido em experiência prática, em escolhas concretas, no amor ao próximo.

No Crucifixo, Scalabrini contempla o amor supremo de Cristo por nós. Dizia que Jesus crucificado é o centro do universo. É a aliança preciosa que une a obra do Onipotente ao Criador Divino. É a meta de todas as produções e de todos os desígnios da Providência. Cristo vence, Cristo reina, Cristo triunfa. Em meio aos cataclismas da história e aos frangalhos dos centros e das coroas, entre o nascer e a morte das instituições humanas, entre o surgir e o desaparecer de todas as heresias, entre o bramir dos mares bravios, no enfurecer do turbilhão, está a cruz.

A cruz fica em pé enquanto o mundo gira. Ela é a escola mais segura do Amor, defesa dos humildes, abatimento dos orgulhosos, a vitória de Cristo, a vida dos justos, a plenitude de todas as virtudes. A cruz é a esperança dos cristãos, a ressurreição dos mortos, a consolação do pobre, o lenho da vida eterna, a força de Deus.

A cruz é loucura para o mundo, mas para vós tornar-se-á sabedoria e vida. Ela é bálsamo para toda ferida, alívio para toda dor, sustento para toda fraqueza, conforto para toda fadiga, claridade para toda dúvida, luz para toda obscuridade.

Também aos seus missionários indica o crucifixo como companheiro indivisível de seus sofrimentos. “Não há, portanto, que temer se terão que enfrentar mil dificuldades, porque a cruz vos acompanha”. “Ide, portanto, ó generosos Apóstolos de Jesus Cristo, onde Ele vos chama. Acompanha-vos a cruz, sinal dos triunfos passados, penhor dos triunfos futuros. Esperam-vos grandes fadigas, graves perigos, tribulações, lutas e sacrifícios contínuos, mas não temais: acompanha-vos a Cruz”.

Na fundação da Congregação MSCS, às primeiras irmãs, no dia 25 de outubro de 1895, “o bispo, comovido até às lágrimas, benze os crucifixos

e voltando-se diz: Eis o vosso companheiro indivisível nas apostólicas excursões, o conforto, a força e a vossa salvação”.

Nas aflições, nos desânimos, nas decepções, abraçai a Cruz que vos entreguei. Com inteiro abandono nas mãos de Deus, levantando os olhos ao céu, repeti: “Inebria-me, ó Cruz”, não me gloriarei, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. O vosso coração se dilatará e a vossa alma se abrirá a todas as doçuras da esperança cristã, as vossas obras tornar-se-ão preciosas para o céu.

Unindo a Cruz e Eucaristia, Scalabrini soube atravessar também as situações mais difíceis e conflitivas que marcaram o seu serviço episcopal, transformando em frutos de bem, antecipação do reino de Deus.

2.2.Eucaristia

Scalabrini era um bispo eucarístico. Tinha uma devoção particular à Eucaristia. A própria Igreja reconheceu sua profunda devoção à Eucaristia e, no dia de sua beatificação (09.11.1997), o papa São João Paulo II, assim afirmou: “Profundamente enamorado de Deus e extraordinariamente devoto da Eucaristia, soube traduzir a contemplação de Deus e de seu mistério em uma intensa ação apostólica e missionária, fazendo-se tudo para todos para anunciar o Evangelho”.

Para Scalabrini, a Eucaristia “é obra-prima da mente e do coração de Deus, o centro de nossa religião, o ponto de contato onde o finito e o infinito, a natureza e a graça se unem, no inefável amplexo da verdade e do amor, por essência”²¹. Passava longas horas prostrado diante do Santíssimo Sacramento e costumava colocar as intenções sob o corporal em momentos difíceis. A celebração eucarística cotidiana era preparada e concluída com quinze minutos de oração e quis ser sepultado com o necessário para a celebração da missa, na esperança de poder celebrá-la ainda uma vez no dia da ressurreição.

Afirmava que de todas as práticas de piedade, boas e santas, a

missa supera todas, sendo de um valor infinito. Esta será sempre a devoção das devoções, o mistério dos mistérios, o vértice, a coroa, o centro, a alma da vida espiritual. Uma pessoa testemunhou que quando celebrava a Eucaristia se transfigurava, “parecia que ele visse verdadeiramente o Senhor”.

Para Scalabrini o viver a Eucaristia, memorial da Paixão, é conformar-se a Cristo Crucificado; é viver a nova aliança, da qual a Eucaristia é o sacramento; é viver a nova união com Deus estabelecida por Cristo com o sangue da Cruz.

Através do terceiro Sínodo Diocesano (1899), inteiramente dedicado a Eucaristia, colocou Eucaristia como o caminho para regenerar a sociedade, encorajou a devoção eucarística em toda a diocese e recomendou aos sacerdotes que a cultivassem por primeiro, porque a devoção eucarística é eminentemente sacerdotal. A adoração eucarística e a visita diária ao Santíssimo eram práticas frequentes na vida de Scalabrini.

Durante a sua viagem ao Brasil fez de tudo para poder celebrar: Ele mesmo relatou: “O mau tempo continua. Abalos violentos mesmo durante a missa. Entre os missionários há quem segure o cálice, quem o missal e quem o altar. Eu me mantenho como posso em equilíbrio”.

São inúmeros os seus escritos sobre a Eucaristia, dos quais destaca-se:

“Através da Eucaristia toda a terra passou a ser habitação do Homem-Deus. Agora Ele habita tanto nas basílicas das grandes cidades, como na rústica Igreja que lhe oferece o pobre camponês, agora tornou-se acessível a todos”.

“A Eucaristia é no mundo espiritual, o que é o sol, no mundo físico. Como tudo gravita, no firmamento, para este astro magnífico, cuja luz e calor difundem, por toda parte, fecundidade e vida, assim tudo gravita igualmente, para a augustíssima Eucaristia”.

“A Eucaristia é uma extensão da encarnação e também do sacrifício do

Gólgota. Nela temos um banquete admirável, o mais precioso e salutar. É a comida que alimentou nossa infância espiritual, fez crescer a nossa adolescência, corrobora a maturidade. A Eucaristia é a mais salutar de todas as devoções”. “A Eucaristia é a vossa estrela’.

2.3. Maria

Scalabrini foi muito devoto de Nossa Senhora, primeiro sob o título de Imaculada, tanto que definiu o século XIX como o século da Imaculada Conceição, e depois sob o título de Nossa Senhora da Assunção.

Afirmava que Maria Imaculada, diante do século XIX, é a humanidade regenerada, que volta para os braços de Deus; é a falange encantadora das mais escolhidas virtudes; é a vitória completa do espírito sobre a carne, é a emancipação do pecado, da humilhação, da escravidão, a proclamação da dignidade, da nobreza, da grandeza da natureza humana; é o mais doce conforto dos pobres e dos aflitos; é a salutar lembrança para os ricos a não colocarem o afeto nos bens da terra, mas nos bens do céu e a exercerem, para com os pobres de Jesus Cristo, as obras da caridade cristã.

Maria era venerada aos olhos dos Apóstolos, que viam encarnado nela o Espírito de seu divino Mestre e quase personificado Ele mesmo. Seus olhares voltavam-se para ela, como exemplo de todas as suas ações, modelo de suas vidas. Nos dias que permaneceu com os apóstolos, no Cenáculo, com que frequência, com que zelo, com que ardor ter-lhes-á falado do sublime valor do Espírito Santo que estavam esperando e da importância da sua missão, da excelência dos seus dons e da necessidade de dispor-se a recebê-lo dignamente.

É exatamente no dia de Pentecostes que Maria começou a exercer, sobre a terra, a maternidade espiritual que lhe foi destinada ao pé da cruz. Em Nazaré, o Espírito Santo a consagrou Mãe de Deus, no Cenáculo a consagrou Mãe da Igreja. Maria faz de ponte entre nós e Deus, ela é a mãe de Deus, a maior de todas as mães porque não

pode existir um filho maior que o Filho de Deus. Ela é a Rainha Mãe, porque é a Mãe do Rei.

As homilias proferidas no dia da Assunção são uma síntese do pensamento mariano de Scalabrini, um pensamento extraído dos escritos teológicos de seu tempo, mas com o objetivo pastoral de aumentar a fé em Jesus, através da devoção a Maria. Era fiel ao rosário cotidiano e entre seus propósitos indicava: “Entregar-me com coração maior à devoção a Nossa Senhora; jogar-me a seus pés, em seus braços maternos todos os dias!”

Scalabrini procurou incentivar na diocese a devoção a Maria, a imitação de suas virtudes, especialmente a fé, a humildade e a obediência. Deu uma atenção especial aos santuários marianos e fez a coroação de várias imagens de Maria, em algumas colocando o que ele tinha de mais precioso. Em Bedonia, na *Madonna di San Marco*, quis colocar na coroa as joias de sua mãe, para expressar o sentimento de filho amoroso que nutria no seu verdadeiro coração para com a Mãe celeste. No santuário em Rivergaro, na coroa da *Madonna delle Grazie*, Scalabrini privou-se das últimas pedras preciosas de sua mãe e de sua cruz peitoral, contentando-se com pedaços de vidro coloridos. Neste santuário, quase no final de sua vida, em ocasião da peregrinação diocesana (07.05.1905), pronunciou o seu último discurso em homenagem a Maria. Esta homilia foi definida como o “canto do cisne”.

2.4. A meditação

A visão de fé que guiou a vida interior e exterior de Scalabrini brotava da meditação diária da Palavra de Deus e da conversação familiar com Cristo na adoração eucarística. Através da Palavra, ele conheceu a si mesmo, aos outros e tornou-se homem espiritual. Afirmava que devemos escutá-la porque ela é verdade absoluta, suprema, imutável. Desde toda a eternidade, Deus pronuncia uma Palavra e o Verbo veio comunicá-la aos homens. Ela é o pão espiritual da alma, que suscita, nutre e faz crescer na pessoa uma nova vida, abrindo o nosso olhar a novos e descortinados horizontes. O sinal evidente de que a Palavra

produziu frutos em nós são as boas obras²². Dizia também que a caridade cresce e se nutre da meditação.

Entre as diversas formas de oração, ele deu particular importância à meditação, que sempre fazia nos seus propósitos e que recomendava constantemente aos seus missionários. Queria que a meditação fosse feita em comum, se possível, recomendação que encontramos também em uma das últimas cartas ao superior provincial nos Estados Unidos, quase uma retomada prática das recomendações aos missionários: “Cada dia seja feita por todos, em comum, meditação e leitura espiritual e se recitará o santo Rosário”²³. Dizia também: “Ó eficácia da meditação para a retidão do coração e a saúde moral do sacerdote!”.

2.5. A oração

Toda espiritualidade, como anseio pelo transcendente, envolve uma vida de oração, expressa de várias formas. Scalabrini não foi um contemplativo no sentido tradicional do termo. Foi antes um meditativo e um adorador da Eucaristia como sacramento, sacrifício e presença real. Além das devoções que Scalabrini cultivou fervorosamente, o substrato profundo de sua vida espiritual era a oração. Testemunhas afirmam que nos dias de maior dor e de compromissos se dedicava com maior fervor à oração. Uma pessoa testemunhou que ele tinha o sentido do divino, que o guiava continuamente.

O que é a oração para Scalabrini?

Para ele a fé é um dom de Deus, o mais precioso de todos os tesouros, a fonte de todas as graças, o fundamento de todas as virtudes, uma força divina impregnada na nossa alma para nos transportar além dos confins da realidade e ver tudo, não com os nossos olhos, mas com os olhos de Deus. Estava convicto que a fé é necessária às obras e as obras à fé. Sem as obras a fé é estéril, sem a fé as obras são ineficazes²⁴.

22 Carta Pastoral, 1897.

23 Carta a P. Novati, 02.04.1905.

24 Cf. Carta Pastoral, 1884 e 1897.

Dizia também que era necessário ter: “Uma fé firme no espírito, corajosa na língua, eficaz nas obras”²⁵.

Esta profunda fé ele a nutria através da oração, considerada um comércio invisível da pessoa com Deus. Afirmava: “a oração é uma doce violência ao coração de Deus. Quando ela é humilde, fervorosa, perseverante, é a chave dos tesouros celestes, é como o respiro da vida espiritual”²⁶. Como um carro, por mais lindo que seja, se lhe falta a força do motor, não anda, assim também o nosso coração, se lhe falta o sopro animador do Espírito de Deus, que só pode nos vir da oração, não será capaz de fazer alguma coisa de verdadeiramente grande, nobre e duradouro²⁷.

A sua última Carta Pastoral (1905) foi dedicada à oração, considerada como um “*testamento espiritual*”, na qual revela sua profunda maturidade espiritual. Nesta carta apresenta três aspectos: a obrigação, a excelência e a eficácia da oração.

Na concepção de Scalabrini a oração nasce como exercício ascético dependente da vontade: mas cresce até tornar-se uma “necessidade instintiva, irresistível”. Para ele a vida cotidiana assumia a forma de oração: “o sacrifício é oração, o culto é oração, o louvor é oração, o reconhecimento é oração”. E esta amorosa correspondência entre o céu e a terra, este comércio invisível do homem com Deus, existirá sempre aqui na terra.

Quando nós rezamos é o universo que reza em nós, conosco, é o universo do qual nós somos um compêndio, são todas as criaturas que tomam uma voz e uma alma, louvam, bendizem, agradecem Aquele que criou do nada.

Deus, o Senhor absoluto de cada coisa, Ele tudo domina, tudo dirige, tudo coordena, tudo impulsiona aos seus sábios fins. Assim, o homem

25 Discurso por ocasião do Ano Novo, 1899.

26 Carta Pastoral, 1882.

27 Carta Pastoral, 1886.

propõe, mas Deus dispõe; o homem se agita, mas Deus o conduz; o homem trabalha e semeia o seu campo, mas o fruto de seu trabalho, o fruto da semente que ele confia à terra e irrigada pelos seus suores, quem o dá, é Deus.

A ajuda que precisamos à nossa fragilidade é a graça divina. Não bastam as luzes da razão, o sentimento natural, a natural equidade. O fim do homem transcende toda a criação, é ver Deus acima de tudo. Para alcançar este fim superior é necessário em nós a graça divina.

Deus não tem necessidade da nossa oração, mas Ele a exige para fins que sempre mais nos revela a sua sabedoria e bondade infinita. Ele quer que reconheçamos a nossa impotência e que professemos a nossa dependência d'Ele, senhor de cada coisa.

A oração é a elevação do espírito a Deus, fonte da vida, a misteriosa ligação daquele comércio maravilhoso que existe entre o homem e o seu eterno Criador. Tinha uma confiança inabalável na eficácia da oração, que pode até dobrar a vontade de Deus. Na oração, o homem fala e Deus ouve, o homem pede e Deus concede, digamos com ousadia: o homem manda e Deus obedece. A oração, quando humilde, não apenas iguala, mas supera a potência mesma de Deus. Deus é onipotente, diz o Profeta, e quem pode resistir-lhe? A Oração, eu respondo". Diante da oração Deus não quer, não sabe, não pode por muito tempo resistir.

Scalabrini chega a afirmar que a oração nos eleva a uma altura onde o demônio não pode nos alcançar, porque nos coloca debaixo das asas de Deus.

A oração é a luz, o calor, a nutrição, o conforto, a vida da alma humana. Ela é a fonte dos bons e algumas vezes dos grandes pensamentos: perguntem àqueles que creem, é lá que eles encontraram a luz da fé; perguntem aos santos, é lá que eles encontraram os socorros da graça; perguntem aos gênios, é lá que eles encontraram a luz da ciência. A oração torna o homem superior de si mesmo, o transfigura, o sublima,

o diviniza.

A oração é, sem dúvidas, a função mais nobre e mais gloriosa que o homem possa exercitar neste mundo. Não só nos coloca em íntima relação com tudo o que há de verdadeiro, de belo, de santo no céu e na terra, mas nos torna também participantes da amizade de Deus. A oração é sempre a nobre conversação com Deus.

Admirava duas coisas no céu e sobre a terra: no céu a potência do Criador, na terra a potência da oração. Mesmo o homem sendo fraco, se ele reza, torna-se forte da mesma força de Deus. Eu posso tudo com a oração, posso tudo com Aquele que invocado me reforça, conforta, consola.

E recomenda aos seus fiéis: rezem, rezem se virtuosos, para vos manter vitais; rezem se pecadores, para vos converter. Rezem uns pelos outros. Rezem com humildade, com confiança, com perseverança. Rezem entre as paredes domésticas e no templo.

Conheceis as vossas verdadeiras necessidades. Peçam a Ele maior vivência e operosidade de fé, maior despojamento das coisas da terra, maior coragem no respeito aos direitos humanos e no confessar Jesus Cristo. Peçam humildade, paciência, resignação, caridade, devoção, fortaleza, espírito de sacrifício, perseverança no bem.

Conclusão

A espiritualidade de San João Batista Scalabrini, vivida no cotidiano, é uma espiritualidade na qual todo cristão pode se inspirar como exemplo para ser discípulo de Jesus. Para nós, Scalabrini é algo mais do que um simples modelo de vida cristã. É o fundador e inspirador na missão com os migrantes. Somos herdeiros do dom que ele recebeu do Espírito, no qual a sua espiritualidade está presente e o levou à santidade. A espiritualidade de Scalabrini, feita nossa e enriquecida pelo Espírito no caminho da história, deve caracterizar o modo como vivemos a nossa missão. Espiritualidade e missão nos dão identidade na Igreja e no mundo e ambas as dimensões devem estar integradas, dando fecundidade ao nosso carisma.

Scalabrini vivia na certeza de que “o Espírito Santo é a força motriz secreta da santa humanidade de Jesus Cristo. Ele deve ser a força motriz secreta de minha ação”²⁸. Animado pelo Espírito, Scalabrini cultivou sempre o desejo ardente de santidade. E devemos também recordar que a espiritualidade de Scalabrini foi uma espiritualidade ativa, que soube conciliar o ministério com a vida interior: “Sinto, cada dia mais vivamente, que para levar o fardo episcopal da vida exterior, é necessária a vida interior, onde somente se encontra a consolação, a força, o sentimento, a luz, a paz que nos sustenta”²⁹.

O tempo dedicado à oração não diminui o empenho pastoral. A oração transborda em ação. Na história da Igreja, são os santos aqueles que deixaram a sua marca mais positiva, homens e mulheres que realizaram a si mesmos no mistério de Deus, numa harmonia entre contemplação e ação, aonde o ser vem antes do fazer. E assim viveu também Scalabrini. Das longas horas diante do Santíssimo brotava sua energia missionária, seu amor incondicionado para com todos. Dizia o cardeal Newman: “Os santos brilham com luz refletida, mostrando nos gestos simples do seu dia a presença amorosa de Deus, que torna possível o impossível”. O reflexo da santidade de Scalabrini, que brilhou na terra e agora brilha entre os santos, continue a iluminar nossos passos, herdeiros de seu carisma.

Scalabrini foi reconhecido pela Igreja como santo e o Pai dos Migrantes. E lembremos as palavras do Papa Francisco por ocasião de sua canonização: “Exorto-vos, missionárias e missionários scalabrinianos, a deixar-vos sempre inspirar pelo vosso santo Fundador, Pai dos migrantes, de todos os migrantes. O seu carisma renove em vós a alegria de estar com os migrantes, de permanecer ao seu serviço e de o fazer com fé”³⁰.

28 Propósitos, 198.1894.

29 Carta a Dom N. Bruni, 1901.

30 Discurso do Papa Francisco à Família Scalabriniana (10/10/2022).

BIBLIOGRAFIA

BATTISTELA Graziano (Org), *O Santo dos Migrantes – João Batista Scalabrini*, Paulus, São Paulo 2023.

BORZOMATI Pietro, *Giovanni Battista Scalabrini. Il vescovo degli emarginati*, Rubbettino, Catanzaro 1997.

CALIARO Marco; FRANCESCONI Mario, *L'apostolo degli emigranti*, Ancora, Milano 1968.

CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS. *Scalabrini Uma Voz Atual*, Loyola, São Paulo 1989.

CUTTI Dirceu, *Scalabrini, homem de dores e dissabores – mártir do cotidiano*, Centro de Estudos Migratórios, São Paulo 2020.

CUTTI Dirceu, *Correspondência Scalabrini – Bonomelli. Controvérsias com os Intransigentes*, Centro de Estudos Migratórios, São Paulo 2019.

FRANCESCONI Mario, *Giovanni Battista Scalabrini. Vescovo di Piacenza e degli emigrati*, Città Nuova Editrice, Roma 1985.

FRANCESCONI Mario, *João Batista Scalabrini – Espiritualidade da Encarnação*, Loyola, São Paulo 1991.

GUGLIELMONI Luigi, *Papa Francesco e il Beato Giovanni Battista Scalabrini*, Centro Studi Emigrazione, Roma 2021.

MISSIONÁRIOS SCALABRINIANOS, *Espiritualidade Scalabriniana. Atas do Congresso Internacional*, Roma 9-14 de outubro de 2023.

PAROLIN Gaetano; LOVATIN Agostino (Org), *L'clesiologia di Scalabrini. Atti del II Convegno Storico Internazionale*, 09 a 12 di novembre 2005, Urbaniana University Press, Roma 2007.

SCALABRINI Giovanni Battista, *Lettere Pastorali*, Società Editrice Internazionale, Torino 1994.

ESPIRITUALIDADE SCALABRINIANA NA SECULARIDADE

Rose Casagrande, MSS e Rita Bonassi, MSS

O nosso Instituto Secular é o terceiro instituto de vida consagrada da Família Scalabriniana. A nossa história de Missionárias Seculares Scalabrinianas começou em Solothurn, na Suíça, em ambiente migratório, com o SIM de Adelia Firetti, a primeira missionária, em 25 de julho de 1961 e se desenvolveu em contato com os Missionários Scalabrinianos. No dia de Pentecostes de 1967, o Bispo de Basel aprovava em Solothurn o primeiro núcleo de Missionárias e no dia de Páscoa de 1990, o nosso Instituto foi erigido na Igreja. Constituímos um Instituto Secular de direito diocesano. Somos chamadas a uma especial consagração a Deus, em um estado de vida que comporta a profissão dos conselhos evangélicos na plena expressão de nossa condição laical.

Nos eventos que deram origem ao nosso Instituto Secular percebemos um dom do Espírito para sua Igreja: por meio do chamado a nos consagrarmos a Ele no mundo dos migrantes, o Senhor entendia, também por meio de nossa pequenez, se fazer presente no caminho deles.

Na nossa vocação secular somos chamadas a transformar o mundo, a partir de suas realidades, e a discernir como viver, em clima de oferta e na obediência a Deus, a vida comum a todos. Vivemos nossa missão nas situações ordinárias do mundo, como sal e fermento, a fim de fazer crescer nele o Corpo de Cristo e o seu reino de amor e de justiça, assumindo e partilhando a condição da pessoa migrante. Viver a consagração na secularidade não significa apenas viver a própria missão no mundo, mas viver a radicalidade de pertencer ao Senhor justamente estando no mundo.

O saudoso e amado Papa Francisco, em 02 de fevereiro de 2022, falou aos Institutos Seculares: “Tornem o mundo presente na igreja e a Igreja

no mundo. Vocês estão presentes no mundo para testemunhar que o mundo e cada pessoa são amados e abençoados por Deus. Cada gesto, cada palavra, possam ser reveladores da presença de Deus e de seu amor. Vocês estão escondidos nas realidades, assim como a semente na terra e o fermento na massa. Deem ao mundo e à Igreja uma força criativa e profética, da qual já oferecestes tão grande dom à Igreja. Gostaria que sua profecia inicial o caracterizasse, especialmente com base no caráter batismal que caracteriza os institutos seculares”.

Nossa espiritualidade se inspira em São João Batista Scalabrini, Pai e Apóstolo dos migrantes, e atinge sua plenitude na acolhida de Jesus crucificado, Companheiro indivisível, reconhecido especialmente nos migrantes mais pobres e desenraizados: “Era estrangeiro e me acolhestes” (Mt 25,35) e “aquilo que fizestes aos menores dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40). O Estrangeiro dos estrangeiros é, sobretudo, Deus, estrangeiro no mundo e em nosso coração.

Fascinou-nos logo a profunda visão cristocêntrica de Scalabrini, sua capacidade de ver o Todo antes das partes, e agir de acordo, tornando qualitativo e incisivo seu modo de intervir na Igreja e no mundo, e de ser transparência do amor de Deus pela pessoa humana.

Desde o começo de nossa história a espiritualidade tem sido muito importante para nós. De fato, não poderíamos imaginar o nascimento do nosso Instituto Secular sem referência à espiritualidade scalabriniana, que em nosso caso, foi assumida por Adelia em nossa específica vocação secular. Em Adelia, carisma e espiritualidade estão profundamente unidos.

A espiritualidade nos coloca continuamente em êxodo, em movimento, na missão com os migrantes, refugiados, jovens e em cada relação. Em nossa caminhada com os migrantes, lembrando a nossa história, optamos pelos que são colocados à margem, desprezados, os mais desenraizados, e promover a dignidade de cada pessoa (alojamentos em Gerlafingen em Solothurn, portugueses, turcos na Alemanha, refugiados de cada continente...).

Um aspecto específico confiado aos membros dos Institutos Seculares é o de revelar a beleza da verdadeira humanidade, a vocação de cada pessoa: habitar o mundo como filhos de Deus, radicalizando o que é a realidade do batismo. Ser filhos de Deus é uma identidade que abre à relação com todos, é tanto um dom quanto uma tarefa. Uma realidade que pode oferecer orientação e alívio ao ser humano de hoje, que parece ter perdido o sentido da própria existência, a verdade da sua dignidade e da dos outros, a grandeza de sua vocação. Uma situação que gera desconforto e sofrimento, principalmente em um tempo de profunda crise como o que estamos vivendo.

Somos particularmente chamadas a compartilhar a espiritualidade scalabriniana na modalidade simples das relações. Os migrantes e os refugiados muitas vezes nos dizem: “encontramos nossa nova pátria nas relações”. “Nas pequenas atenções de acolhida sentimo-nos pessoa”, dizia um refugiado. Atentas às possibilidades de transformar o mundo a partir das relações, vivemos nossa missão-ponte entre migrantes e nativos, colaborando com todos, para que o Reino de Deus, já presente entre nós, possa se expressar no mundo.

De modo gradual fomos iluminadas e ajudadas a não considerar a espiritualidade separada da missão, a contemplação da ação, a fé da vida.

Pode acontecer de reduzir a consagração secular a um “fazer”, a uma atividade da qual somos protagonistas, perdendo de vista que é o Espírito Santo que pode realmente transformar a nós e, a partir de dentro o mundo, as sociedades, o ser humano. É o Espírito quem salva, tornando humanas, fraternas, universais as relações entre as pessoas, e nos dá a alegria de participar de sua ação, para que o mundo seja cada vez mais profundamente entregue ao homem e tudo a Deus. Talvez, em vez de destacar as atividades, as inserções, a participação, o trabalho, o “fazer”, precisaria aprofundar a secularidade como espiritualidade, escreveu Adelia em um artigo de *Pelas Estradas do Êxodo* de 1981. E muitas vezes repetimos isso hoje: não pode haver verdadeira secularidade sem espiritualidade.

Nós, as missionárias, vibramos pela dimensão secular de nossa vocação. É uma dimensão central do nosso projeto de vida que nos apaixona: plena consagração e plena secularidade! Em todas nós existe o desejo de descobrir mais sobre a dimensão da secularidade em suas potencialidades. A secularidade sempre precisa ser aprofundada em sua essência transformadora, para continuar frutífera para o Reino de Deus.

O Verbo se fez carne, para que sua vida estivesse o mais próximo possível em nós. Com a encarnação, Jesus assumiu toda nossa vida humana, todos os momentos da existência e também os pequenos, os aparentemente insignificantes, que não ficaram excluídos. Ao fazer-se carne, tornou-nos profundamente humanos, porque nos salvou, nos libertou, nos impregnou de ressurreição. Nesta luz, especifica-se a espiritualidade secular, com toda a sua vitalidade, como estilo de presença, de estima de cada pessoa, de ligação com o mundo, como vocação e carisma de quem, assumindo a vida a partir de dentro nas suas diversas expressões ordinárias, humanas, sociais, culturais, políticas, de dor, de esperança, de opressão, de protagonismo, já sente a passagem da morte e ressurreição de Jesus e, ao envolver-se, torna-se testemunha com a sua própria vida.

“Secularidade: uma tomada de consciência, uma vigilância continua, uma transformação que vem de dentro, cada momento sublinhado por olhos que veem e contemplam uma Presença em cada situação, em cada pessoa, para carregar em nossos corações as realidades vistas” (Adelia).

Somos chamadas a viver a Missa sobre o altar do mundo. Uma Missa-vida a celebrar em cada ambiente, no trabalho, pela rua, no ônibus/ metrô, numa escola, num hospital, nas famílias, em nossa comunidade missionária. Nossa vida pode se tornar uma liturgia nos seus momentos essenciais: oferenda, consagração e comunhão. É a vida nua e crua, com seus relacionamentos, com suas alegrias e sofrimentos, suas luzes e sombras que se torna uma liturgia, uma oferenda. E este é o propósito da liturgia: transformar a vida em uma existência que glorifica a Deus porque vive cada vez mais à altura do seu ser, criado à imagem e semelhança do Filho de Deus.

Scalabrini tinha uma confiança inabalável na eficácia da oração, perseverava nela em um ato de fé habitual, que o levava à contemplação, em Cristo, do Pai e de toda a realidade, na qual está imersa a nossa vida e a dos migrantes. A oração tem prioridade também em nossa vida. Ela não só nos torna capazes de ver Deus que se doa ao ser humano e desce em sua direção, mas também recolhe e transforma em oração a dor e a esperança, nossa e dos migrantes, a fim de que toda a criação, assumida pelo Verbo Encarnado, possa subir para Deus, em uma resposta ao seu amor esponsal.

Em Scalabrini emerge a centralidade da Eucaristia como fermento que pode penetrar na vida da Igreja, na história, na humanidade, para transformá-la, para trazer uma vida nova, aquela divina, que nos permite aderir, ao longo do caminho, ao projeto de Deus, que deseja nos reunir em um só corpo. É uma visão que sentimos muito próxima, pois a Eucaristia é o centro de nossa vida missionária.

Uma das características da espiritualidade de Scalabrini, e preciosa para nós, missionárias seculares, é a sua referência vital e constante a uma visão universal da Igreja, que ele alimentava com um apego vital à Eucaristia e soube traduzir isso nos fatos particulares, sem nunca perder de vista o único objetivo: construir o Corpo de Cristo no mundo. Ele soube viver e dar testemunho da própria fé nas condições históricas, políticas e sociais de seu tempo, pois tinha percebido que o mistério da encarnação de Cristo acontece na realidade humana, em todas suas dimensões.

Fascinou-nos sua visão profética da migração: no terreno duro da migração se esconde um tesouro: a possibilidade de que povos diferentes e distantes se encontrem próximos e se reconheçam como parte da única família humana.

Pela sua paixão e amor por Jesus Crucificado, se dobrava sobre cada dor e sofrimento e no seu trabalho incansável sabia fazer-se tudo a todos, a fim de ganhar todos para Cristo, o Sol da vida e de cada vida, o verdadeiro progresso social, a verdadeira luz de amor que ilumina todo homem e, portanto, toda a humanidade.

As migrações evidenciam o mal-estar e o grito de um mundo que não está como Deus quer e a maneira melhor para viver o serviço aos migrantes é viver o serviço do projeto de Deus para eles. Os migrantes com seu sacrifício e dor, com seus dramas e, especialmente, com sua esperança tenaz e sua fé, ajudam as sociedades a se abrirem para uma nova convivência, que não será sem conflitos, mas é justamente onde as diversidades entram em diálogo, que se coloca em jogo o futuro da humanidade.

As mesmas migrações como um caldeirão de povos que percorrem o caminho da cruz contribuem para favorecer esta imensa obra de transformação, que se realizará ao longo dos séculos. Sim, Deus tem os séculos à sua disposição para transformar todo o mal em bem, as divisões em comunhão. E nos chama a colaborar com Ele, em nossa pequenez. Quão grande é este nosso Deus!

São João Batista Scalabrini com realismo e clareza nos fala ainda hoje com estas palavras que pronunciou em 1882: “Nos tempos difíceis que atravessamos, só podemos nos sustentar permanecendo unidos e compactos, e não deve haver sacrifício de opiniões que não devamos fazer para manter essa unidade”. Scalabrini foi tanto um homem de seu tempo, quanto a visão profética da fé estava viva nele: uma viva esperança e força, que continua convidando-nos a caminhar unidos e com confiança em direção à meta, vivendo em comunhão com todos. O futuro de Deus habita nosso tempo e se manifesta onde, por obra do Espírito de Pentecostes, povos e famílias se experimentam pertencentes a um só povo e a uma única ilimitada família, ao Corpo de Cristo, à sua comunhão entre todas as diversidades.

Para ampliar o espaço em nossa pequena vida ao grande Dom do carisma, é necessário caminhar na *Humilitas*, a humildade que reconhece tudo como dom e agradece por poder servir aos mais pequeninos e encontrar Cristo neles.

Com a consagração total a Deus, mediante os votos de pobreza, castidade e obediência, aderimos, por amor, ao mistério pascal de Jesus,

a fim de que esse mistério se cumpra em nós e no mundo, “destinado a dar glória a Deus Pai em Cristo”.

“Se queremos nos identificar e conformar com Cristo, pobre, virgem e obediente, nos dizia Adelia, o caminho é o do amor ao Crucificado-Ressuscitado. Jesus na cruz expressou em plenitude o Amor do Pai no Espírito. Sem o amor, os votos não são possíveis. Os votos servem para abrir o caminho para o Amor”.

É Ele o sal e o fermento do Evangelho, que através de Seu Espírito continua a transformar a nós, as relações, os ambientes mais diversos. Neste sentido, cada ambiente deve ser considerado não apenas como um lugar sociológico, mas também teológico, isto é, como um lugar onde o Espírito de Cristo Crucificado e Ressuscitado já está presente e atuante, realizando o novo Pentecostes e nos impele a colaborar com Ele e a perscrutar e promover o bem que já existe, colaborando com todos.

“Sejam santos e tudo florescerá em suas mãos”, dizia Scalabrini e ele o demonstrou com a sua vida missionária aberta a todos. Pelo seu amor total a Cristo, ele tinha no coração a sua diocese, que tanto amou, mas seu amor não tinha limites, onde quer que ele encontrasse sofrimento, ele estava presente, assim a humanidade migrante entrou em seu coração, semelhante ao coração de Deus que nos abraça a todos seus filhos amados.

A canonização confirmou que Scalabrini é modelo de vida para todos, importante anúncio de esperança para a humanidade que anseia a Paz.

Maria, é modelo da vocação da mulher consagrada no mundo, é o nosso modelo. Mulher de fé, mulher do caminho, do êxodo constante de si atrás do Filho. Ela alimentava sua fé na fidelidade cotidiana à relação com Deus. Sua existência era oração-meditação, que a levava a assumir com amor o projeto de Deus. Seu sim dá sentido a todos os passos de sua história. Na mesma forma, o nosso sim a Deus, dá sentido aos passos de toda nossa vida atrás de Jesus, aconteça o que acontecer,

como disse Adelia, dizendo seu sim a Deus. Esse sim de Adelia permitiu a entrega de todas nós, missionárias, a Deus, ao Amor, ao único Amor, estamos seguras nos seus braços e nos envia a amar gratuitamente.

A missão entre os migrantes, refugiados e jovens nos levou de Solothurn (Suíça), onde nascemos, para fronteiras sempre novas: Basilea (cidade das três fronteiras); Stuttgart (Alemanha); na Itália: em Milão, em Roma e em Agrigento na Sicília; na América Latina, em São Paulo (antes em Porto Alegre) e na Cidade do México; no Vietnã, em Ho Chi Minh. A nossa mais recente missão nos conduziu em Marrocos, na cidade de Rabat, acompanhando o êxodo sofrido dos migrantes, e a formação entre estudantes subsaarianos, partilhando suas vidas.

Estamos no Brasil desde 1978, viemos a convite dos Padres Scalabrinianos em Vila Nova, periferia de Porto Alegre escolhendo partilhar a vida dos mais pobres.

Chegaram Adelia Firetti e Pace, Rita Bonassi em 1979.

Paróquia, favela Monte Cristo (catequese e escolinha) e encontros com jovens. De 1980-1988 entre os migrantes e refugiados latino-americanos, que fugiam das ditaduras, no CIBAI-Migrações na Igreja da Pompeia.

Em 1988 a comunidade de Porto Alegre mudou para São Paulo, para onde, em 1986, Giuliana foi enviada abrindo caminho. Moramos em apartamento alugado no bairro Liberdade, presentes entre migrantes internos moradores de cortiços e pensões, entre refugiados da África com os quais iniciamos um curso de português nos ambientes da Cáritas e na Casa do Migrante. Na Casa do Migrante (AVIM) trabalhamos entre migrantes internos e latino-americanos, continuando os encontros entre jovens de diferentes proveniências.

Atualmente moramos no Centro Internacional para Jovens - João Batista Scalabrini, na Rua Jenner, Aclimação. Numa casa que recebemos como um dom. O Centro foi inaugurado no dia 15 de novembro de 1995, sendo o primeiro encontro com um grupo numeroso de jovens de diferentes

paróquias, que nos dias antes do encontro, nos ajudaram na limpeza depois da reforma da casa.

Os Centros Internacionais, aqui em São Paulo como nas outras comunidades na Europa, México e Vietnã, são projetos formativos que nasceram de uma superabundância: em primeiro lugar, a superabundância do dom de Deus, recebido em um carisma e, portanto, desde o início, sinal de uma pequenez e desproporção. É significativo para nós que cada Centro Internacional seja a casa das missionárias, um lugar ancorado à concretude do cotidiano e à experiência de fé vivida na vida de consagração, e seja, portanto, reflexo de uma comunidade que deseja se tornar acolhedora e contemplativa, em êxodo.

Os Centros nasceram para anunciar, especialmente aos migrantes, jovens e amigos diversos pelas estradas do êxodo, que é possível uma convivência nova entre as diversidades, vida de comunhão colocando no centro a pessoa e as relações. A comunidade missionária e o Centro são laboratórios de relações que se fecundam reciprocamente. Experiências às quais expor-se e aprender a viver a comunhão, a dar a vida por meio de tantas escolhas diferentes.

Para poder sonhar e construir um futuro melhor é necessário um caminho de formação que faça crescer as pessoas na responsabilidade e solidariedade do bem comum, no amor pela vida. Formação que é transformação do nosso olhar para adquirir o olhar de Jesus Cristo, olhar humano para com todos, especialmente com os mais vulneráveis. Nos encontros com jovens e migrantes vivemos a Comunhão dos bens, tudo é colocado em comum, a exemplo dos primeiros cristãos.

Os Centros Internacionais desejam se colocar como lugares de exposição aos desafios do nosso tempo, lugares de encontro, abertos aos que desejam descobrir na realidade migratória, ainda que complexa - o sentido positivo do migrar, da convivência intercultural, da acolhida de cada pessoa em sua diversidade. Aquilo que nos Centros se vive e anuncia é uma nova modalidade de encontro com o mundo, que visa superar o medo e as atitudes defensivas. O tempo presente desafia

a humanização, ao longo do caminho, da força revolucionária do encontro e da proximidade, de onde deriva uma nova ecologia humana.

Os encontros no Centro Internacional contemplam a frequente possibilidade de momentos de oração em várias línguas e momentos de reflexão sobre a Palavra de Deus. A oração, em seu sentir profundamente a precariedade da pessoa humana, expõe ao encontro com o outro, é abertura ao mistério como experiência do além onde se descobre de se sentir em casa. A dimensão da festa, com músicas e danças, não falta nos encontros. (Com os jovens criamos coreografias sobre a realidade da migração, que apresentamos em paróquias e escolas. Foram momentos de crescimento, diálogo, vivência fraterna, superando a competição, na acolhida do diferente, sensibilização sobre a realidade migratória).

Experimentamos que ao encontrar o sofrimento do migrante significa muitas vezes encontrar o sofrimento de um povo, de uma porção de humanidade. Escutar o sofrimento é um guia seguro para construir mundos sociais mais humanos. Uma sociedade que não se mede pelo sofrimento, que busca a velocidade, a eficiência e, por isso, não cuidando dos mais vulneráveis, torna-se desumana e cruel. Várias vezes chamamos migrantes e refugiados para dar testemunho de suas travessias durante os encontros.

Os jovens, como os migrantes, percebem profundamente a distância que ainda existe para construir um mundo mais justo. Essa dinâmica empenha a elaborar um modo de pensar que interpela a cultura e a fé. Os jovens e os migrantes se tornam, assim, preciosos colaboradores do Espírito Santo para apressar a transformação das consciências rumo ao cumprimento do plano de Deus.

Muitos jovens e migrantes passaram pelo Centro Internacional, muitos dos quais se tornaram multiplicadores do Evangelho, da acolhida do diverso, da solidariedade, da fraternidade, da justiça e da paz nos ambientes onde vivem: em família, no trabalho, na universidade, no lazer. Diversos optaram pelo tema da migração na tese de conclusão de curso, do mestrado, do doutorado, conscientizando colegas e professores sobre a realidade migratória.

A PÁTRIA-MUNDO À LUZ DA ESPIRITUALIDADE EM SÃO JOÃO BATISTA SCALABRINI

Ir. Maria do Carmo dos Santos Gonçalves, MSCS

Introdução

A noção de pátria que acompanha o pensamento e os escritos de São João Batista Scalabrini representa um grande desafio, não somente para a prática pastoral que esta inspira, direcionada à atenção e cuidado às pessoas migrantes e refugiadas, mas também pela densidade ética que encerra, arraigada numa visão integral da pessoa humana. A Conferência “A emigração dos operários italianos” durante o XVI Congresso Católico italiano de Ferrara (1899), registra sua convicção que à luz da fé Scalabrini havia construído na sua trajetória acerca das migrações. “Migração”, “desenvolvimento humano”, “pátria/pertencimento”, “pátria/religião” e “*humanitas*” são elementos que Scalabrini articula como uma contribuição importante que a Igreja poderia trazer para a modernidade em curso. Para Scalabrini, “(...) a emigração funde e aperfeiçoa as civilizações e amplia o conceito de pátria para além dos limites materiais, fazendo, do mundo a pátria do homem” (Scalabrini, 1879, p. 193). A perspectiva da migração como direito natural da pessoa humana não se desenvolve apenas como um fato social, mas como parte essencial da condição humana e, portanto, realidade incontornável no processo histórico de fusão (criação) de civilizações (sociedades, Estados, culturas etc.). Nesse sentido, Scalabrini, desconstrói uma certa noção de pátria, restrita ao pertencimento *solí* (vinculado à territorialidade de nascimento de um indivíduo) e/ou *sanguinis* (que restringe a pátria às suas relações de parentesco/cultura, vinculadas a uma territorialidade)³¹.

³¹ Seyferth (2000), apresenta uma análise muito interessante sobre como a identidade nacional brasileira, historicamente associada ao *jus soli*, exigiu dos imigrantes europeus e seus descendentes a assimilação cultural, muitas vezes em conflito com identidades étnicas baseadas no *jus sanguinis* e em sentimentos de pertencimento a comunidades de origem europeia.

Conforme Rizzardo (1979) para a correta compreensão do que Scalabrini entendia por “italianità” é preciso considerar todos os seus escritos e posicionamentos que, por vezes, poderiam, inclusive, divergir da mentalidade de sua época e até mesmo de outros missionários e instituições italianas. A noção de pátria em Scalabrini se desdobra em diferentes perspectivas abrangendo as dimensões política, econômica, social, cultural e religiosa e resulta de um processo de amadurecimento de convicções que foram sendo “testadas” e elaboradas a partir de suas vivências, cujo fio condutor é a clareza de Scalabrini sobre a natureza humana à luz da fé. Se colocamos em relevo a identidade italiana compartilhada pelos seus contemporâneos, resultado da primeira onda de unificação política do país, poderíamos situar a diferença de Scalabrini de abraçar o sentimento patriótico e o nacionalismo nascente, desde uma cosmovisão na qual Religião/Pátria/Migração se “entrelaçam e se completam” (Scalabrini, 1979,82).

Buscamos nesta reflexão explorar o modo de articulação da noção alargada de pátria em Scalabrini a partir dos pontos de fricção entre religião e pátria, que Scalabrini descreve como duas “supremas aspirações do coração” (p.82). Para tanto, precisamos navegar na multiplicidade de fatores que perpassam a vida de Scalabrini, que propomos distingui-los em três momentos: 1) a construção de uma identidade nacional que ocorre na esteira *risorgimento*; 2) a noção de pátria agregada à virada moderna (costumes, ideologias, política, cultura religiosa) que colocou em xeque o papel da Igreja Católica na formação da nova identidade nacional atrelada ao estado e 3) a experiência migratória onde se amplia o conceito de pertencimento pátrio/nacional para abranger os emigrados, ou uma Itália que se desdobra pela “religião e emigração” além de suas fronteiras.

1. A construção de uma identidade nacional que ocorre no bojo do *risorgimento*

É importante considerarmos as muitas abordagens sobre o fenômeno do nacionalismo de estado onde se situa o movimento do *risorgimento* italiano. Considerando o objetivo de nossa reflexão tomamos como

referência o trabalho de Banti³². Para Banti (2011) o “*Risorgimento*” não foi unicamente a obra de poucos heróis, como Cavour ou Garibaldi, tampouco o resultado exclusivo de circunstâncias internacionais favoráveis, mas um processo político e cultural, iniciado no final do século XVIII, que promoveu a ideia de uma nação italiana como base legítima para um estado nacional.

A ideia de “nação italiana” enfrentou desafios para se consolidar, inclusive linguisticamente, visto que, em 1861 apenas entre 2,5% da população da península falava italiano, e cerca de 22% sabia ler e escrever. Segundo esse autor, a construção da identidade nacional italiana se apoiou em elementos culturais como a tradição literária em italiano e a religião católica, mesmo que estes não fossem suficientes para unir toda a população. Sob a perspectiva religiosa, Banti recorda que na raiz do termo “*risorgimento*” há uma conotação religiosa, sendo esse termo gradualmente apropriado por pensadores e políticos para simbolizar a renovação política e nacional da Itália. No início do século XIX, o vocábulo ainda estava profundamente associado à ideia religiosa de “ressurreição”. Quando usado para falar da “ressurreição da pátria” tornava-se uma metáfora poderosa diante das divisões da península e das ocupações estrangeiras. A perspectiva religiosa também era mobilizada através de um vocabulário sacralizado, no qual expressões como “sacrifício”, “martírio”, “missão e redenção” apareciam com frequência nos discursos patrióticos, reforçando o sentido de um dever quase religioso em lutar pela unidade da Itália. Scalabrini, respirou em sua juventude toda a efervescência do “*risorgimento*” que, como nos descrevem os estudiosos que se debruçaram³³ sobre a vida de Scalabrini, havia deixado marcas no contexto eclesial no qual ele foi formado.

O “*risorgimento*” mesmo colocando em curso projetos e protagonismos concorrentes de formação do estado, fez convergir aspirações que dialogavam com as convicções de movimentos liberais, mas que

32 Para outras perspectivas sobre nacionalismo ver, por exemplo, Hobsbawm (1991) e Anderson (2008).

33 Entre as quais Baggio (2011); Signor (1988); Francesconi (1985); Zanini (2011); Battistella (2022).

também serviu para que a Igreja, àquele ponto acuada pela eminência da perda de seu poder temporal, estabelecesse uma ponte com essas mudanças a partir da moral cristã. Nesse sentido, Scalabrini forma em si a convicção da importância de uma Itália renascida e estabelecida temporalmente como uma pátria una, sem renunciar ao papel da religião e sua missão de cuidado espiritual dos italianos, mas sem abraçar a perspectiva intransigente de poder temporal da Igreja sobre o Estado. É importante considerarmos que o tema da intransigência não era um fato menor no contexto eclesial de Scalabrini, o que torna ainda mais autêntica a sua posição frente à modernidade, assim como a importância da sua noção de pátria e o modo como via o papel do trabalho para o desenvolvimento social; a relação com a ciência e seus avanços e, por fim, a convicção de como a Igreja “como uma mãe” deveria se posicionar frente a modernidade.

Nesse contexto, afirma Signor (1988) a importância de compreender que o envolvimento de Scalabrini com o nacionalismo era inevitável, mesmo que sua visão não se limitasse a uma ideia estreita de nacionalismo (Signor, 1988, p. 21). É importante ter presente que durante muito tempo as atividades e vida social de boa parte dos italianos estavam limitadas em períodos anteriores à unificação à pequenas unidades territoriais. Naquele contexto, “a religião representava um macrocosmo e o pequeno grupo ao qual se pertencia configurava um microcosmo, no qual esgotavam completamente todo o ciclo de suas experiências” (Signor, 1888, p. 21). Essa realidade se transformou com a unificação e, como veremos no ponto seguinte, com o advento da modernidade no qual a formação do estado nacional era apenas um de seus pilares. Se a unificação favoreceu uma ampliação da experiência da vida em sociedade a partir da inclusão em um macrocosmo ofertado pela noção de pertencimento a uma pátria, e não mais exclusivamente a uma religião, para Scalabrini que testemunhou em primeira mão esse movimento, o passo seguinte lhe pareceu natural. O desejo pela missão *ad gentes*, expresso logo após sua ordenação sacerdotal, atesta que sua convicção patriótica possui uma perspectiva mais ampla de pertencimento na qual a Igreja de Jesus Cristo encontrava pleno sentido no contexto moderno.

2. A noção de pátria agregada ao giro moderno (costumes, ideologias, política, cultura religiosa) que colocou em xeque o papel da Igreja Católica na formação da identidade nacional

A construção da identidade italiana na esteira do nacionalismo de estado não foi um processo linear ou isolado, mas estava amalgamado nas dinâmicas da modernidade enquanto projeto sociocultural e em franca expansão na segunda metade do século XVIII. Hobsbawm (1991) compreende a emergência do nacionalismo como um fenômeno moderno, no qual a modernidade é caracterizada por transformações profundas nas esferas política, social, tecnológica e econômica, especialmente a partir do final do século XVIII. Considera que a modernidade é indissociável dos avanços tecnológicos que a caracterizaram, entre os quais destacam-se a imprensa, a escolarização em massa e os meios de comunicação de massa, que permitiram a padronização cultural e a difusão de línguas nacionais. As nações, sob essa perspectiva, não existiriam “apenas com base em um determinado tipo de estado territorial ou na aspiração de criar um (...), mas também no contexto de um determinado estágio de desenvolvimento tecnológico e econômico” (Hobsbawm, 1991, p.18). O desenvolvimento tecnológico foi um fator importante, para a difusão do nacionalismo, assim como, o desenvolvimento da comunicação escrita foi de extrema relevância para a construção de uma consciência eclesial ampliada entre os católicos. Nesse sentido, Scalabrini se apropriou de modo particular dos meios impressos através dos quais passou incidir diretamente sobre a construção do sentimento de pertença italiano a uma pátria, atrelado a sua cosmovisão nacional que associava o sentimento pátrio àquele religioso. O desenvolvimento cultural e os avanços científicos para Scalabrini, ou em suma, a modernidade, eram realidades que criavam oportunidades únicas de expansão da ação eclesial e sobretudo, missionária. Aqui chamamos à atenção ao fato de Scalabrini se valer das cartas pastorais, discursos, alocações como ferramentas narrativas. Mais tarde, também se valeria das cartas que recebia dos missionários e emigrados para incluir na corrente narrativa nacional a voz daqueles que considerava expatriados pela migração forçada.

Frente ao acelerado investimento estatal na “invenção” de um estado italiano através da educação, da imprensa, das simbologias, Scalabrini percebia que a Igreja corria o risco de ficar aquém de todo o processo de modernização, ou até mesmo ser excluída deste. Nesse sentido, foi notável, por exemplo, o esforço em torno da ideia de um catecismo único, assim como, da criação de impressos nos quais era possível difundir essa perspectiva. O “Catequista Católico”, boletim criado por ele em seu primeiro ano de episcopado (1876) para subsidiar as escolas da doutrina cristã, era também enviado aos diocesanos que “residiam naquelas distantes paragens e não sem fruto”. “Com algumas inovações, dizia ele, “poderia prestar um bom serviço e a direção considerar-se-ia muito feliz em concorrer para uma obra tão elogiável” (Scalabrini, 1979, p.36).

A modernidade possuía seus signos e desígnios, entre os quais, um dos mais velozes foi o impacto da industrialização, primeiramente no norte da Itália. À medida que a emigração se avolumava, crescia também uma série de polêmicas ao seu entorno. Scalabrini, à luz da fé, compreende (dentro de uma tradição neotomista) que a migração é uma lei natural³⁴ (força arcana) e providencial, aperfeiçoamento do homem na terra e Glória de Deus nos céus (Cf. Scalabrini, 1979, p.192). “(...) E, mais do que todos, coletiva ou individualmente, emigra o próprio homem, sempre como instrumento da Providência, que preside e dirige os destinos humanos, inclusive através de catástrofes” (idem, p. 192). Não é possível compreender o escopo da atuação missionária de Scalabrini junto aos emigrados sem compreender a relação que ele estabelece entre a lei natural e expressão da Providência. Aqui o “e” (*et*) é um aspecto fundamental. Não se diz da migração ora expressão lei natural ora expressão providência divina. Sendo assim, não caberia à Igreja negá-la ou dissuadi-la ou tampouco ignorá-la. A preponderância da perspectiva da fé sobre a lei natural,

ou a realização da lei natural que só pode encontrar seu pleno sentido se atrelada à lei divina criam a convicção em Scalabrini para não enxergar como um mal, e, portanto, a recoloca, oferecendo uma nova leitura sobre esse fenômeno. Podemos identificar assim, o esforço que ele faz, através dessa abordagem, em conciliar dentro da modernidade o justo lugar do fenômeno migratório e da atuação eclesial junto deste.

Sendo assim, encontramos Scalabrini às voltas com as novas expressões da *ratio* moderna, como por exemplo, a ciência estatística que ele usa para compreender como o fenômeno migratório se desdobra, construindo argumentos que fossem válidos para governantes e estadistas, que não se deixariam convencer pelo apelo moral cristão. No âmbito interno, à época era algo de fato incomum de se ver dentro do contexto religioso, onde a tradição eclesial concebia que o conhecimento sobre a realidade temporal provinha de um conhecimento *a priori*. É a partir desses meios, aplicados à realidade de sua diocese, que Scalabrini se conecta a uma realidade que extrapolava em muito o contexto de seus paroquianos. Era uma realidade da Itália que se estendia muito além de suas novas fronteiras nacionais. Portanto, uma realidade que convocaria toda a Igreja universal cujo elo estava justamente depositado sobre a autoridade papal.

Então, poderíamos dizer que, desde a perspectiva objetiva, as tecnologias associadas à expansão moderna foram fundamentais não apenas para o acelerado movimento das migrações em massa (industrialização, meios de transporte, comunicação), mas também criaram as condições para catalisar o projeto de Scalabrini. Ao mesmo tempo, a modernidade como movimento político, cultural e ideológico forçou a Igreja a “reagrupar” suas forças e energias em torno da autoridade papal e possibilitou que Scalabrini almejasse, com o brasão episcopal, e concebendo a universalidade eclesial, extrapolar os limites de sua própria atuação territorial eclesial. “Onde está o povo que trabalha e sofre, aí está a Igreja, porque a Igreja é a mãe, a amiga, a protetora do povo e terá para ele uma palavra de conforto, um sorriso, uma bênção” (Scalabrini, 1979, p. 80).

É considerando a natureza da Igreja e seu papel que, neste ponto, Scalabrini se afasta de um conceito restrito de pátria. Mas é neste ponto também que ele enfrenta toda ordem de ventos contrários: nacionalistas, políticos, empresários, governos e atores eclesiais. Se olharmos para as controvérsias nas quais Scalabrini esteve envolvido, boa parte delas eram o resultado da sua convicção de que o nacionalismo, as posturas da Igreja frente à modernidade etc., não poderiam obstruir a certeza de que o emigrado era um nacional italiano *et* um católico além-mar.

3. A experiência migratória onde se amplia o conceito de pátria para abranger os emigrados, uma Itália que se desdobra pela “religião e emigração” além de suas fronteiras

Uma das questões sensíveis para o projeto de Scalabrini era a emergência do nacionalismo de estado que na época excluía, em muitos sentidos, os emigrantes, sobretudo os forçados. Muitos migravam carregando no coração a lealdade à história e cultura de suas localidades, sem necessariamente se perceberem como parte do estado nacional italiano. Scalabrini atua de modo consistente, tanto sobre o campo discursivo quanto sobre o campo prático. Incide tão fortemente que poderíamos supor que suas construções narrativas em torno da emigração podem ter colaborado para a construção e o fortalecimento da jovem identidade nacional entre as comunidades italianas dispersas pela América.

Mas, como Scalabrini chegou à convicção de que os emigrados eram parte do estado nacional e, portanto, deveriam ser socorridos pelo governo italiano e pela Igreja? E mais, quais foram as vivências que levaram Scalabrini à uma compreensão alargada de pátria em um contexto eclesial no qual a Igreja assumia uma postura ressentida sobre a perda de capital político e simbólico frente ao avanço moderno?

Em parte de seus escritos Scalabrini alude às suas vivências como pároco, e mais tarde como bispo, junto a pessoas que relatavam suas experiências e expectativas em torno da emigração. Scalabrini escuta com atenção, reflete, debate, mapeia, mas sobretudo, cria vínculos

concretos com os emigrados. Essa relação encontra-se descrita de modo disperso pelos seus escritos e seguindo-as é possível verificar que ele vive e assume as narrativas de seu povo (no sentido que ele mesmo atribuiu), durante as visitas pastorais, através de cartas ou relatos de viajantes e missionários (as). Ele os conhece, toma as suas dores e angústias como se fossem suas. É assim que Scalabrini compreende que a pátria não é apenas o lugar onde se nasceu, mas é o lugar por excelência da experiência humana de pertencimento ao mundo. E essa experiência é atravessada por afetos de toda ordem, bons e ruins, mas sobretudo, é perpassada pelo sentimento religioso.

Perguntávamos o que teria levado Scalabrini a considerar a migração como algo tão importante dentro da sua perspectiva de ação missionária e pastoral. Chama a atenção, e não só no relato bem conhecido sobre sua experiência na estação de Milão, o modo como descreve em primeira pessoa o que testemunhou. Percebe-se que Scalabrini conhecia de perto a realidade das pessoas que migravam. Vê-se um tipo de conhecimento que não provinha do ocasional. Aqui poderíamos usar uma “anedota” conhecida de Frei Betto, teólogo brasileiro, que para dar a exata dimensão de como Jesus havia morrido, diz que não morreu atropelado por um camelo em alguma rua de Jerusalém. A cruz não foi má sorte, obra do destino ou um acidente. Poderíamos dizer que Scalabrini também não esbarrou por acaso naquelas pessoas ao cruzar pela estação de Milão. Não foi um encontro accidental, e a recordação daquela experiência, confirmava as escolhas que ele havia feito como pároco e mais tarde como bispo, de acompanhar e fazer-se presente junto às pessoas nos seus dramas, dilemas e dificuldades.

De fato, a convicção de Scalabrini em relação à questão migratória cresce e se consolida a partir da experiência de proximidade que estabelece com o povo. Em um de seus relatos afirma que frente a realidade de “um homem excelente e cristão exemplar de um lugarejo das montanhas” ele se deixaria persuadir pela concretude do dilema “emigrar ou roubar”, trazida por esse homem que estava decidido a partir para a América. “Emigrar ou roubar é a única saída que nos resta (...) nada pude acrescentar, abençoei-o comovido recomendando-o à proteção

de Deus e me persuadi uma vez mais que a imigração é uma necessidade que se impõe como remédio último e heroico. Aqui é preciso submeter-se assim como o paciente se sujeita a uma cirurgia dolorosa com o fim de evitar a morte” (Scalabrini, 1979, p. 46).

Seu coração de pastor se contorce frente às injustiças e ao abandono em que se encontravam milhares de pessoas. Ele apela ao governo, mas também “ao zelo dos párocos” a quem caberia para Scalabrini compreender, aconselhar, advertir seus paroquianos sobre os perigos que poderiam enfrentar. E compreendendo não ser possível outra escolha que não migrar, então “o pároco não deve deixar partir ninguém sem lhe fornecer uma carta de recomendação, destinada ao clero de destino” (Scalabrini, 1979, p. 34). Scalabrini menciona um decreto sinodal (Sínodo Diocesano de 1879) que ele promulgou na época em seus primeiros anos de episcopado no qual faz referência a um texto de Clemente VIII que proibia os italianos de se transferirem sob qualquer pretexto para lugares onde nunca ou quase nunca fosse possível cumprir os deveres religiosos. Ele alude a esse decreto para alertar aos padres a necessidade de esses prevenirem a migração forçada, ou seja, alertar os migrantes para que não fossem enganados e que para que soubessem as dificuldades que iriam enfrentar. Aqui havia claramente a preocupação não somente com perda material que poderia resultar do abandono do pouco que tinham, mas também da perda de coesão social, sobretudo a perda da religião, da herança da fé, tema caro à Scalabrini.

Nesse contexto, a religião era a ponte para as Américas. Scalabrini olha atentamente para a experiência de outros países. Descreve com entusiasmo as iniciativas de outras comunidades de fé emigradas e da vantagem que as colônias católicas poderiam obter se organizadas da mesma forma, como as que foram instituídas nos Estados Unidos para os irlandeses e os ingleses: “pelo que me parece elas não são senão uma espécie de paróquia católica com sacerdotes e escolas católicas onde possam ser enviados os compatriotas ao invés de deixá-los partir como ovelhas desgarradas. Dessa forma os migrantes acabariam encontrando-se como que em sua pátria entre católicos, com pelo menos os recursos religiosos essenciais (Scalabrini, 1979, p. 35).”

Scalabrini conhecia a força da necessidade. “*Malesuada fames*” (a fome é má conselheira). “Quem poderia conter um povo que fremente sob as convulsões do estômago, se não houvesse a esperança de encontrar alhures o pão cotidiano?” (Scalabrini, 1979, p.46). Essa interrogação de Scalabrini hierarquiza a ordem das coisas.

“Os emigrantes que abandonam a pátria, não são da classe das pessoas que emigra para fugir, para vagabundar como dizem, mas a imensa maioria para não dizer a totalidade dos que deixam a pátria para dirigir-se a longínqua América não fogem da Itália por desprezarem o trabalho, mas por que é este que lhes falta e não sabem como viver e manter a família” (Scalabrini, 1979, p.46).

A migração forçada era desse modo um tipo de deserção dado pela necessidade objetiva de sobrevivência. É interessante notar como Scalabrini constrói essa relação:

“Com lágrimas, tinham-se despedido do torrão natal, que os ligava a si por numerosas e doces lembranças. Mas, sem remorso abandonavam a pátria, que apenas lhes era conhecida sob duas formas odiosas: o recrutamento e a cobrança de impostos. Pois para o **deserdado** a pátria é a terra que lhe garante o pão, e lá bem longe, esperavam consegui-lo menos parcimonioso e menos custoso” (Scalabrini, 1979, p. 44).

Diseredato, remonta sua origem ao latim. Deriva do verbo latino *dishereditare*, que significa literalmente “privar de herança” (*dis* = negação, *hereditare* = herdar). No italiano moderno, *diseredato* é usado para descrever alguém que foi excluído de uma herança ou que foi rejeitado por sua família, especialmente em contextos legais ou dramáticos. Poderíamos, talvez, aqui assumir que sob essa perspectiva o emigrado era um sujeito privado em muitos sentidos de sua herança: da terra de onde colhia o pão; da pátria de onde nem chega a ser considerado um nacional, e muito especialmente, alguém sujeito a, no exílio, perder até mesmo a herança da fé. Para Scalabrini era “necessário intervir ativa e imediatamente, porque o futuro religioso e moral das populações migrantes depende daquela porção de religião

e de moralidade que deve ser logo preservada, como a herança mais preciosa de seu patrimônio cultural e espiritual.” (Scalabrini, 1979)

Essa hierarquização que tem como base o legítimo direito à vida à luz da fé rebate discursos que provinham de setores que estavam mais preocupados com a perda de braços do que com um autêntico desejo de bem-estar dos “conacionais”. Scalabrini contesta aqueles que “em nome de considerações patrióticas econômicas tentam impedir ou limitar a imigração”. A lealdade à pátria era usada para defender interesses econômicos e manter um sistema de exploração de grupos e comunidades que estavam às margens do progresso.

“Como todos podem facilmente dar-se conta essas razões e considerações se inspiram mais no interesse dos ricos que ficam do que nas necessidades dos mais pobres que são obrigados a sair e, se a autoridade os ouvisse com facilidade conformando seu agir a essas sugestões, faria coisa inútil, injusta e danosa. Inútil porque jamais chegaria a suprimir a imigração; injusta porque injusto e tirânico é qualquer ato que obstaculize o livre exercício do direito à vida; danosa porque a imigração ao invés de tomar o caminho natural dos nossos portos escolheria outra saída como aconteceu toda vez que o governo por um mal-entendido Espírito patriótico dificultou a emigração” (Scalabrini, 1979).

Para Scalabrini, esses “esquecem que os direitos do homem são inalienáveis e lhe concedem de procurar o seu bem-estar onde prefere” (Scalabrini, 1979, p. 47). Assim, poderíamos dizer que para Scalabrini não é a pátria (estado nacional) a quem se deve sacrificar a vida, mas é a pátria que deveria ser aquela capaz de favorecer a vida. Portanto, a pátria não está acima do direito à própria vida, à própria subsistência. O patriotismo de Scalabrini não é moldado por um sentimento cego ou absoluto em relação às lealdades nacionalistas. Pelo contrário, ele concebe a pátria como experiência humana, não circunscrita a um espaço geográfico ou cultural, através da qual a pessoa exerce seu direito inalienável de viver. Viver com a dignidade de filhos de Deus, viver de modo que possa completar em si aquilo que é o projeto de Deus para toda criação. Nessa

perspectiva é possível estabelecer uma relação dessa noção de pátria com aquela da *pátria-mundo*, que não se esgota pelos limites constituídos pelo nacionalismo, pois integra a compreensão da vocação do ser humano, destinado sempre à vida. Daqui se poderia inferir que a pátria de nascimento para Scalabrini é um evento circunstancial, mutável, ao passo que a *pátria-mundo* que engloba a pessoa integralmente pode ser tomada como uma condição ontológica da existência e forma de pertencimento ao mundo. É a pátria-mundo que nos recoloca no contexto de nossa condição filhos e irmãos.

Na perspectiva de Scalabrini não existe uma dissociação da pessoa humana. O emigrante, aquele que deixa a sua pátria (deserdado, pária, exilado) é também o trabalhador, o operário camponês, o paroquiano. São facetas de uma mesma vida, de uma mesma pessoa. Nesse sentido, quando ele fala sobre religião e pátria, nos direciona para a realidade integral da pessoa na qual também a fé é inextricável à sua condição humana.

Scalabrini afirma:

“religião e pátria, estas duas supremas aspirações de todo o coração se entrelaçam e se completam nesta obra de amor que é a proteção dos fracos e se fundem numa admirável harmonia, caem as abomináveis barreiras levantadas pelo ódio e pela ira. Os braços de todos se abrem para um fraterno amplexo, as mãos se apertaram com vivo afeto os lábios se abrem para o sorriso e o ósculo. Desaparece toda a distinção de classe e de partido e em seu lugar resplandece a maravilhosa verdade, glória do cristianismo: o homem é irmão do homem!” (Scalabrini, 1979, p.82).

É nessa abertura universal que talvez devamos compreender a perspectiva de Scalabrini sobre pátria. Quando ele afirma que o “homem é irmão do homem” coloca-se como primícia, não aquela do estado nacional contratualista baseado na violência, mas uma forma de convivência baseada na fraternidade que está além dos laços nacionais e se estende a todo o ser humano. “O homem é

irmão do homem” se contrapõe claramente à perspectiva de Hobbes que universalizou a ideia de que “o homem é lobo do homem” para propor o contrato social como base para a vida em sociedade. Nesse sentido, Scalabrini parte de um princípio de organização social que não tem como ponto de princípio a oposição entre os diferentes, numa busca desenfreada pela existência que pressupõe a aniquilação do outro. Scalabrini parte da convicção da fraternidade alicerçada na condição de filhos de Deus (irmãos!), sendo que somente através dessa fraternidade a consciência patriótica poderia ser realizada de modo pleno.

Conclusão

Scalabrini reconhece a comunhão dos sentimentos religiosos e pátrios como aqueles capazes de cimentar de forma inflexível a unidade de um povo (Cf. Scalabrini, 1979, p.78). Ao mesmo tempo reconhece que o apelo nacional não estava isento de contradições internas e muitos limites, fato esse muitas vezes exposto por ele de forma bastante aberta. Religião e Pátria. A religião assegura que o lugar da pessoa humana é o mundo, a criação, na qual ele é convidado a fazer a experiência salvífica.

Scalabrini dilata o conceito de pátria para incluir nessa construção de pertencimentos a pessoa do emigrado, deserddado, exilado, pária. Essa ampliação também se coloca como um desafio para a Igreja à época. “Como todos veem, trata-se de um novo maravilhoso e consolador despertar que a Igreja está suscitando em favor dos pobres e dos marginalizados e seja mil vezes abençoado quem souber auxiliá-la nessa obra de regeneração religiosa e social” (Scalabrini, 1979). Ao mesmo tempo a noção de pátria também é mobilizada para descrever a realidade última da pessoa humana, convocando a Igreja para sua missão como mãe que quer estar onde estão aqueles que sofrem para assegurar aos que partem e aos que ficam que essa pátria, na qual se migra pelo pão, ainda não é aquela definitiva. A pátria aqui surge como o lugar da experiência (dos afetos, da fé, da recordação). Religião e pátria não concorrem entre si, mas fornecem um quadro que situa a pessoa humana dentro de um caminho/processo no qual, sempre

tensionado, encontra sentido à luz da fé: “Ainda no caminho, portanto, ainda esperando, mas profundamente em casa: essa é a tensão frutífera que percorre toda a Bíblia (Cf. 1Pd 1,1) e que encontramos por excelência na vida do próprio Jesus, aquele que ‘não tem onde reclinar a cabeça’ (Mt 8,20; Lc 9,58)” (Fumagalli, 2010, p.820).

Esse “descolamento” da ideia de pátria de sua objetividade sociopolítica permite que Scalabrini a realoque como uma condição compartilhada por todo o ser humano, ou seja: a inalienável condição humana que encontra na sua natureza de “criatura” o direito de exercer seu pertencimento ao mundo inteiro, ou seja, à própria criação. A pátria-mundo de Scalabrini é a pátria-mundo-obra criada por Deus, e assim sendo, dá à pessoa humana o mesmo destino da criação: a pátria celeste.

Por fim, e ainda de modo provisório, apontamos talvez três perspectivas que nos ajudam a compreender a relação pátria-mundo em Scalabrini e que poderiam nos provocar à reflexão sobre os desafios que enfrentamos hoje para viver, comunicar e “aterriçar” a espiritualidade scalabriniana em nossa prática/*Missio*:

- 1) *Malesuada fames*: a pátria é para o deserdado a terra que lhe dá o pão. Em um mundo organizado em torno das soberanias nacionais, como infundir uma noção de pátria que não obstrua o direito natural e inalienável do homem à vida e ao mesmo tempo não respeite o direito à autodeterminação dos povos?
- 2) “O homem é irmão do homem”: A pátria-mundo só se realiza na medida do reconhecimento da fraternidade universal. A pátria é o lugar privilegiado da experiência de pertencimento humano, é uma pátria de irmãos.
- 3) A pátria não se realiza sem a religião como um seu componente importante. A religião é ponte, (é a “carta de apresentação” endereçada à acolhida e fraternidade).
- 4) A participação do missionário na pátria-mundo é o habitar no espaço dessas experiências. O lugar por excelência do emigrado é

a comunidade onde este é reconhecido, amado, onde sua presença ou ausência é sentida. Scalabrini cultivava uma profunda relação com as comunidades migrantes, onde conhecia seus membros e as dinâmicas que lhes atravessavam.

A noção de pátria dada por Scalabrini lança luzes importantes sobre as questões éticas enfrentadas pelas sociedades no contexto das migrações hodiernas. O direito à pátria-mundo é o direito do migrante em ter reconhecida e salvaguardada sua dignidade de pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, superando assim os nacionalismos que impõem a pena de morte àqueles que, em busca do pão, ultrapassam os limites materiais da sua pátria-estado-nação de nascimento e, reivindicam seu lugar no mundo, no mundo-pátria, mundo esse criado para ser o lugar onde se habita de modo provisório, mas pleno de sentido.

Os migrantes reivindicam seu direito natural de trânsito, de experiência da pátria-mundo. Essa experiência não deveria ser realizada de modo fragmentado ou condicionado. Para Scalabrini reconhecer a natureza humana é também compreendê-la na sua plenitude, na plenitude de sua realização como criatura feita *para* migrar.

Oração:

Deus, Pai Criador, que num ato de amor moldou o ser humano para habitar a terra. Permita que nossos passos não sejam detidos, que nosso peregrinar neste mundo não seja interrompido pelo medo, pelo egoísmo ou pela indiferença. Tornamos sempre mais semelhantes a Ti, que também por Amor, entregou seu Filho, Jesus Cristo. Ele fez de sua vida um ato contínuo de peregrinação e tornou nossa carne sua pátria. Abre nossos corações para a acolhida e a hospitalidade que nos permitem a realização plena através do encontro com o Outro. Olhe com carinho para todos aqueles (as) que buscam através da migração o direito à sua plena realização como pessoa humana. Pela intercessão de São João Batista Scalabrini, Pai dos Migrantes, não permita que os muros, as fronteiras, o ódio e até mesmo o mar aberto, os demova de sua firme Esperança. Nos concede a Graça de estar nas estradas dessa pátria-mundo criada, para que fazendo do mundo nossa pátria, nele encontremos a TI, que fez de nossa carne a Tua pátria. Amém.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: companhia das letras, v. 305, 2008.

BAGGIO, Marileda. *Entre dois mundos: a Igreja no pensar e agir de Giovanni Battista Scalabrini*. Editora CSEM, 2011.

BANTI, Alberto Mario. *Il risorgimento italiano*. Gius. Laterza & Figli Spa, 2011.

BATTISTELLA, Graziano. *Scalabrini: il santo dei migranti*. 2022.

FUMAGALLI, Anna. Patria/Cittadinanza. In BATTISTELLA, Graziano. *Migrazioni: dizionario socio-pastorale*. San Paolo, 2010, p. 819- 820.

HOBSBAWM, Eric. *Naciones y nacionalismo desde 1780*, Ed. Crítica. Barcelona, 1991.

RANGER, Terence; HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SCALABRINI, Giovanni Battista. *A emigração italiana na América*. Trad: Redovino Rizzardo, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; /Universidade de Caxias do Sul, 1979.

FRANCESCONI, Mario. *Giovanni Battista Scalabrini, vescovo di Piacenza e degli emigrati*. Città Nuova, 1985.

SEYFERTH, Giralda. *As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional*. *Horizontes antropológicos*, v. 6, p. 143-176, 2000.

SIGNOR, Lice Maria. *João Batista Scalabrini e a migração italiana: um projeto sócio-pastoral*. Pallotti, 1988.

ZANINI, Roberto Italo. *Della stessa forza di Dio: Scalabrini: un vescovo negli anni difficili dell'Ottocento*. San Paolo, 2011.



MINI-CURSOS

AS DEVOÇÕES DE SÃO JOÃO BATISTA SCALABRINI

Pe. Antônio César Seganfredo, CS

Introdução

No estudo que segue apresentarei aquelas que são reconhecidas como as principais devoções de São João Batista Scalabrini. Para tanto, é preciso começar com o próprio o conceito de *devoção*. Vejamos:

No cristianismo refere-se basicamente aos atos rituais – litúrgicos – destinados a prestar culto a Deus. Para além do aspecto externo, o conceito de devoção inclui também as disposições interiores necessárias para tanto³⁵. Nesse conceito se encaixa a devoção – e então as devoções – do Bispo italiano São João Batista Scalabrini (1939-1905), no âmbito de sua espiritualidade, declinada em três pontos principais, a saber, a devoção à Eucaristia, à cruz e à Maria.

Passo, portanto, a apresentar cada uma dessas três devoções. As fontes principais para a apresentação sintética de cada um desses três pontos são as duas obras fundamentais de Mário Francesconi, biógrafo de Scalabrini. Trata-se da monumental biografia crítica, escrita em vista do processo de canonização, extensa de 1.306 páginas³⁶, e da síntese posterior produzida pelo mesmo sobre a espiritualidade do santo³⁷.

Um dos méritos das obras de Francesconi é a constante citação literal e extensa de textos retirados dos escritos de Scalabrini³⁸.

35 Cf. Valabek, Redemptus Maria., “Devoção”, in Caruana, Edmundo - Borriello, Luigi - Del Genio, Maria Rosaria, *Dicionário de Mística*, São Paulo: Loyola 2003, 321-323.

36 Francesconi, Mario, *Giovanni Battista Scalabrini, vescovo di Piacenza e degli emigrati*, Roma: Città Nuova Editrice 1985, 352-394.

37 Francesconi, Mario, *Giovanni Battista Scalabrini, spiritualità d'incarnazione*, Roma: Congregazione scalabriniana 1989, 46-68 (com tradução em português).

38 Ao citar os discursos e escritos de Scalabrini o faço segundo as referências presentes em Francesconi, sem citar a qual discurso ou escrito do santo se refere. Quem desejasse sabê-lo precisará consultar a obra citada.

É deixado, portanto, que o próprio santo fale. Sendo assim, seguindo nas pegadas desse biógrafo, apresento a seguir alguns traços principais do modo no qual Scalabrini vivia essas devoções, interna e externamente. É desnecessário sublinhar que, se alguém desejar aprofundar tal temática, encontrará conteúdo aprofundado nas obras citadas. Começo com a Eucaristia.

1. Eucaristia

Segundo a conclusão de Francesconi, Scalabrini não é um tanto um contemplativo, mas um meditativo e adorador³⁹. Para o santo a Eucaristia é o meio principal através do qual a pessoa entra em contado com a graça sobrenatural (divinização). Nela acontece “o ponto de contato entre o finito e o infinito, entre a natureza e a graça”⁴⁰.

O conhecimento intelectual do mistério da Eucaristia, enquanto possível, é muito importante. Segundo as características do tempo, tal explicação acontece segundo às categorias tomistas. Não obstante, para além de conhecer é preciso amar o Cristo presente na Eucaristia. O resultado disso é uma profunda alegria, que não esmorece mesmo diante das tribulações.

Do ponto de vista da linguagem, aquela presente nos discursos de Scalabrini é amiúde perpassada por palavras grandiloquentes que exaltam o objeto do discurso, também com o uso de várias metáforas. Nesse sentido, por exemplo, referindo-se à Eucaristia, ele afirma que “é no mundo espiritual aquilo que o sol é para o mundo físico”⁴¹; e mais: “a Eucaristia é a obra prima do coração de Deus”⁴².

Passando do indivíduo para uma esfera mais ampla, a Eucaristia é o centro da vida da Igreja. A Igreja, através do ministério sacerdotal,

39 Cf. Francesconi, Mario, *Giovanni Battista Scalabrini, vescovo di Piacenza e degli emigrati*, Roma: Città Nuova Editrice 1985, 353. Essa obra será citada, de agora em diante, simplesmente como Biografia. As traduções dessa e de outras obras, do italiano, são próprias.

40 Biografia, 354.

41 Idem, 353.

42 Idem, 354.

oferece este *fermento* que penetra e dá sabor às diferentes realidades sociais e, do ponto de vista missionário, congrega os povos.

A Eucaristia é a principal devoção da Igreja. É a devoção das devoções! Destarte, Scalabrini alerta que a devoção a Maria e aos Santos não pode em modo nenhum igualar-se àquela devotada à Eucaristia.

Dada a centralidade e importância da Eucaristia, o Santo exorta os sacerdotes a explicarem o significado e as partes da Missa, tendo em vista uma participação profícua. Assim, será evitada a celebração de simples ritos exteriores. Nessa linha do ensinamento sobre a Eucaristia, alerta que ao povo deve ser oferecido “*alimento sólido*”⁴³, ou seja, uma explicação clara e completa do mistério celebrado. O sacerdote, outrossim, deve fomentar um clima de fé, cujo instrumento principal é o próprio exemplo, vivido “com o coração, para meditar e repensar continuamente a Eucaristia; com a palavra, para pregá-la incessantemente (oportuna e inoportunamente⁴⁴); com as obras, para consumir as forças e o tempo para a glória da Eucaristia”⁴⁵. Scalabrini também exorta os sacerdotes à adoração, à meditação – e até mesmo à preparação dos discursos mais importantes – diante do Santíssimo Sacramento. Ele mesmo, diante de decisões difíceis a serem tomadas, escrevi-as e colocava o papel sob o corporal, de modo a pedir o discernimento necessário.

Do ponto de vista da recepção da Eucaristia, Scalabrini ensina e incentiva a comunhão frequente, que sabemos será particularmente sublinhada, desde a tenra infância, pelo Papa Pio X, contemporâneo do nosso Santo: “*A Eucaristia não foi certamente instituída para os anjos confirmados na santidade, mas para os homens que, por quanta diligência empreguem, serão sempre ‘appesantiti’ com alguma forma de imperfeição*”⁴⁶.

43 Para esta metáfora cf. 1Cor 3,2.

44 Para esta metáfora cf. 2Tm 4,2-3.

45 Biografia, 354.

46 Idem, 359.

A redação mais completa de Scalabrini sobre a Eucaristia faz parte do período da sua maturidade, isto é, a celebração do 3º Sínodo diocesano a ela dedicado (1899), bem como a Carta Pastoral para a Quaresma sobre a “Devoção ao Santíssimo Sacramento” (1902)⁴⁷.

Sublinho, para concluir, a profunda piedade de Scalabrini na celebração da Eucaristia, conforme atestam mais testemunhos: “recordo-me que na Consagração ele se transformava e seus olhos brilhavam como dois sóis” testemunha Ir. Carmela Tomedi, missionário scalabriniana⁴⁸, B. p. 368). A celebração diária da Eucaristia foi mantida inclusive em meio a condições extremamente desfavoráveis, como nas duas viagens transoceânicas (1901 e 1904). Sabemos, por fim, que desejou ser sepultado junto ao altar da Eucaristia, na Catedral de Piacenza, bem como ser enterrado com o necessário para celebrar a Eucaristia (cálice etc.), simbolizando assim a centralidade devotada à Eucaristia.

2. A Cruz

É importante começar evidenciando a estreita relação, como de fato o é, entre a Eucaristia e a cruz: A Eucaristia nasce da cruz: “*Cristo abriu para nós com a sua paixão a salvação e a santidade; na Eucaristia nos é comunicado o fruto*”⁴⁹ (E., p. 57).

Se a raiz da compreensão do mistério da cruz é claramente bíblica (paulina, parece-me), o santo sublinha a importância fundamental, para o cristão, de responder ao sacrifício da cruz com o próprio sacrifício: “O sacrifício de Jesus e o sacrifício nosso, são dois sacrifícios igualmente necessários, são dois sacrifícios que não aplacam a divina Justiça, se não estão indivisivelmente conjuntos, porque o nosso sacrifício, sem ser acompanhado pelo sacrifício de Cristo, é indigno de Deus; o sacrifício de Cristo, sem ser acompanhado pelo

⁴⁷ Scalabrini, Giovanni Battista, “La devozione al Santissimo Sacramento. Lettera pastorale di Monsignor Vescovo di Piacenza per la Santa Quaresima dell’anno 1902, in Sartori, Ottaviano (ed.), *Giovanni Battista Scalabrini. Lettere pastorali*, Torino: Società Editrice Internazionale 1994, 638-655.

⁴⁸ Biografia, 368.

⁴⁹ Francesconi, Mario, *Giovanni Battista Scalabrini, spiritualità d’incarnazione*, Roma: Congregazione scalabriniana 1989, 57. Essa obra será citada, de agora em diante, simplesmente como Espiritualidade. As traduções dessa e de outras obras, do italiano, são próprias.

nosso, é-nos inútil”⁵⁰. O cristão deve “conformar-se” a Cristo, e isso acontece especialmente através da resposta ao sacrifício da cruz com o próprio sacrifício.

Como podemos perceber, a aproximação scalabriniana ao mistério da cruz dá-se em uma dimensão profundamente ascética. Todavia, ele alerta que o objetivo da acese é a conquista da liberdade cristã: “queremos reprimir a carne, mas para conceder liberdade ao Espírito”⁵¹. (E. p. 58).

Scalabrini fala da *filosofia da cruz*. Trata-se da filosofia através da qual Deus no educa, isto é, através das cruzes e amarguras. Nessa linha, conjuga em modo estreitíssimo a cruz de Cristo com as inúmeras cruzes pessoais, sejam as quotidianas sejam as mais pesadas (muito pesadas, por vezes), de modo que da íntima união com a cruz de Cristo brote o espírito com o qual carregar as próprias, como meio precioso de santificação. O fruto da *filosofia da cruz* é a verdadeira alegria, expressa através de uma das frases mais características do santo, tomada do hino *Stabat Mater*: “*fac me cruce inebriare*”.

Scalabrini, segundo o espírito da época, recorre ao cilício, aos jejuns e até à flagelação, na busca do domínio de si e tendo em vista a *satisfactio vicaria*. Não obstante, alerta os padres que “o cilício do sacerdote, mais que qualquer outro, deve consistir no cumprimento exato de cada dever e na resignação diante das muitas cruzes e aos grandes sacrifícios que se encontram no ministério”⁵². Nesse sentido, encoraja os missionários que envia, também com palavras grandiloquentes e metafóricas em relação à cruz (conforme já sublinhei no tocante à Eucaristia), mas que estão condensadas na afirmação: “*acompanha-vos a cruz*”⁵³.

50 Espiritualidade, 57. Pouco acima Scalabrini tinha citado Cl 1,24.

51 Idem, 58.

52 Idem, 60

53 Idem, 62.

3. Maria

A devoção mariana ocupou um lugar muito importante na espiritualidade de Scalabrini, e ele ensina: “Considerai que a devoção à SS. Virgem deve ser sólida, isto é, não deve ser uma devoção superficial e leviana, que acaba na exterioridade de poucas práticas; mas deve conduzir-vos a purificar a alma dos defeitos e enriquecê-la de virtudes”⁵⁴.

A devoção do santo enfatiza dois títulos marianos, com a doutrina subjacente, a saber: *Imaculada* e *Assunta*. Em relação ao primeiro, era recente a proclamação do dogma da Imaculada Conceição, pelo Papa Pio IX (1854). Ele considera o séc. XIX, nesse sentido, como o século da Imaculada. Sobre a Maria Assunta, a Catedral de Piacenza é a ela dedicada e assim conservaram-se 18 homilias proferidas pelo Bispo na ocasião da solene festa patronal, a partir das quais é possível traçar a concepção mariológica do Santo Bispo.

Não se trata, porém, de uma mariologia original, mas de uma devoção vivida em profundidade. Na linha de Santo Ambrósio, Scalabrini considera Maria “tipo da Igreja”. Nesse sentido, encontramos um seu discurso no qual traça em modo detalhado, desde o nascimento até a Assunção, a relação tipológica entre Maria e a Igreja. Dando apenas um exemplo caro aos scalabrinianos: “A fuga no Egito (tipologicamente) assinala o primeiro passo da evangelização dos gentios”⁵⁵.

Ainda sobre a Imaculada Conceição, um aspecto importante da reflexão de Scalabrini coloca em evidência como essa realidade signifique a superação da dicotomia entre razão e fé, tão própria da *modernidade*. Na Imaculada Conceição, o ser humano, que na modernidade é elevado a critério de verdade e se considera sem necessidade de redenção, encontra em Maria “aquela na qual a natureza e a graça, o natural e o sobrenatural, a ciência e a fé se unem e se entrelaçam em sumo grau, no modo mais estupendo”⁵⁶.

⁵⁴ Congregazioni scalabriniana, Scalabrini, una voce viva. Pagine scelte degli scritti 1987, 83.

⁵⁵ Bibliografia, 379.

⁵⁶ Idem, 381.

A devoção de Scalabrini se expressa também, para além da recitação diária do Rosário, em uma grande valorização da piedade mariana popular. Dedicou especial atenção aos vários santuários marianos presentes da Diocese (e fora, como o de Loreto), promovendo coroações precedidas pela preparação através de vários dias de pregações. Para tais coroações, não hesitou em oferecer as joias que tinha recebido como herança de sua mãe, e pedras preciosas de anéis e cruzes peitorais. Para os Scalabrinianos é cara a recordação da coroação da Bem-aventurada Virgem das Graças do Castelo, na colina de Rivergaro, em 14 de junho de 1902. Para a confecção dessa coroa doou as últimas pedras preciosas que ainda conservava da mãe e aquelas da cruz peitoral.

Conclusão

A espiritualidade de João Batista Scalabrini, reconhecido pela Igreja como eminente (foi canonizado em 09 de outubro de 2022), foi vivida no contexto histórico e cultural conturbado da Itália da segunda metade do séc. XIX. Não obstante, conforme evidencia Cataldo Naro:

“uma personalidade espiritual eminente não é o resultado de várias influências recebidas. Exprime sempre uma originalidade que lhe é dada por sua relação com Deus, pelo deixar-se conduzir pelo Espírito, numa novidade de experiência que é sempre, de qualquer modo, ruptura não apenas com o próprio ambiente, mas também com a continuidade de sua própria vivência pessoal”⁵⁷.

Tal observação é muito importante para evitar qualquer tipo de reducionismo na recepção da espiritualidade, nesse caso de Scalabrini. Não obstante, não deixa de ser verdade que, do estudo das características da sociedade – e do contexto eclesial – de um determinado tempo e lugar, compreende-se melhor as características da espiritualidade de uma pessoa. Nesse sentido, o estudo de Cataldo Naro sobre “A espiritualidade no tempo de Scalabrini” é deveras iluminante para a compreensão das características da espiritualidade – e das devoções – do santo Bispo de Piacenza.

⁵⁷ Naro, Cataldo, “A espiritualidade no tempo de Scalabrini”, in Congresso Internacional de Espiritualidade Escalabriniana, Roma: Direção Geral dos Missionários Scalabrinianos 1996, 85.

Esse autor individua na espiritualidade italiana da segunda metade do séc. XIX as características que define com os adjetivos ordinária, devota, popular e ativa. Ao mesmo tempo, não deixa de evidenciar seus limites, dentre eles sobretudo o voluntarismo, a pobreza teológica e a escasso contato direto com a Palavra de Deus⁵⁸. Tais características e limites são facilmente individualizados por quem tem um conhecimento de base da biografia e da espiritualidade de Scalabrini.

Destarte, na medida em que o legado de São João Batista Scalabrini continua vivo, sobretudo em seus “filhos e filhas”⁵⁹, um primeiro passo para quem se inspira nele é um aprofundado estudo de sua vida, obra e espiritualidade. No recorte acima procurei resgatar resumidamente suas devoções principais. É óbvio, contudo, que para que iluminem nossa realidade atual, é preciso que sejam ressignificadas de acordo com a realidade histórica, geográfica, eclesial, pastoral de nosso tempo. É com esse objetivo que o estudo acima foi realizado!

BIBLIOGRAFIA

CONGREGAZIONI SCALABRINIANA, *Scalabrini, una voce viva. Pagine scelte degli scritti*, Roma: Congregazione dei Missionari di San Carlo 1987;

FRANCESCONI, MARIO, *Giovanni Battista Scalabrini, spiritualità d'incarnazione*, Roma: Congregazione scalabriniana 1989 (com tradução em português);

_____, *Giovanni Battista Scalabrini, vescovo di Piacenza e degli emigrati*, Roma: Città Nuova Editrice 1985;

NARO, CATALDO, “A espiritualidade no tempo de Scalabrini”, in Congresso Internacional de Espiritualidade Escalabriniana, Roma: Direção Geral dos Missionários Scalabrinianos 1996, 83-99;

⁵⁸ Cf. Idem, 83-99. A leitura de todo o partido resulta muito proveitosa.

⁵⁹ Ele fundou, em 1887, os Missionários de São Carlos e, em 1895, as Missionárias de São Carlos.

SCALABRINI, GIOVANNI BATTISTA, “La devozione al Santissimo Sacramento. Lettera pastorale di Monsignor Vescovo di Piacenza per la Santa Quaresima dell’anno 1902”, in SARTORI, OTTAVIANO (ed.), *Giovanni Battista Scalabrini. Lettere pastorali*, Torino: Società Editrice Internazionale 1994, 638-655;

VALABEK, REDEMPTUS MARIA, “Devoção”, in CARUANA, EDMUNDO - BORRIELLO, LUIGI - DEL GENIO, MARIA ROSARIA, *Dicionário de Mística*, São Paulo: Loyola 2003, 321-323.

SCALABRINI E OS MIGRANTES

Dra. Eliza Donda

Quando a gente fala da atuação com migrantes, é importante reconhecer que o início nunca foi fácil, não foi para os migrantes nem para as instituições que escolheram estar ao lado deles. Foram muitos os momentos de portas fechadas, de incompreensão e, sim, de muitas lágrimas – lágrimas para conseguir um espaço de escuta, para garantir um mínimo de resposta por parte do poder público, para vencer a invisibilidade.

Mas, com o tempo e com muito trabalho coletivo, conseguimos avançar. Hoje, temos maior proximidade com algumas instâncias do poder público. Temos diálogo. Mas é preciso reconhecer que esse diálogo foi construído com muito esforço e que, ainda assim, os desafios continuam enormes.

O acolhimento que fazemos hoje na Missão Paz, inspirados por São João Batista Scalabrini não é só institucional. Trata-se de um acolhimento que atravessa as nossas casas, as nossas famílias, as nossas escolhas de vida. É um acolhimento que muitas vezes invade o fim de semana, a madrugada, o emocional. E é justamente essa entrega que faz a diferença para quem chega.

Se tem algo que aprendemos nesses anos de caminhada, é que o mais importante é saber se comunicar. Comunicar com os migrantes, com os órgãos públicos, com a sociedade. Traduzir não só os idiomas, mas também os direitos, os caminhos, os processos. É pela comunicação que conseguimos abrir portas e criar vínculos.

A migração, por mais dura que seja, também carrega oportunidade. Oportunidade de reconstrução, de desenvolvimento pessoal, de um novo projeto de vida. E o nosso papel é justamente caminhar ao lado dos migrantes e refugiados nesse processo. Ajudar, orientar, mas sobretudo respeitar o ritmo e as escolhas de cada um.

É importante reforçar: não fazemos um trabalho burocrático. Fazemos um acompanhamento da vida – e também da morte – de pessoas em mobilidade. Estamos presentes nos nascimentos, nas primeiras palavras em português, nas audiências judiciais, nas entrevistas na Polícia Federal. E também nos enterros de quem não conseguiu resistir.

Essa é a dimensão real da migração: vida e morte caminhando juntas. O grande valor da ação scalabriniana está justamente nisso: não se resume a um serviço. Não é algo privatizado, institucionalizado, distante. É um olhar. Uma escuta. Uma companhia. Um compromisso humano, que vai além da assistência pontual e que busca uma transformação estrutural.

A migração que vivemos hoje no Brasil não é mais uma migração de passagem, nem só emergencial. É uma migração que permanece, que ocupa espaço, que forma famílias, que gera novas cidadanias. Por isso, não podemos mais viver de respostas emergenciais e improvisadas. Precisamos de soluções duradouras, com políticas públicas estáveis, com legislações que não sejam “gambiarras”, que não obriguem migrantes a viver de limbos jurídicos. E, principalmente, não podemos aceitar que o Estado transfira sua responsabilidade para a sociedade civil.

A Missão Paz, como tantas outras organizações, tem feito o impossível para atender, orientar e acolher. Mas a verdade é que não estamos mais dando conta sozinhos. É preciso que o Estado assuma o seu papel. E mais: precisamos aprender a reconhecer a força e o protagonismo dos próprios migrantes. Quem deu comida para os migrantes, nos piores momentos da pandemia e das crises recentes, foram os próprios migrantes. Quem montou redes de apoio, quem distribuiu cestas básicas, quem acolheu famílias que chegavam, foram eles mesmos. Os migrantes têm estruturas, têm redes, têm lideranças.

Nosso papel não é apenas ajudar. É também impulsionar, fortalecer, dar visibilidade e espaço para que esses movimentos cresçam. Nós não somos donos da migração. A migração não pertence a nenhuma instituição. Nosso desafio é somar, agregar, construir junto. Porque fortalecer o protagonismo migrante é também fortalecer a luta contra

os retrocessos, contra o fechamento de fronteiras, contra as tentativas de desumanização.

É claro que essa mudança de mentalidade é difícil. É difícil para nós, que às vezes estamos há anos em campo, com métodos que precisam se renovar. E também é difícil para os próprios migrantes, que muitas vezes chegam fragilizados, inseguros e ainda aprendendo a se organizar coletivamente. Mas é um processo necessário. E ele já começou. Por isso, cada vez mais, entendemos que a atuação em rede não é uma opção: é uma necessidade.

Nenhuma instituição, nenhuma congregação, nenhuma organização darão conta sozinha. Juntos somos mais fortes. E fortalecer os laços entre as diferentes frentes scalabrinianas também é parte dessa construção.

Para encerrar essa parte, deixo duas imagens que ouvi hoje, para um momento de reflexão: se o Rio Paraná chorasse, choraria lágrimas de sangue, por tantas vidas migrantes perdidas nas fronteiras e nos caminhos da América Latina. Mas, ao mesmo tempo, o mar segue seu curso. Ninguém segura o mar. As águas continuam se movendo, como as pessoas continuam migrando. E, como as águas, parafraseando São João Batista Scalabrini, as sementes migram. Elas encontram novas terras, novos caminhos e, com o tempo, florescem.

Que a gente saiba ser solo fértil para essas sementes.

SCALABRINI: A INCIDÊNCIA SOCIAL E PASTORAL

Pe. Luiz Flávio Prigol, CS

Introdução

São João Batista Scalabrini, foi o bispo da diocese de Piacenza e Fundador da Congregação dos Missionários de São Carlos. Como Bispo, Scalabrini se destacou por ser um pastor próximo aos seus fiéis e sensível às suas necessidades.

A Diocese era constituída por 365 paróquias, abrangendo uma área que incluía tanto a cidade de Piacenza quanto as regiões circunvizinhas. Como pastor, tinha claro que era responsável pelo atendimento às necessidades espirituais e sociais dos fiéis, promovendo a evangelização de uma maneira mais ampla possível.

Scalabrini se destacou por sua visão pastoral, buscando fortalecer a fé e a identidade católica por meio das visitas pastorais; foram 5 visitas pastorais a toda sua imensa diocese. Por este meio, marcava presença junto aos seus e conseguia colher as necessidades do povo em sua integralidade. E ainda, por essa percepção e leitura perspicaz dos anseios do povo desenvolveu em seu itinerário de Pastor uma profunda preocupação com a catequese, buscando elaborar o pequeno catecismo onde apresentava um método mais prático e de uma catequese aberta às reais necessidades do povo de Deus.

1. Fundador de Congregações

Juntamente com a missão de Bispo e motivado pela realidade social da época, Scalabrini via a migração como um fenômeno que exigia uma resposta pastoral adequada. Para isso fundou uma Congregação Religiosa Missionária como resposta, para atender os migrantes, aquela porção de povo da sua igreja que deixavam a Itália em busca de melhores condições de vida em outros rincões.

É importante destacar a revolução industrial, o surgimento da grande crise econômica que assolou de forma impiedosa a Itália e outros países da Europa; onde muitos se colocavam este dilema: ou *roubar ou migrar*. Diante da realidade do fenômeno social, a fundação da Congregação como uma resposta, certamente foi um apelo do próprio Deus.

Merece destaque um elemento importante, o desejo que Scalabrini alimentou em seu íntimo de ser um missionário nas Índias. Este desejo o levou a anotar-se no grupo de missionários voluntários para a Índia. Ao apresentar-se ao seu bispo recebeu a resposta: *tuas Índias são a Itália*.

Scalabrini não se abalou, mas também não deixou morrer dentro de si este sonho. Tanto que diante da realidade do grande êxodo de sua diocese, apresentou uma resposta concreta buscando pessoas para dar esta assistência humana, pastoral, espiritual e social. Dessa intuição resultou a constituição da Congregação dos Missionários de São Carlos. Padres, Irmãos religiosos (1887), Associação de Leigos, Missionárias de São Carlos (1895). Mais tarde, surgem as Missionárias Seculares inspiradas no carisma de Dom Scalabrini e, atualmente, os Leigos Scalabrinianos, a Juventude Scalabriniana e os voluntários a serviço dos migrantes. A partir deste momento, Scalabrini dividia suas forças e seu tempo nestas duas realidades, a Diocese e a Congregação.

Aqui surge um questionamento: Se Scalabrini tivesse se dedicado exclusivamente ao cuidado da Congregação desde o início, ou se tivesse vivido mais tempo com a Congregação por ele iniciada, quantos mais elementos ou ensinamentos e testemunhos teríamos ao nosso favor? Naturalmente, trata-se de simples especulações, o importante é saber ler, colher e aplicar esta riqueza, fruto de seu grande amor missionário e aplicarmos em benefício ao povo migrante.

A figura de Scalabrini Fundador é fundamental para entendermos a relação entre a incidência social e a pastoral, especialmente no contexto da migração. Scalabrini dedicou sua vida a atender as necessidades espirituais e sociais da diocese e depois dos imigrantes,

reconhecendo que a pastoral não pode ser dissociada das realidades sociais que afetam as comunidades. Ele via na migração a possibilidade de uma comunhão fraterna. (Na acolhida, na inserção, em dar uma possibilidade de reiniciar).

2. O que seria incidência Social?

A incidência social refere-se à ação da Igreja e de seus membros em contextos sociais, buscando promover a justiça, a dignidade humana e o bem comum. Scalabrini acreditava que a pastoral deveria ir além da assistência espiritual, envolvendo-se ativamente nas questões sociais. Tenhamos presentes as visitas pastorais em sua diocese. Ele quebrava os esquemas das organizações. Passando pelo Monte Pena, ele fica uns dias a mais para visitar o acampamento dos lenhadores e carvoeiros.

A incidência pastoral, por sua vez, refere-se ao cuidado espiritual e à evangelização das comunidades. Scalabrini enfatizava a importância do Apoio Espiritual, da Formação e dos Direitos humanos dos migrantes.

- a) **Apoio Espiritual:** oferecia suporte espiritual aos imigrantes, pedindo aos seus missionários a construir igrejas, comunidades para melhor manter a fé e a identidade cultural em um novo país. Criar espaços de acolhimento e pertença, onde os imigrantes possam se sentir parte de uma comunidade de fé num processo de integração.
- b) **Formação:** proporcionar formação religiosa e social, capacitando os migrantes a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades. Incentivava seus primeiros missionários a construírem escolas para o cuidado integral da pessoa.
- c) **Direitos humanos dos migrantes:** percebemos como uma constante na ação de Scalabrini o cuidado e a preocupação com a defesa dos direitos dos imigrantes. Em sua visita realizada aos Estados Unidos e ao Brasil, buscava encontrar-se com as autoridades eclesiais e políticas buscando garantir que os migrantes fossem tratados com dignidade e respeito.

A obra de Scalabrini é um exemplo de como a Igreja pode e deve atuar em ambas as frentes: social e pastoral. A incidência social e pastoral se complementa, pois, a verdadeira evangelização deve levar em conta as realidades sociais e as necessidades espirituais dos indivíduos. Scalabrini nos ensina que a missão da Igreja é integral, envolvendo tanto a dimensão espiritual quanto a social, especialmente em contextos de migração e diversidade cultural.

Para os nossos tempos, devemos ter uma sensibilidade e cuidado especial, pois muitos migrantes levam consigo outra expressão de fé. A prudência para não impor nem excluir ninguém, mas ver o migrante como ser humano, destinatário da nossa caridade pastoral.

3. Scalabrini e a incidência Pastoral

Antes de Scalabrini, o trabalho pastoral com migrantes era bastante limitado e muitas vezes desorganizado. A Igreja Católica, em geral, não tinha uma abordagem sistemática para atender às necessidades específicas dos migrantes, que enfrentavam desafios significativos, como a adaptação a novas culturas, a busca por emprego e a manutenção de sua identidade religiosa.

As comunidades locais muitas vezes ofereciam algum suporte, mas isso variava muito de lugar para lugar. Em muitos casos, os migrantes eram deixados à própria sorte, dependendo de redes informais de apoio, como amigos e familiares já estabelecidos na nova localidade. A assistência pastoral, quando existia, era frequentemente realizada de maneira esporádica.

Com a chegada de João Batista Scalabrini, no final do século XIX, houve uma mudança significativa. Scalabrini reconheceu a necessidade de uma abordagem mais organizada e dedicada ao cuidado dos migrantes. Foi significativo para Scalabrini o episódio da Estação de Milão, diante do panorama de despedidas, choros, sonhos e esperanças, foi um fator decisivo para Scalabrini fundar a Congregação dos Missionários de São Carlos, e isso aconteceu em 1887. Podemos destacar também inúmeras cartas recebidas dos migrantes que solicitavam o envio de

sacerdotes. O objetivo era atender às necessidades espirituais e sociais dos migrantes. No início, dos italianos e mais tarde abrindo para outras culturas e povos. Scalabrini enfatizou a importância de acompanhar os migrantes em sua jornada, promovendo a dignidade humana e a preservação da fé católica entre aqueles que se deslocavam. Essa nova abordagem ajudou a estabelecer uma base mais sólida para o trabalho pastoral com migrantes, que se desenvolveu ao longo do tempo.

4. A metodologia utilizada por Scalabrini para acompanhar os migrantes

João Batista Scalabrini utilizou um método que combinava a assistência espiritual, social e comunitária para acompanhar os migrantes. Recolhemos, a seguir, alguns métodos utilizados por Scalabrini que formaram a base do trabalho pastoral junto ao migrante e continua sendo uma referência importante na assistência a migrantes e refugiados até os dias de hoje.

a) Criação de Comunidades: Scalabrini, como pastor, já tinha demonstrado em sua diocese a preocupação de estar junto com o seu povo. Tem demonstrado com a realização das visitas pastorais.

Ao iniciar a Congregação para atender os migrantes, no envio de seus missionários, Scalabrini os incentivava para ir junto aos migrantes para formar comunidades. Vemos que os primeiros missionários construíram igrejas, escolas e em vários lugares também hospitais. Isso facilitava para ter um lugar de encontro para se reunir, compartilhar experiências e apoiar-se mutuamente. Scalabrini acreditava que a solidariedade entre os migrantes era fundamental para enfrentar os desafios da adaptação em um novo país.

b) Apoio Espiritual: Scalabrini enfatizou a importância da fé e da prática religiosa na vida dos migrantes. Em sua visita aos missionários e migrantes, organizou celebrações e atividades religiosas, como missas, batizados, crismas e encontros que ajudavam os migrantes a manterem sua identidade católica e a encontrar conforto espiritual em meio às dificuldades por estarem longe do país de origem.

- c) **Educação e Formação:** Scalabrini também se preocupou com a educação dos migrantes, promovendo a alfabetização e a formação em valores cristãos. Ele acreditava que a educação era essencial para a integração e o empoderamento dos migrantes na nova realidade de inserção.
- d) **Apoio Social:** Ele estabeleceu serviços de assistência nos portos de embarque e desembarque para ajudar a defender os migrantes. Em sua visita aos Estados Unidos e depois ao Brasil, buscava dialogar com as autoridades locais visando sempre o cuidado e proteção ao migrante.

5. Desafios atuais

Trazemos, a seguir, alguns desafios que podemos encontrar ao realizar uma pastoral da mobilidade humana neste século XXI, desafiados pelo contexto global, marcado por migrações em massa, crises humanitárias e mudanças climáticas, sociais e ultimamente políticas.

- a) **Crises Humanitárias e Conflitos:** Encontramos um bom contingente de pessoas que migram devido a guerras, perseguições políticas e crises humanitárias. Nasce uma interrogação: o que fazer ou como fazer? Uma possível saída para a pastoral da mobilidade humana é exercitar a sensibilidade para lidar com a complexidade dessas situações; oferecendo apoio a refugiados e deslocados forçados, que muitas vezes enfrentam traumas profundos. Partir da dimensão humana sem esquecer que são seres humanos que precisam de acolhida. Aprender a acolher.
- b) **Xenofobia e Discriminação:** Percebemos um aumento do nacionalismo e da xenofobia em várias partes do mundo. Muitos migrantes enfrentam traumas e stress psicológico devido à experiência de migração. A pastoral precisa trabalhar para combater preconceitos e promover a aceitação e a inclusão dos migrantes nas comunidades. Deve oferecer suporte psicológico e social, ajudando os migrantes a lidarem com suas experiências e a se reintegrarem nas novas comunidades e ressignificarem a vida. Aprender a integrar.

- c) Direitos Humanos:** A proteção dos direitos dos migrantes é um desafio constante. Muitas vezes, os migrantes enfrentam exploração, abuso e violações de direitos. A pastoral deve ser uma voz ativa na defesa dos direitos humanos e na promoção de políticas justas. Realizar parcerias com entidades ou organismos para obter melhores resultados. Aprender a proteger.
- d) Diversidade Cultural e Religiosa:** A diversidade entre os migrantes, que podem vir de diferentes culturas e religiões, exige uma abordagem pastoral sensível e inclusiva. A Igreja deve encontrar maneiras de acolher e respeitar essa diversidade, promovendo o diálogo inter-religioso, cultural e institucional, buscando uma abordagem inovadora e adaptativa, disposta a aprender e a se ajustar às realidades em constante mudança que os migrantes encontram. Ter um olhar para a pessoa do migrante antes que na sua expressão de fé. Aprender a promover.
- e) Mudanças Climáticas:** Este fenómeno provoca deslocamento forçado e está se tornando uma realidade crescente. A pastoral precisa se adaptar a essa nova realidade, oferecendo apoio a aqueles que são deslocados por causas ambientais. Mas que tipo de apoio, uma vez que neste caso, a maioria das vezes se requer iniciar tudo do zero? Uma vez mais sentimos a necessidade de que os agentes de pastoral sejam pontes, mediadores, devendo buscar parcerias para alcançar os melhores resultados evitando desvios ou aproveitamentos. Também deve trabalhar em colaboração com governos, ONGs e outras instituições para criar redes de apoio eficazes (incidência). A falta de coordenação entre diferentes atores pode dificultar a assistência aos migrantes.
- f) Tecnologia e Comunicação:** A era digital traz oportunidades e desafios. A pastoral deve utilizar as tecnologias de comunicação para alcançar os migrantes, para estabelecer redes de apoios, mas também deve estar ciente das desinformações e dos riscos associados ao uso da tecnologia. Deve também conhecer as leis de proteção de dados para não fragilizar ainda mais a pessoa do migrante.

6. Qualidades Scalabrinianas

Antes de concluirmos destacaremos algumas qualidades ou competências que um scalabriniano/a ou agente de pastoral da mobilidade humana deveria adquirir ou cultivar para responder de maneira mais assertiva aos desafios que se apresentam.

- a) **Empatia e Sensibilidade Cultural:** A capacidade de entender e respeitar as experiências, culturas e tradições dos migrantes é fundamental. Isso envolve ouvir ativamente e estar aberto a aprender com as histórias e realidades dos outros.
- b) **Compromisso com os Direitos Humanos:** Um scalabriniano/a deve ser um defensor dos direitos dos migrantes, comprometendo-se a promover a dignidade humana, a justiça social e incidir nas políticas públicas. Isso inclui estar informado sobre as questões legais e sociais que afetam os migrantes.
- c) **Habilidades de Comunicação:** Se torna indispensável adquirir a capacidade de se comunicar de forma clara e eficaz, isso é essencial, tanto para construir relacionamentos de confiança com os migrantes quanto para sensibilizar a sociedade sobre suas necessidades e desafios.
- d) **Flexibilidade e Adaptabilidade:** Diante de um cenário em constante mudança, é importante que os scalabrinianos/as sejam flexíveis e capazes de se adaptar a novas realidades, ajustando suas abordagens e estratégias conforme a realidade se apresenta. Não podemos esquecer que atuamos motivados pelo carisma, por isso não somos meramente assistentes sociais.
- e) **Trabalho em Equipe e Colaboração:** A mobilidade humana é uma questão complexa que requer a colaboração com diversas organizações e comunidades. A habilidade de trabalhar em equipe e construir parcerias é crucial para criar redes de apoio que sejam eficazes para ajudar a enfrentar os desafios e buscar uma solução aos problemas.

- f) Formação Contínua:** A busca por conhecimento e formação contínua é vital. Serve para ir integrando e formando novos integrantes na ação concreta e facilita uma maior compreensão das questões relacionadas à migração, políticas públicas, direitos humanos e práticas pastorais.
- g) Compromisso Espiritual:** A vida espiritual e a prática da fé são fundamentais para a missão scalabriniana. Um scalabriniano/a deve cultivar uma vida de oração e reflexão, buscando inspiração e força em sua fé para servir os migrantes. Este compromisso nos ajuda a adquirir um espírito que faz a diferença, em relação a outras pessoas ou instituições que trabalham com o migrante.
- h) Capacidade de *Advocacy*:** Ser capaz de articular e defender as necessidades e direitos dos migrantes em diferentes níveis, incluindo o comunitário, o político e o eclesial, é uma habilidade importante para promover mudanças significativas e até a possibilidade de conseguir recursos para melhor atender as necessidades básicas do migrante.
- i) Solidariedade e Compromisso Social:** Um forte senso fraterno e solidário com os migrantes, facilita nas várias atividades, em adquirir estratégias de compromisso com a justiça social, motivando a sociedade na ação e no serviço em favor daqueles que estão em situação de vulnerabilidade.

Essas qualidades podem servir de ajuda para os scalabrinianos/as a enfrentar os desafios da mobilidade humana, de maneira eficaz a promover um acolhimento mais justo e humano para os migrantes. Devemos nos espelhar em São João Batista Scalabrini, que soube ler os acontecimentos de seu tempo e dar uma resposta adequada e eficaz para seu momento. Hoje compete a nós aprendermos do nosso santo fundador e fazermos a nossa parte.

SCALABRINI E JUVENTUDE

Mis. Rose Casagrande, MSS

Iniciamos a nossa reflexão com estas perguntas essenciais. Por que Scalabrini é tão atual entre os jovens? Por que impacta na vida de tantos jovens e por que é tão atual?

Scalabrini foi um homem atento aos sinais dos tempos, uma pessoa ponte, que conseguiu conectar realidades diferentes. Profundamente um homem de Deus, da sua relação com Deus, amava a Igreja e ao mesmo tempo era uma pessoa atenta à realidade ao seu redor, comprometida, atual. Um homem que soube unir profundamente estas duas realidades, que atuava com uma espiritualidade encarnada no tempo e na história, sendo homem contemplativo e homem de comunhão. E é isso que fascina aos jovens de ontem, de hoje e do amanhã!

Muitas vezes podemos imaginar os jovens passivos, sem interesse, não motivados em nossas paróquias ou escolas, mas não é verdade que os jovens se deixam uniformar passivamente e tristemente, como muitos dizem. No encontro pessoal e direto com os jovens de diferentes continentes, se evidencia uma nova atitude positiva, uma sede, busca, disponibilidade de se abrir a uma nova esperança.

Bem-aventurados somos se estivermos prontos, atentos com a nossa vida a oferecer esta esperança que se torna futuro. A nossa atenção primária deveria ser o anúncio, o testemunho pessoal e comunitário do nosso específico carisma. Dom recebido, não só para nós, mas a serviço da Igreja local e universal. O anúncio vivido com fé tem uma força generativa.

Podemos viver espiritualidade no detalhe de cada dia, pelos caminhos do êxodo cotidiano, especialmente no encontro com a diversidade, favorecendo o encontro e o diálogo, apreciando a diversidade, que preparam a cada dia pequenos e grandes caminhos para a paz.

Através dos Centros Internacionais, onde nós missionárias atuamos, podemos colher: quanta sensibilização sobre o encontro com a diversidade foi transmitida nestes anos aos jovens. Quantas ocasiões para aprender juntos a encontrar a diversidade, não para assimilar, mas para valorizar quem é diferente e o que Deus faz com cada um de nós. Abrirmos a diversidade com estima e amor.

Como Família Scalabriniana somos provocados a ter este olhar novo sobre o mundo, como quem sabe reconhecer na fadiga das dores do parto um mundo capaz de humanidade.

Dar a conhecer o dom do nosso carisma na Igreja e no mundo, especialmente aos jovens, é como uma pedrinha que se coloca no mosaico da Igreja.

Desejamos colocar-nos em uma profunda escuta daquilo que o Espírito está operando especialmente nos jovens a serviço de uma resposta pessoal de cada um ao projeto de Deus. A importância de investir tempo e energia nas relações pessoais com os jovens, perguntando-nos sempre novamente como acompanhar para ajudar a discernir a sua vocação e como testemunhar o fascínio e a atualidade de uma vocação. Acompanhando os jovens com a oração e com a oferta da nossa vida. Rezar significa também custodiar a gratuidade e profunda estima em relação a Deus e aos jovens, como também ter a consciência que o Carisma não nos pertence.

Herdeiros de Scalabrini, porque fundados ou inspirados como missionários dos migrantes. É o legado carismático de Scalabrini, uma herança que temos o dever de sentir nossa, mas sabendo que não é nossa, que pertence a toda a Igreja. É nosso dever primordial garantir que outros compartilhem o legado carismático de Scalabrini, para que a atenção e a acolhida dos migrantes não esmoreçam na Igreja, para que não haja Igreja sem migrantes, uma eterna lembrança da nossa condição de peregrinos, expressão viva, ainda parcial, da reunião de todos os povos⁶⁰.

60 BATTISTELLA Graziano. *O legado espiritual de Scalabrini in Espiritualidade Scalabriniana*, Atas do Congresso Internacional, 2023.

Quantos jovens na nossa história e no nosso caminho se tornaram multiplicadores de acolhida, hospitalidade e defesa dos direitos dos migrantes e refugiados pelo mundo e que ainda hoje continuam o legado de Scalabrini, na sua condição própria de vida.

“A espiritualidade do êxodo nutre a vida de cada jovem migrante e a sua fonte de fé é Deus, que ajuda a dar sentido a tudo que vive, as dificuldades que encontra, prepara um terreno fértil para o seu crescimento. A Canonização de Scalabrini foi uma ocasião muito especial para lembrar que pertencemos a mesma família. Isto nós aprendemos de Scalabrini e da Família Scalabriniana que abre as portas para cada um, não importa a cor da pele ou o idioma, não importa a religião. Foi um grande evento que recorda que temos que passar esta mensagem para outros, não guardar para nós. Este é o caminho para difundir o Evangelho. Normalmente pensamos que o evangelho fica só na Igreja, mas podemos transmiti-lo através das pequenas coisas”⁶¹.

Eis outro testemunho juvenil ao responder à pergunta: quem é Scalabrini para você? “Em 2015 cheguei na Alemanha. Aqui conheci Scalabrini como Pai dos migrantes, meu pai. Através da canonização entendi que não só tenho um pai, mas também tenho uma voz que chega até Deus”⁶².

Citamos a seguir um longo trecho reflexivo sobre a espiritualidade juvenil scalabriniana, que nos ajuda a pensar sobre o tema que estamos refletindo:

“Queremos enfatizar a espiritualidade scalabriniana pensada a partir dos jovens e para os jovens. Há um ponto de conexão entre espiritualidade e juventude, uma característica comum que une o Espírito Santo e o jovem: a vivacidade da Graça de Deus. Uma qualidade essencial da Graça é o vigor divino

61 Testemunho de Alan, jovem mexicano, estudante de doutorado em Ciências agrária, Alemanha.

62 Testemunho de Shadi, jovem sírio.

capaz de renovar e transformar tudo, manifestando sua beleza sempre jovem. A sabedoria popular afirma com razão que ‘não envelhece nunca quem tem Deus no coração’. Pode haver tristeza numa casa repleta de crianças e jovens? Pode haver tristeza num coração inundado de Deus? A Graça, assim como a juventude, é exuberância, dinamismo e abertura. Esta abertura para a vida, para a beleza, para Deus e para os outros, possibilita pensarmos numa espiritualidade scalabriniana a partir dos jovens e para os jovens. Os jovens são abertos e dispostos a acolher. Jovens abertos e acolhedores acreditam na universalidade da compaixão e da fraternidade e desconfiam dos muros. Os muros separam os jovens da vitalidade do mundo, da relação com outras pessoas. A vivacidade juvenil deseja ultrapassar todas as formas de muros porque os jovens têm sede de horizonte. Assim, a juventude tem em si a predisposição para o Carisma Scalabriniano. A abertura e a acolhida são características deste Carisma que se opõe aos muros erguidos para separar pessoas, para limitar fronteiras. Se, por um lado, é impossível suprimirmos as “fronteiras”, sejam elas físicas ou de outra ordem, por outro lado, pode-se sempre escolher lutar contra os muros que dividem, barram e excluem”⁶³.

Outra citação, embora longa, poderá servir de auxílio na hora de refletir sobre a espiritualidade scalabriniana em referência à vivência dos jovens.

“Embora seja difícil definir, estruturar ou explicitar, a espiritualidade scalabriniana já é uma realidade e não apenas um projeto, porque são muitos os homens e as mulheres que assumem em suas vidas este modo de viver no Espírito com um olhar amoroso aos migrantes. São João Batista Scalabrini é a inspiração e o modelo. Ele experimentou a intimidade com Deus e permitiu que o Espírito Santo o interpelasse, levando-o a ver a realidade dos migrantes muito melhor do

63 MALDONADO Oscar. *A juventude e a espiritualidade scalabriniana* in Revista Scalabrinianos, N. 10, 2023, pp. 24-25.

que outra pessoa do seu tempo e a agir de forma a minimizar o drama de quem emigrava. Eis a prática determinada pela Vida no Espírito. A espiritualidade scalabriniana como horizonte inclui o “caminho”, o “movimento”, a “Estação”. A “Estação de Milão” é um símbolo muito estimado pelos Scalabrinianos. Ela é memória do encontro de Scalabrini com migrantes italianos que tomavam o trem até o porto de Gênova: ele viu, sentiu compaixão e agiu. A Estação é símbolo da provisoriedade da partida e da alegria da chegada. O horizonte está à frente, convida a caminhar, a não ficar parado, a olhar para cima e não para os próprios pés. O contrário do horizonte é a acomodação, a estagnação, a incapacidade de sair do próprio quarto para oportunizar encontros, a incapacidade de diálogos, de acolher o movimento. A vivacidade do Espírito de Deus, esta sim, é capaz de sacudir a nossa existência, tirar-nos da zona de conforto e de acomodação e impulsionar-nos para vermos com mais clareza o que está à nossa frente. A vida no Espírito provoca abrírmos os olhos para vislumbrarmos o horizonte, o qual oportuniza encontros. Os encontros exigem atitudes concretas, sendo uma delas a acolhida. Um dos frutos do Espírito de Deus na nossa vida é a acolhida. Mas acolher quem? Em primeiro lugar, as pessoas que Deus colocou na nossa vida, aquelas com quem moramos, convivemos, trabalhamos, e encontramos todos os dias, mas também aquelas que cruzam o nosso caminho esporadicamente. Não importa se estão perto ou longe, se são conhecidas ou não: todas tem lugar no coração acolhedor do jovem. Se algo podemos aprender dos jovens é a sua disponibilidade para acolher. Atitudes preconceituosas, absolutamente, não combinam com a juventude. A espiritualidade scalabriniana juvenil poderá ser um modelo para os que aspiram se nutrir desta espiritualidade. Quer dizer que deverá, a partir da Vida no Espírito, ter o olhar límpido para ver mais longe, para ver não apenas a si próprio, mas para enxergar o próximo, o migrante. Estar aberto para o encontro e a acolhida, além de se esforçar para derrubar os

muros que separam. A espiritualidade scalabriniana desafia a abraçar o horizonte, que significa pôr-se a caminho e abrir-se para a missionariedade. Eis a atualidade da proposta do Papa Francisco: sermos uma Igreja em saída. Este desafio vem de encontro com a nossa identificação com o carisma scalabriniano de uma Congregação que se põe a caminho, em saída. Assumir na própria vida a espiritualidade scalabriniana significa dispor-se para o encontro e para a acolhida. Não podemos guardar as riquezas que nos fazem bem apenas para nós mesmos. Através da nossa vida de fé, alimentada pela espiritualidade, atraímos os outros para degustar o que nós próprios experimentamos: Deus na nossa vida, a nossa luta contra os muros, a busca por acolher as pessoas, em particular, os migrantes. Se você comunga, de algum modo, com o carisma scalabriniano, certamente já está vivendo uma espiritualidade inspirada em São João Batista Scalabrini: Vida no Espírito, Encontro, Acolhida e Anúncio expresso na missionariedade, ou seja, no ser Igreja em saída”⁶⁴.

Por fim, citamos esta síntese relacionada à percepção de São João Batista Scalabrini com a juventude como expressão de força, coragem e da perseverança.

“Com muita frequência encontramos artigos falando da dedicação de Scalabrini para com os migrantes, do empenho dele na promoção da catequese ou ainda das suas devoções pela Eucaristia, por Maria Santíssima e pelo Cristo Crucificado, mas dificilmente nos deparamos com o tema Scalabrini e os jovens. Na verdade, porém, o tema da juventude nos escritos e, sobretudo, na prática de vida de Scalabrini é impressionantemente tratado com muito carinho e também com certa prioridade. Scalabrini via o jovem como expressão da força, da coragem, da jovialidade, da beleza, da garra e da perseverança. Justamente por isso ele

usava com relativa frequência a palavra jovem para expressar o valor e o dinamismo: da Igreja, do amor dos cristãos, da vivência missionária de seus religiosos. Eis algumas frases que ele costumava dizer: “A Igreja permanece sempre jovem e sempre bela, como no dia em que nasceu” e ainda, “o amor é sempre jovem”. Tratando diretamente com a juventude, no período de mais de trinta anos, entre 1859 até 1893, quando algumas leis da Itália restringiram e em seguida proibiram o ensino religioso nas escolas, Scalabrini foi criativo e encontrou alternativas para evangelizar os adolescentes e os jovens. Entre os anos de 1870 e 1876, quando foi pároco da paróquia de São Bartolomeu, em Como, fundou um oratório onde os adolescentes e jovens se encontravam aos finais de semana para brincar e ao mesmo tempo para receber em maneira criativa instrução catequética e cristã. Mais tarde, quando foi nomeado Bispo de Piacenza, em 1876, Scalabrini promoveu em modo amplo aquelas iniciativas que quando padre havia desenvolvido na Paróquia de São Bartolomeu. Para motivar os padres de sua diocese a que se dedicassem com entusiasmo no serviço aos jovens, Scalabrini assim escreveu: “As crianças e os jovens tenham o primeiro lugar, no vosso zelo. Sabeis que são prediletos de Cristo”. Aconselhando um sacerdote que estava assumindo a Paróquia de São Bartolomeu, onde Scalabrini havia sido pároco anteriormente, escreveu: “A assistência aos jovens e aos doentes são os dois atos de misericórdia mais grandemente apreciados por aquela população, e se puderes, ao menos no primeiro ano, consagrar-te a isso de modo todo particular, terás em mãos os corações de todos”. Priorizando o serviço com a juventude, Scalabrini motivou para que as paróquias instituíssem a sessão jovem nos comitês paroquiais. Em termos atuais ele estava solicitando a formação de uma pastoral da juventude dentro dos conselhos pastorais”⁶⁵.

A ESPIRITUALIDADE SCALABRINIANA NO COTIDIANO DA MISSÃO

Ir. Maria de Lurdes Lodi Rissini, MSCS

Gostaria de iniciar minha reflexão situando-nos no contexto social e eclesial que nos cerca. Vivemos tempos de rápidas, profundas e constantes transformações, que desafiam as estruturas e valores da sociedade e da Igreja. A crescente desigualdade social, a desumanização social, os conflitos bélicos, guerras e a indiferença global, revelam uma instabilidade fluida que impacta diretamente nossas relações de trabalho, educação, práticas religiosas, economia e estrutura familiar. Essas mudanças, por sua velocidade e profundidade, geram desequilíbrios, cansaço e uma sensação de vazio, exigindo de nós uma reflexão profunda e um compromisso renovado com nossa espiritualidade e missão.

Neste cenário desafiador, temos a bênção de contar com a família scalabriniana – padres, irmãs, leigas consagradas, movimento de leigos comprometidos, colaboradores e simpatizantes – reunidos neste Congresso de Espiritualidade Scalabriniana sob o tema, “Scalabrini, modelo de vida espiritual na missão”. Este encontro é uma oportunidade de oração, reflexão, vivência e celebração conjunta, visando compreender melhor os desafios atuais, especialmente relacionados à mobilidade humana, e identificar meios que inspiram nossa espiritualidade para fortalecer nossa missão.

A espiritualidade scalabriniana na missão é, sobretudo, um dom de Deus à Igreja, manifestada na maneira de viver, inspirada pelo carisma de São João Batista Scalabrini. Como afirmam as Normas Constitucionais da Congregação das Irmãs Scalabrinianas, essa espiritualidade é: cristocêntrica, com uma perspectiva trinitária, nutrida principalmente na Eucaristia, na Palavra de Deus, na devoção à Maria e na sensibilidade aos apelos dos migrantes, atentos à expansão do Reino de Deus no mundo da mobilidade humana.

Minha trajetória de vida consagrada e missionária na Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas me inspirou e motivou a seguir os passos de São João Batista Scalabrini, como pai dos migrantes e apóstolo da catequese, no mundo da mobilidade humana. Aceitei o envio de ser migrante com os migrantes nos vários países que servi. São Scalabrini, homem à frente de seu tempo, dedicou-se a cuidar e acompanhar os mais necessitados, especialmente os migrantes, buscando sanar suas feridas, defendendo seus direitos e oferecer esperança. Ele dizia: “Jesus vive em cada um de nós por meio do seu espírito. O espírito de Jesus é espírito de humildade e de caridade. É espírito de desprendimento, de sacrifício e penitência”.

A experiência de fé e oração de Scalabrini nos motiva e revela que, mesmo diante de nossas limitações, Deus nos capacita e orienta na missão. Ser migrante com os migrantes implica conhecer de perto a provisoriedade, a coragem de seguir adiante e a esperança de uma pátria que assegure o pão, a dignidade e os direitos.

A espiritualidade scalabriniana no cotidiano fundamenta-se em valores que se manifestam na prática do acolhimento, na itinerância, na comunhão com a diversidade e na solidariedade com os migrantes, sobretudo os mais vulneráveis. Trata-se de uma espiritualidade cristocêntrica e encarnada, vivida na rotina do encontro e serviço com os migrantes e refugiados, na partilha de experiências, nos desafios e nas esperanças. No ano jubilar não devemos esquecer o convite do Papa Leão XIV de sermos “construtores de pontes de integração, trabalhando por uma justiça ecológica, social e ambiental”, pois todos somos irmãos.

Na minha formação como missionária aprendi que devemos nos deixar guiar por alguns princípios que orientam nossa ação na vivência da espiritualidade scalabriniana, como:

- a) **Acolhida** – Tem fundamentos bíblicos. A Bíblia enfatiza o acolhimento como expressão de cuidado e amor ao próximo. A história do povo de Deus revela o acolhimento ao “estrangeiro”

como princípio de dignidade e inclusão em todos os sentidos. Jesus nos diz: “... era migrante e me acolhestes” (Mt 25,35). Na Carta de São Paulo aos Romanos (Rm 15,7), somos exortados: “Acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus”. O imigrante é uma bênção e uma manifestação da graça divina e, portanto, não se pode negar sua dignidade ou seu direito de acolhida. Acolher é abrir o coração, reconhecer a dignidade de cada pessoa e cuidar aqueles que estão marginalizados e excluídos.

- b) Itinerância** – Ser Scalabriniana/o e seguir Jesus implica uma caminhada contínua, marcada pela prontidão de partir ao encontro das pessoas em mobilidade. Como nos ensinou o Papa Francisco, “ser discípulo é uma escolha livre e consciente, movida pelo amor e pela graça de Deus”. A Igreja é essencialmente itinerante, acompanhando os migrantes em suas jornadas com gestos concretos de proximidade e solidariedade. Os migrantes nos ensinam a valorizar a provisoriedade, a coragem de seguir adiante e a esperança de uma pátria que ofereça pão, dignidade e direitos.
- c) Comunhão na Diversidade** – Reconhecer e valorizar a diversidade cultural, religiosa e étnica é fundamental para a construção de uma fraternidade universal. Em nosso cotidiano a comunicação tem um papel vital nesse processo, devendo pautar-se pelo respeito, pela empatia e pela valorização das diferenças. Cada pessoa traz histórias, culturas e experiências únicas, que enriquecem nossa convivência. A boa comunicação em nossas comunidades e locais de trabalho é necessária para promover um diálogo genuíno. A escuta ativa e o uso de uma linguagem inclusiva, consciente e não violenta ou excludente empoderam os que não tem voz para defender-se.
- d) Solidariedade e o cuidado com os migrantes** – A solidariedade Scalabriniana (empatia) é um pilar central de nossa espiritualidade e missão. Ela se manifesta por ações concretas de defesa dos direitos dos migrantes e refugiados, assistência às suas vulnerabilidades, promoção de sua integração e fortalecimento de redes de cooperação internacional. Essa solidariedade busca construir uma

cultura de paz, justiça social e inclusão, transcendendo fronteiras culturais e promovendo esperança e transformação social em âmbito global.

- e) Inspiração na Fé** – Para nós, família Scalabriniana, viver a fé é uma vocação que transforma vidas e promove a dignidade humana. Inspirada pelos princípios bíblicos e cristãos, acolher, proteger e integrar e celebrar com os migrantes e refugiados é reconhecer neles a própria imagem de Deus. Essa vocação exige uma relação íntima com Deus e com os migrantes e refugiados, fundamentada no amor, na misericórdia e na esperança. A fé impulsiona ações de justiça e solidariedade, promovendo a civilização do amor que ultrapassa fronteiras e diferenças culturais. Enraizados na Palavra de Deus, na Eucaristia e na devoção à Maria, buscamos sempre a força e a graça de Deus para viver o carisma em sua plenitude para transformar realidades.

Alguns aspectos da espiritualidade de São João Batista Scalabrini que mais desafiam e inspiram a vivência missionária nos contextos atuais de mobilidade humana:

- a) O compromisso com a dignidade da pessoa humana (comunhão na diversidade):** Scalabrini viveu profundamente a convicção de que toda pessoa, independentemente de sua origem ou condição, merece respeito e acolhimento. Essa espiritualidade desafia os missionários e as missionárias a promoverem o respeito à dignidade, combatendo a discriminação e o preconceito, sobretudo em um mundo cada vez mais marcado por movimentos migratórios e refugiados.
- b) A caridade ativa e solidariedade:** Sua vida exemplar de assistência aos migrantes e refugiados nos inspira a praticar uma caridade concreta, que vai além do sentimento, envolvendo ações concretas de acolhimento, suporte e defesa dos direitos dos migrantes e refugiados preferencialmente os mais vulneráveis.

- c) **O sentido de missão universal:** Scalabrini enxergava a missão como uma resposta ao chamado de Deus para atuar além das fronteiras, promovendo a integração e o bem-estar dos migrantes. Essa visão amplia o entendimento de missão, desafiando os cristãos a envolverem-se com os desafios globais de mobilidade, promovendo uma Igreja em saída e comprometida com a justiça social.
- d) **A espiritualidade do cuidado e da escuta:** Sua dedicação ao acolhimento também revela uma espiritualidade fundamentada na escuta atenta às necessidades do outro, incentivando os missionários atuais a desenvolverem uma postura de empatia e respeito na relação com migrantes e refugiados, reconhecendo suas histórias e culturas.
- e) **A fé enraizada na esperança de uma consciência ecológica:** Scalabrini foi um homem de esperança, acreditando na capacidade de transformação e na ação de Deus no mundo. Criar maior compreensão, valorização e responsabilidade em relação ao meio ambiente. É necessário adotar práticas sustentáveis para garantir um futuro equilibrado e saudável em nossas missões que beneficiam todos os seres vivos.

Esses aspectos da espiritualidade scalabriniana nos desafiam a viver uma missão marcada pela comunhão das diferenças, ternura, justiça e esperança, promovendo uma Igreja que acolhe e acompanha os migrantes em suas jornadas, refletindo o amor de Cristo na prática cotidiana.

Alguns exemplos de ações concretas da espiritualidade scalabriniana na Missão:

- a) **Atendimento humanitário:** acolhimento, alimentação, assistência jurídica, acompanhamento espiritual e defesa de direitos.
- b) **Defesa dos direitos humanos:** denúncia de violações, promoção de políticas públicas e participação em movimentos sociais.

- c) **Educação e conscientização:** formação em direitos, combate à xenofobia e racismo, interculturalidade.
- d) **Comunicação e sensibilização:** divulgação da realidade migratória, promoção de uma imagem digna e humanizada, mudança de atitudes.
- e) **Espiritualidade na missão:** oração diária, meditação na Palavra de Deus, celebrações litúrgicas que reforçam o espírito de missão, encontros de formação, acompanhamento espiritual dos migrantes. Inspiração da vida de nossos santos: São Joao Batista Scalabrini, São Carlos Borromeu, a Bem-aventurada Assunta Marchetti e o venerável Pe. José Marchetti.

Em síntese, a espiritualidade scalabriniana na missão é uma vivência de união com Deus e com os irmãos migrantes, impulsionada pelo amor, pela compaixão e pelo compromisso de construir um mundo mais justo, acolhedor e solidário. Que possamos, inspirados pelo exemplo de São João Batista Scalabrini, viver essa missão com esperança, coragem e fé, contribuindo para a realização de um mundo sem fronteiras.

BIBLIOGRAFIA:

<https://scalabrinianas.org/scalabrini-e-os-pilares-da-espiritualidade-scalabriniana/>: CANDATEN, Ir. Analita, MSCS, 2022.

https://www.csem.org.br/wp-content/uploads/2022/07/PT_CHAVES-DIAS_E_Fundamentos-biblicos-da-missao_2021.pdf, CHAVES DIAS Ir. Elizangela, MSCS.

<https://scalabrinianas.org/vida-e-missao-da-congregacao-das-irmas-missionarias-de-sao-carlos-borromeo-scalabrinianas/> CANDATEN, Ir. Analita, MSCS.

<https://scalabrinianas.org/sao-joao-batista-scalabrini-modelo-de-vida-espiritual-e-de-acao-missionaria/> CANDATEN, Ir. Analita, MSCS, 2024

CUTTI, Dirceu. *A importância de Scalabrini na Igreja e Sociedade da sua época*, 2022.

CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS. Scalabrini. *Uma voz atual*. São Paulo, 1989.

ESPIRITUALIDADE SCALABRINIANA, Atas do Congresso Internacional, Roma, 9-14 de outubro de 2023.

SCALABRINI E SAGRADA ESCRITURA: CAMINHO COMO LUGAR TEOLÓGICO

Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS

Introdução

O desafio aqui é tentar entender a Palavra de Deus na perspectiva de São João Batista Scalabrini, o que significa, na verdade, ler a Bíblia com o olhar dos migrantes. De início, semelhante tentativa pressupõe considerar o caminho, o êxodo, o deserto, o exílio, a fronteira e a diáspora como lugares privilegiados de uma experiência contemporaneamente espiritual e teológica. Em outras palavras, estar fora da terra natal e ausentar-se da família, parentes e amigos, por um lado, e, por outro, não sentir um solo pátrio sob os pés são fatores que levam a buscar (ou fortalecer) um refúgio na casa de Deus. Tomando em conta os dias atuais, é como se o coração de Jesus e de Maria, tão presentes da devoção popular, fossem uma pátria para quem perdeu suas raízes e origens. Na passagem de Jesus pela face da terra, com efeito, constata-se que o Pai jamais fecha a porta a quem bate, jamais vira as costas a quem o procura, jamais abandona ou despreza um coração aflito e amargurado. O coração de Scalabrini, como veremos, bate ao compasso do coração ao mesmo tempo ferido e esperançoso dos migrantes, refugiados e forasteiros.

Em tais condições, desenvolve-se uma espiritualidade que tem a ver com o ato de desenraizar-se e de caminhar, como também uma teologia que sustenta a mesma experiência do sagrado vivenciado em terra estrangeira. Nessa perspectiva do fenômeno migratório ou da mobilidade humana, as páginas bíblicas oferecem exemplos à exaustão. E não se trata apenas dos textos e passagens em que a migração aparece de forma explícita, mas também aqueles que, embora não abordem diretamente a temática dos movimentos humanos de massa, nascem de um povo que emerge e se consolida a partir do caminho. Em lugar de uma espécie de colcha de retalhos

com passagens sobre o tema das migrações e os migrantes, a tentativa aqui é ler toda a Bíblia no enfoque de um povo que faz a experiência de Deus no ato de caminhar. Dito isso, apresentaremos alguns episódios bíblicos que certamente tocavam o coração de João Batista Scalabrini (pai e apóstolo dos migrantes), na exata medida em que se referem ao desenraizamento e à experiência de ser estrangeiro.

1. Êxodo e deserto (Dt 26, 5-10; Ex 3, 7-10)

Primeiramente, reportemo-nos ao que os estudiosos batizaram de “credo histórico do povo de Israel”. Cabe um confronto entre Ex 3, 7-10, de uma parte, onde esse “credo” tem sua versão mais primitiva e original, e, de outra parte, Dt 26, 5-10, onde a mesma temática se reveste de uma certa roupagem litúrgica para uso cultual. Ambos os textos, por outro lado, nos remetem à libertação dos hebreus da escravidão e opressão do Egito, em direção à Terra Prometida. Fartos e amplos testemunhos bíblicos indicam estar aí o alicerce fundante do Povo de Israel. Nesse evento fundante – a libertação do Egito, sua Páscoa – o povo faz a experiência espiritual e teológica de um Deus único e diferente. Isso demonstra a relevância de estabelecer um paralelo aproximado entre a espiritualidade-teologia de Israel e a espiritualidade-teologia dos impérios vizinhos.

Único e diferente tanto em relação ao Império egípcio dos Faraós, onde os soberanos e suas dinastias, ainda em vida, eram reconhecidos e adorados como deuses, quanto em relação aos Impérios da Assíria, da Babilônia, da Pérsia, e mais tarde da Grécia e de Roma, em que uma diversidade de deuses habitava os céus do Olímpio. Nos casos das potências vizinhas a Israel, entretanto, os deuses dispunham de seus tronos, palácios e luxuosos templos; ouro e riqueza os rodeavam; exigiam sacrifícios e justificavam a opressão do povo; eram deuses perfeitamente estabelecidos sobre as cidades-estados que exploravam os camponeses através de uma série de impostos, além do trabalho forçado da corveia.

Iahweh, pelo contrário, se revela como um Deus que, ademais de “ver a aflição do povo, ouvir seu clamor e conhecer seu sofrimento”,

desce e envia o mensageiro Moisés para tirá-lo da escravidão do Egito e para conduzi-lo a uma terra “onde corre leite e mel”. Um Deus atento, sensível e solidário frente à situação real e concreta de quem sofre, luta e sonha. Uma vez mais, Deus do êxodo, do deserto, do exílio, da diáspora – se quisermos, Deus do caminho. Abaixa-se, esvazia-se e humilha-se, vindo caminhar com o povo pelo deserto, simbolizado pela arca. Com ele, acampa e segue a viagem, tal como um peregrino entre outros. Esse abaixamento de Deus, inexplicável para os impérios e cidades-Estados ao redor de Israel, atingirá sua plenitude nos mistérios da Encarnação, Morte e Ressurreição, como lembra o apóstolo Paulo na carta aos Filipenses: “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem humilhou-se e foi condenado até a morte, e morte de cruz”.

Posteriormente, como logo veremos, o próprio Israel cairá na armadilha do rei, soberano rico e poderoso, imitando as potências vizinhas. Abandonando o Deus do caminho e voltando-se para os deuses dos tronos, palácios e templos, clamará por um rei e, ironicamente, ao invés de um reino, dividir-se-á em dois: Israel e Judá. Um poema do Livro dos Juízes, sobre a parábola das árvores que decidem escolher e ungir um rei, ilustra bem tal pretensão. A distinção de rei, porém, foi negada sucessivamente pela oliveira, pela figueira e pela videira, sendo aceita apenas pelo espinheiro (Jz 9, 7-15). Um alerta de que à sombra do espinheiro, não faltarão problemas espinhosos. Reinado pode ser sinônimo de sérias adversidades.

2. Queda, exílio e lamento (movimento profético)

Durante o tempo do reinado (dividido em Judá e Israel), da queda para as potências vizinhas e do exílio na Babilônia, os profetas se encarregarão de atualizar a experiência espiritual e teológica que estivera na base da fundação do Povo de Israel. E o farão, entre outras exigências, lembrando o respeito que deveriam ter para com os estrangeiros. Com efeito, uma tríplice dimensão acompanha o movimento profético em Israel: um “lembra-te”, uma denúncia e um anúncio.

a) **Lembra-te que foste estrangeiro no Egito**

O discurso profético procura atualizar para o contexto do reinado e do exílio a consciência do povo diante da experiência de sua constituição enquanto povo eleito por Deus: “Não perverterá o direito do estrangeiro e do órfão, nem tomarás como penhor a roupa da viúva. Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que Iahweh teu Deus de lá te resgatou. É por isso que te ordeno agir desse modo. Quando estiveres ceifando a colheita em teu campo e esqueceres um feixe, não voltes para pegá-lo: ele é do estrangeiro, do órfão e da viúva, para que Iahweh teu Deus te abençoe em todo trabalho de tuas mãos. Quando sacudires os frutos da tua oliveira, não repasses os ramos: o resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva. Quando vindimares a tua vinha, não voltes a rebuscá-la: o resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva” (Dt 24, 17-21). Ou ainda: “Se um estrangeiro habita convosco na vossa terra, não o molestareis. O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota e tu o amarás como a ti mesmo, pois fostes estrangeiros na terra do Egito. Eu sou Iahweh vosso Deus” (Lev 19, 33-34).

Os profetas se remetem aos princípios que emanam da libertação do Egito. O pano de fundo do movimento profético é bem claro, remetendo-se retrospectivamente à experiência fundante do Povo de Israel, a qual se faz presente nos livros do Êxodo, do Levítico e do Deuteronômio. A memória sempre viva de que o Senhor libertou o povo das mãos de uma terra estranha e hostil, deve preservá-lo contra todo e qualquer atitude de hostilidade diante dos mais frágeis e vulneráveis, entre eles o estrangeiro. A lembrança de ter vivido como escravo em terra estrangeira, deve educá-lo enquanto povo disposto a “acolher, proteger, promover e integrar” os estrangeiros, para não esquecer os quatro verbos do Papa Francisco. Na verdade, um programa para a Pastoral dos Migrantes.

Quanto ao trinômio “estrangeiro, órfão e viúva”, dispomos de abundantes cartas e outros escritos de João Batista Scalabrini

sobre sua preocupação diante dos trabalhadores que eram forçados a deixar a Itália, atravessar o oceano Atlântico e migrar para as Américas, onde muitos “viviam como bestas”. Desde muito cedo, aliás, o fundador revelou uma atenção, uma sensibilidade e uma solidariedade toda especial para com aqueles que tinham de trabalhar por semanas, meses e anos fora de suas casas e família. Os mondadores, os carvoeiros e os emigrados seguem a lista desse trinômio que é refrão do Antigo Testamento.

b) A denúncia

No reinado de Judá e Israel, os poderosos acabam por reproduzir para com o seu próprio povo aquilo que os Faraós faziam com os hebreus. Impõem o esquema da exploração dos camponeses e dos trabalhos forçados (corveia) para manter o luxo, os privilégios e a suntuosidade dos tronos e palácios nas cidades. Entre tantos exemplos, cabem as palavras de Miquéias: “Eu digo: ouvi, pois, chefes da casa de Jacó e magistrados da casa de Israel! Por aca não cabe a vós conhecer o direito, a vós que odiais o bem e amais o mal, que arrancais a pele do povo e a carne de seus ossos? Aqueles que comeram a carne de meu povo, arrancaram-lhe a pele, quebraram-lhe os ossos, cortaram-no como carne na panela e como vianda dentro do caldeirão – então eles chamarão a lahweh e ele não lhes responderá. Ele lhes esconderá a sua face naquele tempo, porque os seus atos foram maus” (Mq 3, 1-4). As palavras são fortes, como são fortes as palavras de Scalabrini contra “os mercadores de carne humana”. Por trás da migração, como sabemos, prevalecem esquemas de exploração, violência e fome, o que obriga milhões de pessoas a tentar vida melhor longe dos seus países de origem.

Também neste caso, a postura, ações, cartas e demais escritos de Scalabrini revelam sua indignação contra as injustiças que levavam tantas pessoas à emigração. Homem do seu tempo, junto com outros chamados “santos sociais”, fundou institutos religiosos e leigos para defender os direitos de quem precisava migrar. Sua firmeza e dedicação, além de manter o pastor junto

a seu “rebanho”, o levou a dialogar com outras forças sociais e eclesiais, sem evitar empresários e autoridades. Com razão, se diz que “tinha um coração maior que a própria diocese”.

c) O anúncio

Jeremias e Ezequiel são os profetas do exílio. Ademais de tropejar contra os erros e males que levaram o povo a essa terra estranha, também lhe aponta para melhores horizontes. Se é verdade que o salmo 137 lamenta que “à beira dos canais de Babilônia nos sentamos e choramos, com saudades de Sião; nos salgueiros que ali estavam penduramos nossa arpa”, o salmo 126 rejubila porque “quando Iahweh fez voltar os exilados de Sião, ficamos como quem sonha: a boca se nos encheu de riso, e a língua de canções”. O migrante sempre mantém viva a esperança do retorno!

Ezequiel é conduzido ao vale de ossos. Esta imagem representa toda a casa de Israel derrotado e exilado. Mas o espírito o ordena que ele profetize. Ele o faz, e os ossos começam a se juntar, a se articular e a se recompor, “firmando-se sobre os seus pés como um imenso exército” (Ez, 37, 1-14). Rostos desfigurados, olhares tristes, cabisbaixos, corpos famintos – eis a grande multidão dos sem-terra, sem raiz, sem rumo e sem pátria. Hoje passam de 300 milhões, de acordo com os dados da ACNUR/ONU, dos quais cerca de 100 milhões são refugiados, sem esquecer os fugitivos de catástrofes climáticas.

Além de “pai e apóstolo”, Scalabrini foi o profeta dos migrantes. No contexto da Revolução Industrial, com seus efeitos danosos, soube ler os sinais dos tempos, providenciado para que essa multidão anônima não fosse esquecida pela Igreja, pela sociedade civil e pelo Estado. Os profetas de ontem, como Ezequiel, e da Igreja, como Scalabrini, relembram que onde grandes multidões seguem se deslocando compulsoriamente, o Deus do caminho segue seus passos, seus sonhos e sua esperança de melhores dias. Deus se faz forasteiro junto com os “peregrinos de esperança”, para lembrar o lema do Jubileu de 2025.

3. Fronteira físicas, políticas e étnico-culturais (livro de Jonas)

O livro de Jonas, como sabemos, narra a estória não de um profeta real. Trata-se antes de uma espécie de fábula com uma lição de fundo. Tem sua centralidade no amor universal de Deus, o qual não conhece fronteiras de povo, nação ou cultura. No decorrer do relato, Jonas representa o nacionalismo israelita, rígido, ciumento e intransigente com os ninivitas, considerados pecadores e incorrigíveis, mas também com os demais povos e nações vizinhos. Nínive era tida como a cidade do pecado, a morada do mal e do demônio. Do ponto de vista do nacionalismo, não poderia haver salvação para os ninivitas. E é justamente aí que Deus envia o profeta.

Por isso ele recusa a missão. Começa então seu processo crescente de fuga: fuga do rosto de Deus, fuga da cidade, fuga do grupo de marinheiros e, enfim, atirado ao mar, fuga de si mesmo. Neste momento, se faz clara a dimensão psicossocial da narrativa. Entrar no ventre do peixe simboliza o desejo de retornar ao seio materno. Numa palavra, ao não querer ter nascido. “Maldito seja o dia em que nasci”, dirão também os profetas Isaías e Jeremias. Jonas segue o mesmo esquema. Para fugir do compromisso em meio ao povo inimigo, empreende um processo de fuga que termina em autoanulação. Melhor a fuga e a morte do que ir ao encontro do inimigo e, com ele, estabelecer o diálogo e a solidariedade. A divisão entre “nós” de um lado, e “eles” de outro, se faz muito nítida e intransponível para Jonas e seus representantes.

Com essa fábula, o autor do Livro de Jonas quer mostrar que o amor de Deus não tem barreiras de nenhuma ordem. Sua universalidade rompe com toda e qualquer diferença de raça ou etnia. Ao fazer isso, questiona o nacionalismo exacerbado de Israel. Iahweh é um Deus não apenas dos israelitas, mas se mantém aberto a todos os povos. Daí a importância do livro para a Pastoral dos Migrantes. Não importa de onde venha o migrante ou refugiado, não importa sua cultura, credo e costumes – importa, isso sim, que é alguém cujos direitos humanos foram violados. Uma vítima das circunstâncias históricas que necessita de ajuda para reerguer-se e caminhar com as próprias

pernas. A lição moral do relato procura nos afastar de toda e qualquer atitude de preconceito, xenofobia, discriminação e intolerância.

4. Itinerância (profeta da Galileia)

As narrativas da infância de Jesus revelam como “o verbo que se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14) em circunstâncias mais ou menos turbulentas. Com efeito, Jesus nasce e cresce em meio a um mundo em movimento. Os pais devem empreender uma viagem com o menino ainda no ventre de Maria, por causa do censo decretado pelo Imperador. Chegado o tempo de Maria, ela dá à luz numa manjedoura “porque não havia lugar para eles na cidade” (Lc 2,7). Logo em seguida, para fugir à fúria assassina de Herodes, toda a família (José, Maria e o menino) empreende uma fuga apressada para o Egito. De lá, porém, devem retornar por ocasião da morte de Herodes.

Mas não é só isso! O próprio ministério público de Jesus, após a morte de João Batista, privilegiará não tanto o templo como centralidade da fé, mas os caminhos da Galileia, da Samaria e da Judeia. O relato do evangelista Mateus não deixa dúvidas: “Jesus percorria todas as cidades e povoados, entrando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades. Ao ver a multidão, teve compaixão dela, porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor” (Mt 9, 35-36). Sintomático o verbo “percorrer”, um profeta itinerante que segue os caminhos e os passos de seu povo, como veremos, por exemplo, no episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35).

Com razão, no início de sua vida pública, Jesus se remete ao profeta Isaías para anunciar o que os estudiosos chamam de “programa” de sua missão. “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4, 18-19 – extraído de Is 61, 1-2). Isaías que, como vimos anteriormente ao refletir sobre a atividades dos profetas do Antigo Testamento, remetia-se, por sua vez, à experiência fundante do povo de Israel. Nesta, como

dissemos acima, Iahweh se revela não como o Deus do templo, do trono e do palácio dos impérios vizinhos, e sim como um Deus do êxodo, do deserto, do exílio e da diáspora – Deus que caminha na história com seu povo.

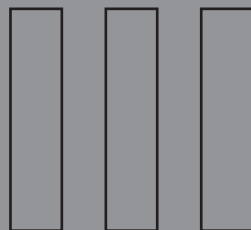
Por outro lado, não será difícil constatar que, tanto o caído à beira da estrada, na parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37), quanto o faminto e sedento, o doente e o encarcerado, mas para nós sobretudo o “migrante” do chamado Juízo Final (Mt 25, 35) tornam-se critério de salvação. Ou seja, a “vida eterna” depende do que fazemos ou deixamos de fazer diante dos mais necessitados e de sua situação precária: os pobres, excluídos e descartáveis. Já dizia com insistência o saudoso Papa Francisco: o grande desafio é “passar de uma globalização da indiferença para uma cultura do encontro, do diálogo e da solidariedade”. Ou ainda, “abater muros e erguer pontes”!

5. Diáspora (Paulo e Scalabrini)

Finalmente, com o apóstolo Paulo, por um lado, e São João Batista Scalabrini, por outro, vemos o que o Papa Francisco chamava de “Igreja em saída”. Paulo, embora judeu, dedica sua vida, suas viagens e seu ministério aos chamados “povos pagãos”, expandindo sua missão desde o Oriente Médio até a Grécia e Roma. O legado de suas mensagens revela uma pedagogia muito apropriada para a Pastoral dos Migrantes: de cidade em cidade, de povoado em povoado, atravessando mares e desertos, na extensa rede comercial da época, vai abrindo e consolidando as primeiras comunidades cristãs, para depois abastecê-las com suas cartas, lidas até os dias de hoje na liturgia. Leva a efeito o amor universal do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Sobre São João Batista Scalabrini, o “apóstolo dos migrantes” não há necessidade de multiplicar palavras. Retrospectivamente, podemos sem exagero classificá-lo como precursor da “Igreja em saída”. Desde cedo, seu coração se revelou maior do que a porção do povo que lhe foi destinada. Sempre esteve muito atento aos que, para sustentar a família, tinham que se ausentar temporária ou definitivamente, tais como os mondadores, os carvoeiros e, enfim, os emigrados italianos.

Para sua sensibilidade evangélica e sua dedicação pastoral, não lhe bastava a diocese de Piacenza. Seu olhar, a exemplo das pessoas e famílias emigradas, cruzou os oceanos; mais tarde também o fizeram seus pés de pastor. Teve sua vida, obra, escritos e gestos voltados para a gigantesca multidão dos sem raiz, sem rumo e sem pátria.



RESUMO E CONCLUSÕES

SÍNTESES DOS MINICURSOS

Tema: Devoções de Scalabrini: Eucaristia, Cruz, Maria

Facilitador: Pe. Antonio Seganfredo, CS

Síntese: A provocação inicial consistiu na pergunta: **como ressignificar as devoções scalabrinianas, fortemente marcadas pelo contexto espiritual do século XIX?** A partir disso, propôs caminhos para atualizá-las em diálogo com a realidade contemporânea, especialmente com a experiência migratória. Destacou-se que a **Cruz** deve ser compreendida e vivida não como expressão de sofrimento passivo ou masoquismo, mas como parte integrante da realidade de cada pessoa, sobretudo na vida do migrante, que carrega consigo múltiplas formas de sofrimento e luta. Trata-se de assumir a cruz cotidiana com dignidade, fé e solidariedade. **A Eucaristia** não deve ser vivida como um acontecimento isolado ou desconectado da vida (um meteoro que se solta e desaparece), mas como fonte de transformação pessoal e comunitária. Quem comunga deve tornar-se **“corpo eucarístico”**, vivendo em unidade com Cristo e com os irmãos. Foi feita uma crítica à incoerência entre a comunhão litúrgica e a ruptura com a comunidade no cotidiano. Ressaltou-se que **os migrantes e refugiados enriquecem o corpo de Cristo**, e que a presença Scalabriniana pode contribuir decisivamente para a vivência e valorização da fé nesse contexto. Propôs ainda os seguintes caminhos pastorais: **valorizar a piedade popular dos migrantes**, respeitando sua riqueza espiritual e cultural, sem reduzi-la a simples expressão folclórica; **fortalecer o que é essencial** na vivência da fé, evitando reducionismos ou práticas superficiais; **promover o contato frequente com a Eucaristia**, como fonte de vida, missão e comunhão; **internalizar as devoções**, de modo que se tornem atitudes concretas de vida cristã, especialmente no serviço aos migrantes e na construção da comunhão eclesial. Foi destacada a relevância da proposta deste minicurso sobre a ressignificação das devoções tradicionais, como a Cruz e Maria, à luz da realidade atual. Os migrantes frequentemente

trazem consigo novas devoções e práticas de fé, que, muitas vezes, não estão necessariamente enraizadas na tradição católica. Nesse sentido, destacou a importância de acolher essas novas expressões, respeitando e aprendendo com as diferentes culturas e tradições que os migrantes carregam. Destacou ainda que, para sermos uma Igreja acolhedora, é essencial que busquemos entender e respeitar as devoções trazidas pelos migrantes, pois elas nos oferecem novos aprendizados e enriquecem nossa própria prática de fé. A missão da Igreja deve ser, portanto, não apenas uma transmissão das devoções estabelecidas, mas também um espaço de acolhimento e aprendizagem mútua, no qual as diversas expressões de fé se encontram e se respeitam.

Tema: Scalabrini e a Incidência Social e Pastoral

Facilitador: Pe. Luiz Flávio Prigol, CS

Síntese: O palestrante explicitou o tema *Scalabrini como Incidência Pastoral e Social*, abordando o compromisso integral de São João Batista Scalabrini como pastor, bispo e homem atento às dimensões sociais de seu tempo. Dando destaque à pessoa de Scalabrini que exerceu seu ministério episcopal com grande sensibilidade pastoral, sempre próximo do povo e atento às necessidades espirituais e materiais. Ficou em destaque suas visitas pastorais, a promoção da catequese e sua atuação significativa tanto na esfera social quanto política. Seu compromisso com a dignidade humana e com os direitos dos mais vulneráveis demonstrava uma visão pastoral que integrava fé e ação. Desde cedo Scalabrini demonstrou profundo desejo missionário, como expressou ao seu superior ao pedir para ser enviado “às Índias”. Ainda assim, reconheceu que sua missão estava junto aos migrantes, um fenômeno emergente em sua época, identificado por ele como persistente e estrutural. A migração, para Scalabrini, não era apenas um desafio social, mas uma interpelação pastoral concreta que exigia resposta evangélica. Conforme a apresentação, **a pastoral, na visão scalabriniana, não pode ser indiferente às questões sociais**, mas deve se colocar como instrumento de justiça, promoção da dignidade humana e construção do bem comum. Scalabrini entendia que a

Igreja não deveria limitar-se ao âmbito religioso, mas atuar também na sociedade e na política, em defesa dos menos favorecidos. Foram apontados os métodos pastorais utilizados por Scalabrini e transmitidos aos seus missionários: criação de comunidades organizadas; apoio espiritual contínuo; promoção da educação como ferramenta de libertação; assistência concreta, especialmente no auxílio com documentação e regularização civil dos migrantes. Em relação ao contexto atual destacou os principais **desafios enfrentados pelas pastorais hoje**: crises e conflitos políticos; discriminação e xenofobia; diversidade cultural e religiosa crescente; impactos das mudanças climáticas sobre os deslocamentos humanos. Como resposta, propôs um resgate criativo e coerente do legado de Scalabrini, orientado por atitudes concretas: empatia e sensibilidade cultural; compromisso com os direitos humanos; desenvolvimento de habilidades de comunicação; flexibilidade pastoral diante de novas realidades; trabalho em equipe e sinodalidade; transparência nas ações; firme compromisso espiritual e eclesial. Assim, evidencia-se que o pensamento e a prática de Scalabrini permanecem atuais como referência de uma espiritualidade que se traduz em ação social concreta e solidária.

Tema: Scalabrini e os Migrantes

Facilitadora: Dra. Eliza Donda

Síntese: O grupo refletiu sobre a atualidade da missão scalabriniana diante dos desafios contemporâneos da migração. A frase “as pessoas são obrigadas a viver de malas prontas”, sintetiza a instabilidade vivida por muitos migrantes hoje. A realidade migratória atual é complexa, marcada por múltiplas causas e contextos, o que exige um atendimento integrado e humanizado, que vá além da assistência pontual. A fé, na perspectiva do atendimento ao migrante, deve transcender os limites confessionais. O acolhimento deve ser pleno e universal, independentemente de religião, raça, cor ou orientação sexual. Nesse sentido, é necessária uma mudança de mentalidade nas abordagens pastorais e sociais, afirmando que Scalabrini continua atual, com sua visão humanista e evangélica da migração. É necessário compreender

os fluxos migratórios, corrigindo visões distorcidas. Destacou que, no Brasil, o número de pessoas que saem do país supera o de migrantes que chegam, contrariando a percepção comum. Ainda persiste a ideia reducionista de que migrantes vêm apenas para ocupar postos de trabalho, ignorando sua dignidade e seus direitos. O migrante é, antes de tudo, um ser humano, e não um número ou uma estatística. A migração carrega cor, som, cultura, alegria, sofrimento, lágrimas e conquistas. Diante disso, é urgente garantir dignidade aos migrantes e criar “um solo fértil” onde possam reconstruir suas vidas com segurança e esperança. A missão scalabriniana deve ser compreendida como um trabalho de semeadura, plantando ações, atitudes e políticas que possam germinar em um futuro de justiça, acolhimento e solidariedade. Scalabrini, em sua visão profética, continua a inspirar essa missão de criar caminhos de humanização e fé junto aos migrantes.

Tema: Scalabrini e Juventude

Facilitadora: Mis. Rose Casagrande, mss

Síntese: Durante a conferência o grupo refletiu sobre a importância de Scalabrini para a juventude, enfatizando que sua espiritualidade continua a impactar os jovens até os dias de hoje. A facilitadora começou destacando que, desde 1961, a formação oferecida pela Congregação tem sido profundamente inspirada pelos ensinamentos de Scalabrini, mantendo sua presença constante. Ressaltou que Scalabrini era um homem de Deus, profundamente comprometido com a realidade de seu tempo, e essa atitude atraiu a juventude à sua espiritualidade. Ela enfatizou a importância de mostrar o carisma scalabriniano a todos os jovens, para que possam seguir o seu exemplo e se tornarem multiplicadores desse legado. Foi sublinhada que a proximidade dos jovens, seja da parte de leigos, missionários, irmãs ou padres, é essencial para ouvir e atender às suas necessidades. A missão da Igreja é ser construtora da paz, mostrando, no cotidiano, como valorizar as diferenças e trabalhar juntos pela promoção do bem comum. Foi destacado ainda o papel dos mais velhos em acolher os questionamentos e provocações dos jovens, reconhecendo que, através da juventude, a

Igreja se renova e se transforma. A criação de grupos de jovens permitiu que os jovens criem sua identidade. O olhar dos adultos deve ser, portanto, mais um apoio do que uma imposição. É crucial promover um maior conhecimento da figura de Scalabrini, principalmente entre os leigos, destacando a importância da formação contínua para integrar os povos e superar a falta de conexão entre diferentes grupos. É necessário envolver a juventude nas atividades da Igreja, como retiros vocacionais, e promover a escuta ativa, característica da sinodalidade. É preciso trabalhar com projetos definidos, tendo clareza de objetivos, e a prática da solidariedade, fazer o bem ao irmão, são formas eficazes de atrair a juventude.

Tema: A Espiritualidade Scalabriniana no Cotidiano da Missão

Facilitadora: Ir. Maria de Lurdes Lodi Rissini, MSCS

Síntese: Foi destacada na cidade de São Paulo a desigualdade social e a distância da Igreja em relação à realidade das pessoas, marcada por insegurança econômica, medo e violência. A presença de uma Igreja voltada para os pobres foi ressaltada, assim como a necessidade de uma espiritualidade integrada ao cotidiano, com maior atenção à vivência de Jesus no outro. Em Montevidéu, a violência e o envelhecimento da população eclesial foram mencionados. Em Passo Fundo a questão dos migrantes foi abordada, destacando a invisibilidade e a falta de atenção às suas necessidades, apesar da presença crescente. No Paraguai, a migração temporária, entre brasileiros que estudam medicina, foi analisada, destacando-se a dificuldade de inserção na sociedade local e os preconceitos enfrentados. No entanto, foi enfatizado o apoio da Diocese, especialmente através da Paróquia São João Batista Scalabrini, que proporciona acolhida aos migrantes. Vivemos tempos de rápidas mudanças, com ênfase nas transformações e no impacto das tecnologias digitais no cotidiano. A falta da escuta e a crise institucional, a falta de vocações, a estrutura familiar, também foram destacadas. Desigualdade social e desgaste físico e psíquico gerado pelas mudanças rápidas foram mencionados, sendo a saúde mental um ponto importante a ser cuidado. A espiritualidade scalabriniana deve ser manifestada no cotidiano,

como dom de Deus para a Igreja. Essa espiritualidade é Cristocêntrica, enraizada na Eucaristia, vivida e expressada no contato com os migrantes. A missão scalabriniana deve não apenas acolher, mas também aprender com os migrantes, que são vistos como “professores da esperança”. A espiritualidade scalabriniana deve ser vivida na prática diária do acolhimento, itinerância e comunhão com a diversidade, sempre com o objetivo de promover a justiça social, ecológica e humana. A facilitadora compartilhou que aprendeu a ser guiada por princípios que orientam a ação da Congregação. Entre os principais valores estão a **Acolhida:** valor bíblico fundamental, desde o Antigo Testamento, que se manifesta na dignidade do migrante como uma bênção divina. A verdadeira acolhida vem de pessoas simples, dispostas a reconhecer a dignidade do outro. A **itinerância:** prática de seguir Jesus no caminho, prontos para ir ao encontro das pessoas em movimento. A itinerância missionária, ensinado pelos apóstolos, é um modelo a ser seguido, pois os migrantes nos ensinam o valor de caminhar juntos. **A comunhão na diversidade:** reconhecer e valorizar as diferenças culturais, religiosas e étnicas é essencial para a construção de uma fraternidade universal e inclusiva. **A solidariedade:** a solidariedade scalabriniana, baseada na empatia, é um dos pilares da espiritualidade, com foco no cuidado e apoio aos migrantes. **A inspiração na fé:** a missão da congregação visa promover a civilização do amor, trabalhando pela união e a paz entre os povos. Finalmente, fez um apelo para que a espiritualidade scalabriniana fosse vivida de forma concreta, no meio das necessidades do povo. Não deve ser vista como algo distante ou inalcançável, mas como vivência prática do amor e do desapego, indo ao encontro dos outros e caminhando com eles. O migrante é um verdadeiro “professor da esperança”, e a missão da Congregação é ser luz e apoio para aqueles que enfrentam as dificuldades da migração. O ministério da escuta e a abertura para o diálogo são essenciais para promover uma verdadeira transformação nas comunidades. O grupo concluiu que a espiritualidade scalabriniana é, portanto, vivida e aplicada diretamente no contato com os migrantes, sendo um reflexo da atitude de Cristo e de São João Batista Scalabrini. O desafio é viver essa espiritualidade de forma prática, como um caminho contínuo de acolhimento, itinerância e transformação, tanto para os migrantes quanto para os próprios missionários.

Tema: Scalabrini na Sagrada Escritura

Facilitador: Pe. Alfredo Gonçalves, CS

Síntese: Falta bibliografia específica sobre a visão de Scalabrini em relação à Palavra de Deus. O facilitador sugeriu que, ao analisar a Bíblia sob essa ótica, poderíamos entender melhor a visão de Scalabrini sobre o caminho, o êxodo, o exílio e as fronteiras. Na reflexão com base em dois textos: *Êxodo 3,7-10 e Deuteronômio 26,5-10*, destacou cinco verbos presentes no texto de Êxodo: *vi* a aflição do meu povo; *ouvi* o seu clamor; *conheço* o seu sofrimento; *desci* para libertar o meu povo; *enviou* o profeta para tirar o seu povo do Egito. Os três primeiros verbos expressam o cuidado de Deus com seu povo, enquanto os dois últimos se completam com o mistério da encarnação e o compromisso de Jesus Cristo. O texto de Deuteronômio, por sua vez, apresenta um credo histórico do povo de Israel, evidenciando a queda, o exílio e o lamento, bem como o movimento profético que busca superar as fronteiras físicas e políticas. A experiência de Israel no êxodo é uma experiência do Deus que caminha com seu povo, um Deus que rejeita a escravidão e se revela no deserto e no exílio. O Deus de Israel é o Deus do caminho, diferentemente dos deuses dos impérios, que representam força, dominação e autoritarismo. No exílio, o povo descobre que Deus não está limitado a um templo, mas presente em qualquer lugar onde seu povo esteja. Da mesma forma, o ministério público de Jesus, que, após a morte do Batista, privilegiou os caminhos da Galileia, da Samaria e da Judeia em vez de focar no templo. A caminhada de Jesus é marcada pela compaixão pelo povo, um profeta itinerante com seu povo, compartilhando suas dores e alegrias. A Bíblia, em sua totalidade, apresenta a visão do povo em movimento, e que a experiência de Deus só é possível no caminho. O encontro de Jesus com a Samaritana destaca que somos sede e água, e que o lugar do encontro – o poço – é o verdadeiro evangelizador. Jesus abria poços, muitos dos quais proibidos, e ao fazer isso, evangelizava os marginalizados da sociedade. Para os discípulos de Emaús, Jesus se apresenta como o forasteiro, mas é Ele que tem algo a oferecer, tornando-se irmão no diálogo e na partilha. Scalabrini, o “apóstolo dos migrantes”, viveu a experiência teológica do caminho. Desde cedo, Scalabrini se dedicou aos migrantes

e sua sensibilidade pastoral foi além das fronteiras de sua diocese, alcançando os emigrantes italianos e todos aqueles sem pátria, sem raiz e sem rumo. Scalabrini foi, portanto, um exemplo de pastor itinerante, que quis caminhar com os migrantes, propondo que seus missionários acompanhassem os emigrantes em sua jornada. Somos chamados a seguir o exemplo de Scalabrini, tornando-nos “caminho” e “lugares de encontro” para os migrantes e refugiados. Transformados por Deus, podemos transformar o mundo ao nosso redor. Somos chamados a ser caminho junto aos migrantes, criando espaços de encontro e de diálogo, onde as pessoas possam ser transformadas e, assim, mudar o mundo. É preciso continuar sendo **poços** de encontro, escuta e diálogo, com a orientação de São João Batista Scalabrini, que nos guia nesse processo de missão.

MEMÓRIA DO CONGRESSO DE ESPIRITUALIDADE SCALABRINIANA 2025

23 a 26 de junho/2025

Primeiro dia (24/06)

A cerimônia de abertura do Congresso de Espiritualidade Scalabriniana ocorreu após a celebração Eucarística, presidida pelo Pe. Leonir Chiarello, Superior Geral da Congregação dos Padres Scalabrinianos e a presença de todos os congressistas. Os participantes, de vários países, se reuniram para refletir e aprofundar sobre o carisma e a espiritualidade scalabriniana no contexto atual. Além do Superior Geral, estavam presentes o Superior Regional dos Missionários de São Carlos – Scalabrinianos e a Superiora Provincial da Província Maria Mãe dos Migrantes da Congregação Scalabriniana.

A seguir, o Pe. Alexandre Biolchi, CS, Superior Regional, Ir. Alda Monica Malvessi, MSCS, Superiora Provincial e a Missionária Antonela Favaro, Responsável Local das Missionárias Seculares Scalabrinianas que proferiram palavras de acolhida e expressaram alegria pela presença dos participantes.

Posteriormente, Pe. Leonir Chiarello, primeiro conferencista, apresentou o tema “*Ratio et Missio* em Scalabrini”. Destacou que o Congresso representa a realização de um sonho, um momento de reunião fraterna em família. Enfatizou a santidade de São João Batista Scalabrini como modelo de vida espiritual, um pastor que atuou em favor dos migrantes e refugiados. Ressaltou o convite à Igreja e a todos os presentes para inspirar-se no exemplo do fundador, promovendo a solidariedade e a ação misericordiosa. Abordou a herança deixada por São João Batista Scalabrini, destacando sua compaixão e dedicação aos migrantes, bem como a importância de seguir seu exemplo. O Congresso tem como objetivo aprofundar a espiritualidade de Scalabrini e refletir sobre a espiritualidade que permeia o carisma e a missão scalabriniana.

Pe. Chiarello, falou sobre a relevância de fortalecer a caminhada espiritual dos participantes, incentivando uma vivência mais profunda e autêntica da espiritualidade scalabriniana. Destacou a necessidade de explicar as motivações, razões, fundamentos teológicos e espirituais que sustentam a identidade carismática e missionária da Família Scalabriniana. Explicou que “recordar” significa “trazer ao coração”, e, em inglês, “lembrar” quer dizer “trazer à mente”. A palavra “*Ratio*” está ligada ao espírito, ao motivo, à razão de nossa esperança e missão. Surge a necessidade de explicar o porquê do que somos e fazemos.

Scalabrini como bispo, fundador, inspirador e profeta nos inspirou e deve inspirar. Apresentou os fundamentos teológicos do santo fundador e nos motivou a voltar às origens, mas também a olhar o futuro. Usou a metáfora de um carro, com seus retrovisores e volante, para ilustrar a importância de saber para onde estamos nos dirigindo em nossa vida missionária. O contexto histórico de Scalabrini foi destacado como diferente do que vivemos atualmente. Ele questionou o que Scalabrini faria hoje, especialmente em relação ao trabalho com refugiados. Pe. Leonir Chiarello evidenciou que a espiritualidade é o motor da missão, lembrando que o carisma é a base de nossa ação, e alertou para o perigo de confundir a verdadeira espiritualidade. Enfatizou a importância de refletirmos sobre nossa identidade carismática e questionou: O que Scalabrini fez e o que fazemos? Como Scalabrini trabalhou e como trabalhamos?

Assinalou que somos motivados pela espiritualidade e pelo carisma de nosso Santo Fundador. Citou ainda os fenômenos novos e os novos organismos que Scalabrini via como necessários. Reforçou a ideia de que devemos nos reconciliar com Deus e entender a razão de nossas ações. Afirmou que Scalabrini foi dócil ao chamado de Jesus e citou a Regra de Vida, que convida a “tornar-nos migrantes com os migrantes para, com eles, construir história”. Relembrou o Congresso de 1996 e os desafios do Terceiro Milênio, e apontou a importância do Congresso de 2023 para nos ajudar a reavivar o carisma. Citou Scalabrini ao afirmar que “sem o Espírito não podemos fazer nada”, e ressaltou a importância de vivermos conforme as diretrizes dos fundadores, que estão presentes em muitos livros e capítulos. Mencionou as diretrizes

das Irmãs Scalabrinianas, como a encarnação, a acolhida, a comunhão na diversidade e o amor político, assim como as diretrizes das Missionárias Seculares, enfatizando a vocação leiga e o papel inspirador de Scalabrini para os leigos. Falou sobre o “mosaico do carisma”, que se manifesta de formas diversas, e comentou que a organização dos leigos é muito diferente das congregações. A espiritualidade conecta todos esses aspectos, e citou o número 28 do Capítulo Geral, que fala sobre vocação e missão.

Em relação à espiritualidade de Scalabrini, salientou que era muito forte e citou uma lembrança feita pelo Papa Francisco em 28 de outubro de 2024, afirmando que “o carisma está vivo na Igreja”. O Papa Francisco recordou três elementos essenciais do carisma de Scalabrini: *oração*, *vida fraterna* e *coragem para ir além dos limites*. Citou a fala do Papa, que destacou o migrante, que “reza porque precisa de muitas coisas”, e como Scalabrini nos inspira a “bater à porta”, assim como o migrante faz ao pedir acolhimento. Afirmou ainda que Scalabrini nos lembra a importância de viver a experiência de fé movidos pelo Espírito Santo. Destacou que nossa espiritualidade é poliédrica, com múltiplas faces, e que as características de Scalabrini, como a itinerância, a acolhida e o rumo a uma nova criação, continuam sendo fontes de inspiração para nossa missão. Ressaltou a capacidade da congregação de adaptar-se às grandes mudanças sociais, eclesiais e às dinâmicas migratórias, mantendo-se ágil, respondendo às necessidades emergentes. Enfatizou a importância de manter a espiritualidade e a missão interligadas, promovendo a reativação do carisma herdado do fundador.

Por fim, salientou a necessidade de transmitir a espiritualidade scalabriniana às novas gerações, destacando o papel do conhecimento e do envolvimento ativo dos jovens na continuidade da missão. Destacou ainda a importância do trabalho em sinergia entre os diferentes institutos, compartilhando esforços e recursos para fortalecer a missão comum.

Concluída a apresentação foi aberto para os congressistas a ocasião de participarem. A Missionária Antonella Favaro destacou que a espiritualidade está no centro de nossa vida. Scalabrini surge como um

fermento na história e na humanidade, que simboliza transformação e renovação. Relembrou o Congresso de Roma, ressaltando o impacto significativo que Scalabrini gerou a serviço dos migrantes e do mundo, enfatizando sua contribuição missionária e o legado deixado por ele. A Ir. Carolina França sublinhou a abordagem do tema do reavivar, entendido como soprar sobre as cinzas para renovar a chama da fé. O significado de mendigar se relaciona com a observação dos migrantes, que pedem e dependem da caridade. Os migrantes nos ajudam a viver nossa fé de forma autêntica. Ir. Marileda Baggio reconheceu a importância do momento de reflexão e, a seguir, questionou o grupo sobre o que ainda nos falta para vivermos de forma mais plena a espiritualidade scalabriniana. Ir. Alda Monica Malvessi enfatizou a necessidade de reavivar as cinzas, que representa a renovação da fé e do amor de Deus. Como fazer isso, visto que a reavivação é um dom, uma graça de Deus? Como é possível reavivar essa chama e, ao mesmo tempo, permanecer humilde e abaixo das cinzas dentro de uma instituição religiosa? Ir. Carmem Pereira manifestou uma inquietação acerca de como transmitir a nossa espiritualidade com leveza às novas gerações. Pe. Nivaldo Feliciano Silva falou sobre a importância de discernir entre ações autênticas e possíveis artifícios, como “reavivar”, “soprar” ou “mendigar”, que podem ser utilizados em contextos pastorais, mas que nem sempre expressam a essência do carisma. O que nos falta para partilhar um mesmo programa e unir esforços na explicitação da espiritualidade que nos foi confiada? Como recodificar a humildade para que ela se torne uma ação prática no cotidiano da missão? Rosemeire Casagrande, Missionária Secular, falou sobre as expectativas em relação aos jovens, ressaltando a importância de compreender o papel da juventude no contexto do carisma e da espiritualidade vividos pelo grupo. O que esperamos dos jovens? Qual é o papel da juventude dentro da vivência do carisma e da espiritualidade que nos une?

Pe. Leonir Chiarello salientou o descanso, a mendicância e a reavivação espiritual, destacando que reavivar a fé é um dom e uma graça de Deus. Mencionou que o *Humilitas* nos recorda quem somos: vocacionados e chamados por Deus. É importância não renunciar à grandeza que possuímos, especialmente no contexto do trabalho com migrantes,

tema central da missão. Devemos manter o valor da humildade, que nos ajuda a recordar o que nos aflige e a reconhecer que tudo é dom de Deus. Citou a atuação de Scalabrini, que buscava conjugar a vida missionária com a vida religiosa, ressaltando que, em comunidades onde não há fraternidade, falta coerência com a vocação e a espiritualidade do carisma recebido. A coerência e a consistência na vida são essenciais para deixar que Deus atue em nós. Enfatizou a necessidade de investir tempo na espiritualidade, assim como investimos em ações missionárias para recordar na humildade que tudo pertence a Deus. O carisma scalabriniano é um presente de Deus, e devemos deixá-lo livre, permitindo que o Espírito sobre em nós. É importante sacrificar a perspectiva individual em favor da missão da nossa congregação, sempre dispostos/tas a devolver a Deus o que é dele. Finalizando, reforçou a importância de receber a vocação e a missão de reavivar e transmitir esses valores às novas gerações, mantendo vivo o espírito do carisma scalabriniano.

Enfatizou a importância de transmitir o que Scalabrini fez, disse e escreveu, destacando a necessidade de vivenciar a tradição scalabriniana, que se converte e se atualiza ao longo do tempo. Ressaltou que os jovens precisam conhecer o carisma, a espiritualidade e a razão de nossa missão, o que devemos transmitir de forma leve, mas profunda, mostrando o que fizemos, fazemos e somos enquanto comunidade. Retomou o disse a Ir. Alda Monica Malvessi, e reforçou a ideia de “reavivar o carisma” e de “renovar nossas estruturas e edifícios”, propondo que busquemos o verdadeiro tesouro do carisma com dedicação. Encorajou a todos a ajudar os jovens a “cavarem” em busca desse tesouro, convidando-os a se integrarem ao carisma e a contribuírem para a construção da Igreja.

Concluiu afirmando que se estivermos motivados, a metodologia surgirá naturalmente, pois devemos estar atentos a cada aspecto da nossa missão. Desejou que todos sejamos um espelho, um reflexo de Scalabrini, reconhecendo-o como um modelo exemplar de vida espiritual e missão. Encerrou ressaltando a importância de seguir o exemplo de Scalabrini em nossa caminhada, buscando refletir seus

valores e compromisso com a espiritualidade em nossas ações diárias. O segundo conferencista, Pe. Gelmino Costa, apresentou o tema das “fontes da espiritualidade scalabriniana”. Partiu das raízes bíblicas, históricas, teológicas e práticas que constituem o corpo espiritual da Congregação. A exposição destacou que a espiritualidade cristã parte de Jesus Cristo e da ação do Espírito Santo, sendo vida segundo o Espírito. A espiritualidade scalabriniana se insere nesse horizonte mais amplo da espiritualidade da Igreja e da Vida Consagrada, mas se caracteriza por elementos próprios, ligados à missão junto aos migrantes e ao carisma do Fundador, São João Batista Scalabrini. Enfatizou que a Sagrada Escritura é a base fundamental da espiritualidade scalabriniana.

No Antigo Testamento, a experiência de Abraão, a hospitalidade aos estrangeiros e o Êxodo foram identificados como momentos chave que inspiram a espiritualidade do caminho e da acolhida. No Novo Testamento, Jesus aparece como migrante e itinerante, sendo acolhido e presente no rosto dos migrantes. Textos como Mt 25, “era estrangeiro e me acolhestes”, a parábola do bom samaritano, os discípulos de Emaús e o Pentecostes foram apresentados como fundamentos da espiritualidade scalabriniana, que une acolhida, itinerância, solidariedade e comunhão na diversidade.

A segunda fonte é a própria vida e espiritualidade de São João Batista Scalabrini. A partir de seus escritos e testemunhos, foram destacados cinco eixos que sustentam sua espiritualidade: a busca de conformação com Cristo (divinizar-me); o ideal da santidade pessoal (santificar-me e santificar os outros); o espírito missionário (fazer-me tudo para todos); o profundo amor à Igreja, vista como extensão de Cristo; a ardente vocação missionária, mesmo permanecendo na diocese.

As práticas espirituais de Scalabrini incluem a oração intensa, a devoção à Eucaristia, à cruz de Cristo e a Maria. Sua espiritualidade, embora enraizada nas práticas de seu tempo, foi vivida de modo profundo, ativo e apostólico. O expositor ressaltou que a espiritualidade scalabriniana também se desenvolveu e se encarnou na vida dos próprios missionários ao longo da história. Desde os primeiros enviados às Américas, que

viveram em condições adversas, com zelo pastoral, itinerância e espírito de sacrifício, até os tempos atuais, os missionários foram moldando e expandindo o carisma recebido. Destacou-se a vivência comunitária, a adaptação aos contextos migratórios e o surgimento de novas iniciativas, como a Equipe Scalabriniana dos Migrantes (ESMI), que reforçou o foco nos migrantes internos e na dimensão social e profética da missão.

Por fim, foi apresentada a espiritualidade scalabriniana como espiritualidade de esperança e de peregrinação. Inspirando-se na experiência dos migrantes que buscam novas terras, o missionário Scalabriniano é chamado a viver como “peregrino da esperança”, em sintonia com a visão escatológica bíblica: somos todos estrangeiros neste mundo, a caminho da pátria definitiva. Textos como Hebreus 11,13 e Filipenses 3,20 sustentam essa dimensão, reforçada pela convocação do Papa Francisco para vivermos o próximo Jubileu como “peregrinos de esperança”.

Pe. Gelmino Costa concluiu reafirmando que a espiritualidade scalabriniana está bem definida em seus princípios, mas permanece dinâmica e aberta, sendo continuamente enriquecida pela vida concreta dos missionários, pelos contextos migratórios e pelas exigências do tempo presente. A missão junto aos migrantes continua a ser fonte de renovação espiritual e profética para a Congregação e toda a Família Scalabriniana.

Na parte da tarde os congressistas participaram de grupos de estudos, cujas sínteses constam nesta publicação. Desta forma, o primeiro dia do congresso foi encerrado.

Segundo dia (25/06)

A terceira conferencista é a Ir. Analita Candaten, cujo tema é a espiritualidade de São João Batista Scalabrini, ressaltando a importância de reativar o dom carismático e de manter vivo o legado espiritual deixado por ele. Enfatizou que esses elementos devem ser assumidos de forma pessoal por cada membro da congregação. Com base na

reflexão do Pe. Leonir Chiarello, destacou três palavras-chave: “reativar o dom”, “carismático” e “herança”, indicando que tais expressões são fundamentais para compreender e aplicar a espiritualidade de Scalabrini na vivência diária. Ressaltou que Scalabrini é um modelo de vida espiritual e missionária para a Igreja e para o mundo, e que é necessário incorporar os elementos de sua espiritualidade na prática cotidiana. Utilizou a metáfora “exploradores de poços e caminhos” para afirmar a importância de beber de nossas próprias fontes espirituais, referindo-se ao carisma scalabriniano como um poço rico e cristalino. Esse legado dá identidade e vigor à missão e à espiritualidade da congregação, sendo essencial para manter viva sua inspiração original.

Destacou a espiritualidade cristocêntrica de Scalabrini, centrada na figura de Cristo e na mediação do Verbo Encarnado, sublinhando a necessidade de configurar-se com Jesus Cristo e viver uma fé autêntica. Explicou que tal espiritualidade fundamentava todas as ações e decisões de Scalabrini. Abordou o compromisso profético de Scalabrini com a Igreja, ressaltando sua dedicação incansável ao bem da mesma, assim como sua paixão pastoral e zelo missionário. Enfatizou o ideal de uma Igreja próxima do povo, que compartilha de seus sofrimentos e alegrias, mencionando que Scalabrini fazia questão de conhecer seu rebanho, visitando pessoalmente casas, campos, oficinas e escolas. Scalabrini estava comprometido com os pobres, doentes e necessitados, citando sua generosidade e desprendimento, como a venda de bens pessoais para auxiliar os mais carentes, e sua prática de caridade heroica no cotidiano, ajudando regularmente centenas de pessoas com recursos materiais. Scalabrini procurou ser fiel ao Papa e à Igreja, mesmo diante de divergências de opinião, destacando sua obediência como virtude fundamental, que ele também recomendava a seus missionários.

Scalabrini compreendia a imigração como um fenômeno duradouro e estruturante, razão pela qual fundou diversas instituições, entre elas a Congregação dos Missionários de São Carlos, das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu e a Sociedade São Rafael, com o objetivo de dar suporte aos migrantes e perpetuar seu carisma missionário. Destacou a participação ativa dos leigos na missão scalabriniana, desde seus

primórdios, reconhecendo sua colaboração como parte integrante do carisma. Também mencionou o profundo desejo missionário de Scalabrini, que expressava o anseio de receber a cruz missionária e sentia admiração pelos que partiam em missão. Ressaltou o compromisso de Scalabrini com a justiça social e a dignidade humana, relatando sua atuação em defesa dos direitos dos operários e agricultores e seu apoio à criação de associações e cooperativas como forma de melhorar as condições de vida do povo. Por fim, enfatizou a centralidade da oração na vida de Scalabrini, descrevendo-a como força propulsora de sua missão apostólica. Segundo ela, Scalabrini passava longas horas em adoração diante do Santíssimo, considerando a oração o dom mais precioso e o motor que impulsiona qualquer obra duradoura. Citou, inclusive, uma carta escrita por ele em 1905, na qual afirmava a eficácia da oração sincera como algo capaz de tocar o coração de Deus.

Finalmente, a Ir. Analita Candaten recordou as palavras do Papa Francisco proferidas durante a homilia da canonização de São João Batista Scalabrini, ressaltando a atualidade e a profundidade de seu carisma. “Exorto-vos, missionárias e missionários scalabrinianos, a deixar-vos sempre inspirar pelo vosso santo Fundador, Pai dos Migrantes, de todos os migrantes. O seu carisma renove em vós a alegria de estar com os migrantes, de permanecer ao seu serviço e de o fazer com fé.” A espiritualidade e missão deixadas por Scalabrini continuam a iluminar e inspirar a ação pastoral da Igreja nos dias de hoje, especialmente no cuidado com os migrantes e os mais vulneráveis, conforme o chamado do Evangelho. A conferência foi concluída com profundo sentimento de gratidão, reafirmando o compromisso com o carisma scalabriniano e com a missão evangelizadora junto aos migrantes e marginalizados.

Durante o momento reservado às ressonâncias, os(as) participantes expressaram suas impressões e reflexões a respeito da temática abordada na conferência do dia. Regina Almeida destacou a importância da unidade entre os leigos no compromisso comum com a causa migratória, afirmando que “como leigos, devemos estar sempre juntos em prol dos migrantes”. A Ir. Alda Monica Malvessi ressaltou a atualidade dos elementos da espiritualidade de Scalabrini apresentados

na conferência, indicando a necessidade de integrá-los tanto na formação pessoal quanto comunitária, e salientou a importância de partilhá-los com os leigos. Pe. Alexandre Biolchi enfatizou a profunda ligação entre espiritualidade e missão, afirmando que a espiritualidade leva à missão e que esta, por sua vez, aponta para Jesus Cristo, que é o centro de toda a ação. Scalabrini é um modelo de equilíbrio entre ação e oração, entre espiritualidade e missão. A Ir. Marileda Baggio destacou que a espiritualidade da congregação também se desenvolve com as contribuições dos cofundadores, e que há um olhar específico e enriquecedor que surge a partir da ótica feminina como expressão da riqueza da vivência espiritual. A Ir. Leocádia Mezzomo compartilhou seu entusiasmo ao perceber a vitalidade da espiritualidade vivida com profundidade e simplicidade, especialmente através da figura da Bem-aventurada Assunta Marchetti. Lembrou que, em suas cartas, encontram-se expressões vivas da espiritualidade scalabriniana, e que de fato “foi tudo para todos”. Concluiu afirmando a importância de estreitar os laços da caridade entre os membros da família Scalabriniana e reiterou que Scalabrini continua sendo um inspirador e provocador do seguimento de Cristo.

A quarta conferência do Congresso coube às missionárias seculares Rita Bonassi e Rose Casagrande, cujo tema é a *Espiritualidade scalabriniana na Secularidade*. As missionárias afirmaram que formam o terceiro Instituto de Vida Consagrada da Família Scalabriniana, cuja origem se encontra em Solothurn, na Suíça, com o sim de Adélia Firetti, a primeira missionária, em 25 de julho de 1961, em um ambiente migratório. O Instituto foi aprovado em Pentecostes de 1967 e erigido como Instituto Secular de direito diocesano na Páscoa de 1990. Acrescentaram que as Missionárias Seculares Scalabrinianas são chamadas a viver uma consagração especial a Deus no estado laical, com foco em transformar o mundo, especialmente em relação aos migrantes. A espiritualidade das missionárias é inspirada em São João Batista Scalabrini, com uma ênfase particular na acolhida aos migrantes mais pobres e desenraizados, como expressão do Evangelho de Mateus (Mt 25,35.40). Ao longo de sua história, o Instituto tem se dedicado a viver sua vocação secular de forma radical, reconhecendo a presença

de Deus no mundo, especialmente nos migrantes, e agindo como “sal e fermento” para o crescimento do Reino de Deus. A missão não é apenas uma ação no mundo, mas uma vivência contínua da consagração a Deus em todas as circunstâncias da vida cotidiana.

Destacaram a importância da Eucaristia, como ponto central na espiritualidade scalabriniana, sendo o centro da vida missionária e da vivência do carisma. O exemplo de São João Batista Scalabrini, com sua visão universal e sua capacidade de unir os povos, foi mencionado como um modelo de como a migração e as diversidades culturais podem ser transformadas em oportunidades de comunhão e acolhida. Compartilharam ainda as diversas missões das Missionárias Seculares Scalabrinianas ao longo dos anos, incluindo a presença no Brasil desde 1978, quando o Instituto trabalhou com migrantes, refugiados e jovens, promovendo uma convivência intercultural e solidária, com o objetivo de construir um mundo mais justo. Ao final, os participantes expressaram seu agradecimento pelo testemunho e pela missão das Missionárias Seculares Scalabrinianas, que continuam a ser sinais de esperança e transformação para o mundo contemporâneo.

Testemunho de uma migrante. Marta, imigrante de origem cubana e participante do evento, compartilhou seu testemunho. Relatou as dificuldades iniciais que enfrentou ao deixar Cuba e a saudade da terra natal, mencionando as adversidades associadas à adaptação a um novo país. A participante destacou a importância do apoio recebido no Brasil, particularmente no que se refere à integração social, cultural e laboral, fatores decisivos para seu sucesso e bem-estar no novo ambiente. Falou dos desafios enfrentados pelos imigrantes cubanos ao tentarem deixar seu país. Mencionou a dificuldade de obtenção de passaportes e vistos, barreira significativa para muitos que desejam emigrar. Destacou ainda a necessidade de apoio financeiro e emocional, aspectos essenciais para a decisão de deixar a terra natal e recomeçar a vida em um novo país. Ela enfatizou que, além dos desafios burocráticos, os imigrantes cubanos frequentemente enfrentam sofrimentos psicológicos e a sensação de incerteza ao tomar a difícil decisão.

Marta destacou a separação dos filhos como um dos maiores obstáculos enfrentados durante o processo de imigração, mencionando a luta para trazê-los ao Brasil. A participante expressou a dor e a saudade vividas ao estar longe de sua família, e a alegria imensa de finalmente poder estar reunida com seus filhos após muitos esforços. Além disso, compartilhou o sucesso do filho, que se tornou campeão nacional de karatê no Brasil. A mãe destacou o apoio recebido durante a jornada de imigração como fundamental para que alcançasse esse importante marco em sua vida. A satisfação de ver seu filho conquistar esse sucesso, apesar de todos os desafios enfrentados, foi um momento de grande alegria e realização para a participante do evento.

O testemunho trouxe à tona a importância da unidade familiar e o apoio durante o processo migratório, mostrando como a persistência e a luta por melhores condições de vida podem resultar em conquistas significativas. Expressou sua gratidão pelas oportunidades que teve de reconstruir sua vida, enfatizando o papel fundamental da acolhida e do suporte das comunidades scalabrinianas na facilitação desse processo.

Visitas guiadas. No período vespertino, os participantes do Congresso realizaram visitas guiadas aos seguintes locais: Museu Madre Assunta Marchetti e urna com os seus restos mortais, localizado em Vila Prudente, São Paulo/SP, onde tiveram a oportunidade de conhecer a história e a memória da cofundadora, Bem-aventurada Madre Assunta Marchetti, local muito visitado pelas pessoas devotas. Centro Internacional para Jovens João Batista Scalabrini, das Missionárias Seculares Scalabrinianas, que proporcionou uma visão sobre o trabalho realizado com jovens e migrantes. Museu Scalabrini e Túmulo do Pe. Marchetti, no Ipiranga, onde os participantes puderam fazer uma imersão na história do Pe. Marchetti e sua obra missionária. As visitas foram momentos significativos para aprofundar o conhecimento sobre a espiritualidade e raízes da missão scalabriniana, sobretudo, na América do Sul.

Terceiro dia (26/06)

Quinta conferência. A Ir. Maria do Carmo dos Santos Gonçalves, mscs., abordou o tema *A Pátria-mundo à Luz da Espiritualidade em São João Batista Scalabrini*. Começou com uma exposição da espiritualidade de Scalabrini com uma visão ampliada e ética da noção de pátria. Propõe um desafio às práticas pastorais e às estruturas sociais ao resgatar a integralidade do ser humano – corpo, espírito, pertença e dignidade. Sua compreensão de fé está diretamente ligada à realidade da migração, promovendo um diálogo entre “pátria religião” e “pátria mundo”. Para Scalabrini, “o mundo é a pátria”. Essa perspectiva desconstrói o conceito tradicional de pátria como um território limitado por fronteiras geográficas. Scalabrini propõe uma construção de pertencimento ampliado, que se fundamenta na dignidade humana e na fraternidade universal. Sua vivência e convicções religiosas iluminam uma abordagem ética e pastoral que transcende o nacionalismo estreito, apontando para uma identidade enraizada na fé e na solidariedade.

A Pátria à Luz do *Ressurgimento*. Scalabrini viveu um contexto marcado pelo Ressurgimento italiano, um processo político e cultural que buscava unificar a Itália. Para ele, este processo não era obra de poucos heróis, mas fruto de um esforço coletivo que envolvia língua, cultura, educação e até mesmo religião. Scalabrini respirava as ideias do Ressurgimento, mas com uma leitura religiosa: para ele, ressurgir a pátria era também uma forma de ressurreição espiritual. Acreditava que a nova Itália deveria nascer sem renunciar à fé. A religião, para Scalabrini, era um elemento central na formação da unidade nacional. A pátria alargada proposta se enraizava em duas aspirações profundas do coração humano: pertencer e transcender. O trabalho, especialmente o trabalho operário, era visto como caminho de dignidade e como espaço de presença e ação da Igreja.

Igreja e Modernidade: uma Pátria Inclusiva. A conferencista notou que na virada moderna, a questão central era como a Igreja participaria da construção das novas identidades nacionais sem perder sua missão. Scalabrini atuou para garantir que a Igreja não fosse excluída dos processos sociais e culturais em curso. Ele via na modernidade,

com seus jornais, ferrovias, escolas e fábricas, uma oportunidade para recolocar a religião cristã como elemento ativo na vida pública com reflexos na população. Utilizando os meios de seu tempo, criou o Catecismo Católico para Emigrantes, enviou materiais religiosos para os lugares de destino dos migrantes e promoveu escolas de vida cristã. Reconhecendo que a industrialização provocava o deslocamento de milhões de pessoas, percebia a migração como força natural e providencial, que, se bem acolhida, contribuiria para o aperfeiçoamento humano e a glória de Deus.

A Pátria do Emigrante: Pertencer Mesmo Longe. Ir. Maria do Carmo assegurou que uma das contribuições de Scalabrini foi incluir o emigrante no conceito de pátria. Para ele, emigrar não era romper com a pátria ou com a fé, mas sim um exercício de sobrevivência e dignidade. A pessoa migrante continua pertencendo à sua nação e à Igreja. Por isso, a missão *ad gentes* também deve ir ao encontro dos migrantes, reconhecendo sua dignidade e sua identidade. Scalabrini testemunhou de perto as dores de quem parte e de quem fica. Sua sensibilidade pastoral o levou a afirmar que “para o deserdado, a pátria é a terra que lhe dá o pão”. Muitos emigraram por falta de terra, herança ou trabalho. Scalabrini vê a migração como um direito humano e como espaço legítimo de atuação da Igreja. Sua atuação missionária integra a ordem natural com a expressão do divino: fé e realidade se encontram. Pátria Alargada e Fraternidade Universal. Ir. Maria do Carmo concluiu afirmando que Scalabrini desloca o olhar: coloca o emigrante no centro da missão da Igreja e o integra no conceito de pátria. Ele promove uma visão de pátria como experiência humana integral, onde se exercem os direitos, a dignidade e a fraternidade. Para ele, religião e pátria se completam como forças de proteção aos mais frágeis. Seu pensamento ressoa com a proposta do Papa Francisco na encíclica *Fratelli Tutti*, que reafirma a fraternidade universal como vocação comum da humanidade. Scalabrini promoveu o contato contínuo com comunidades de emigrados e defendeu que a Igreja deveria criar espaços permanentes de acolhida e cuidado para quem parte. A espiritualidade scalabriniana, portanto, permanece atual e convida a Igreja a reconhecer o migrante como irmão, membro da mesma pátria

alargada e sujeito da história, cujas dores e esperanças tocam o coração do próprio Deus.

Ressonâncias da reflexão sobre a espiritualidade de João Batista Scalabrini. A Ir. Marileda Baggio destacou a importância de compreender Scalabrini sob diferentes óticas, incluindo a sociológica e filosófica, ressaltando o quanto evoluiu com a modernidade. Enfatizou o lado humanista como caminho para novas descobertas sobre sua figura e legado. Rosemeire Casagrande afirmou que o olhar de Scalabrini interpela e provoca cada um de nós, especialmente no modo de enxergar o migrante. Ressaltou que é necessário um olhar sensível, não julgador, que promova e reconheça a dignidade da pessoa do migrante. Enfatizou o compromisso scalabriniano com a acolhida, a fraternidade e a valorização da diversidade como riqueza, lembrando que estes elementos devem sempre ser marcados pela delicadeza e respeito. Ir. Analita Candaten destacou o compromisso de Scalabrini com o conhecimento profundo da realidade. Apontou que suas últimas produções escritas nasceram de sua experiência concreta, o que o levou a agir com intencionalidade e estratégias bem definidas. Ir. Carolina França destacou a contribuição de Scalabrini para a construção do Estado e da identidade nacional. Ressaltou a centralidade do migrante em sua missão e a importância de retomar a escuta atenta e a criação de vínculos duradouros. Mencionou a sintonia com o processo sinodal da Igreja, que propõe uma espiritualidade de pertença e construção comunitária. Ir. Maria do Carmo reconhece que a existência de um acervo significativo sobre João Batista Scalabrini, ao mesmo tempo em que se destacou a riqueza ainda a ser descoberta sobre sua vida, espiritualidade e missão. Enfatizou-se a atualidade de seu pensamento e a importância de continuar aprofundando seu legado.

Finalmente, o Pe. Alfredo Gonçalves, CS, encarregado de realizar a síntese do Congresso, ressaltou que uma síntese final do Congresso seria inadequada, uma vez que poderia limitar a riqueza, a diversidade e a profundidade das experiências e contribuições compartilhadas ao longo do evento. Destacou que o Congresso se caracterizou como espaço plural, de escuta atenta, reflexão conjunta e intercâmbio

fecundo, cuja amplitude e complexidade não podem ser reduzidas a uma conclusão única ou definitiva. Ai invés de uma síntese, Pe. Alfredo destacou palavras-chave que emergiram, de forma explícita ou implícita, ao longo dos diálogos e contribuições, e que apontam caminhos para a espiritualidade, a pastoral e o compromisso com os migrantes. Essas palavras foram apresentadas como “janelas” que se abrem para a paisagem do caminho comum que trilhamos: raízes, travessia, estações, encontro e horizontes. Os termos citados pelo Pe. Alfredo, carregados de sentido, permanecem como referências simbólicas e inspiradoras para a continuidade da missão e do discernimento pastoral em favor da dignidade humana e da acolhida aos migrantes.

As cinco palavras-chave que marcaram as reflexões do Congresso, segundo Pe. Alfredo são: *Raízes*: a espiritualidade scalabriniana tem sua origem na figura de São João Batista Scalabrini, cujo carisma continua a inspirar ações pastorais e sociais centradas em Cristo. *Travessia*: refere-se aos caminhos históricos e contemporâneos percorridos pela missão scalabriniana, em constante adaptação aos desafios das migrações. *Estações*: representam os momentos de parada e confronto com as dores, esperanças e contradições do mundo migratório atual. *Encontro*: espaço de diálogo, escuta e enriquecimento mútuo, fundamental para a pastoral migratória e para a vivência do carisma em comunidade. *Horizontes*: indica o caminho futuro da missão, guiada pelo Espírito, com os migrantes como protagonistas e evangelizadores de uma sociedade mais justa e fraterna. Pe. Alfredo destacou, finalmente, que esses eixos permanecem como direções abertas para a ação e reflexão da Família Scalabriniana nos contextos migratórios atuais.

O Congresso foi encerrado com espírito de gratidão a todos os engajados na sua preparação. Foi reafirmado o compromisso com a missão junto aos migrantes, inspirados pelo legado de São João Batista Scalabrini. Foi enfatizada a importância da escuta, do diálogo e da colaboração, bem como da atualização constante do carisma para responder aos desafios contemporâneos. Conforme ressaltado pelo Secretariado, “este Congresso fortalece nossa vocação e nos convida a perseverar com esperança e solidariedade em favor dos migrantes”. Reafirmou-se

o compromisso de continuar a missão scalabriniana com solidariedade, acolhida e justiça, inspirados na espiritualidade e no legado de São João Batista Scalabrini. Os participantes motivados, concluíram o evento, dispostos a levar adiante os ensinamentos e desafios debatidos, fortalecidos para atuar em suas respectivas comunidades.

SÍNTESE DO CONGRESSO

Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS

O Congresso não tem síntese. Seria injusto fazê-la. A troca e intercâmbio de experiências e de contribuições foram demasiado ricos e plurais para serem colocado numa camisa de força desse gênero. Permanecem abertas as portas e as potencialidades que o congresso nos descortinou. Em lugar de uma síntese, o que pretendo aqui é destacar, entre tantas vias de meditação, algumas palavras-chaves que, de forma explícita ou implícita, sobrevoaram por esta sala. Palavras que se transformam em conceitos carregados de sentido para a reflexão e ação em nossa trajetória junto aos migrantes. Vou classificá-las como *janelas* voltadas para a paisagem espiritual de nossos caminhos, nossa pastoral, nossos sonhos e nossas esperanças. Destaco cinco: são elas raízes, travessia, estações, encontro e horizontes.

1. Raízes

Começamos com as *Raízes*. A pergunta aqui é: de onde viemos? Quais as raízes da espiritualidade scalabriniana? A figura central, como não poderia deixar de ser é São João Batista Scalabrini, com sua centralidade em Jesus Cristo. Aí estão nossas origens e nossa razão de ser. Scalabrini como Fundador e como inspiração que nos leva ao carisma. A *ratio missio* (razão da missão) está centrada na pessoa, escritos e obras do bispo de Piacenza. Sua espiritualidade nos conduz às fontes, onde a água é mais limpa, cristalina e transparente. Água que nos move interiormente e, exteriormente, move nossa ação missionária e socio pastoral. Não se trata apenas de determo-nos em suas devoções pessoais, tais como a Eucaristia, a Palavra de Deus, Maria, a Cruz, e assim por diante. Trata-se de descobrir o que movia o coração e a alma de Scalabrini. O que lhe dava sentido e significado à própria vida e vocação. Qual o cimento oculto por trás de suas atividades diárias, sejam estas de caráter espiritual, social, pastoral, cultural ou político.

Nessa perspectiva é que vamos notar que o carisma scalabriniano tem seu DNA bem específico, sua gênese, nessa figura localizada no tempo e no espaço. Vimos os eixos, as práticas e os pontos fortes do que, desde um ponto de vista espiritual, pastoral e social, poderíamos chamar de “cultura scalabriniana”. Esse é o poço em que somos chamados a nutrir nossa fé, nossa ação e empenho. Espiritualidade que nasceu no que os historiadores classificaram como “século do movimento”, século XIX. Movimento de máquinas e de pessoas, o qual movimentou Scalabrini e outros “santos sociais” contemporâneos, movimentou a Igreja da época e, nos dias de hoje, movimenta a nós mesmos. Nesse século é que nosso Fundador “viveu de forma extraordinária a espiritualidade ordinária”, como disse alguém. Em pleno século XXI, somos “chamados a ser Igreja no mundo e a ser mundo no interior da Igreja”, para usar a expressão das missionárias seculares. Da mesma forma que Scalabrini, pelas estradas do êxodo, vemos no migrante o critério da salvação. “Vinde benditos de meu Pai... Eu era migrante e vós me acolhestes” (Mt 25, 35).

Entretanto, o carisma cresce com o tempo. O Fundador lança a semente. Mas toda semente contém em potencial uma nova árvore, com suas folhas, flores e frutos. Os fundadores e fundadoras tendem a crescer após a morte, e com o passar do tempo. Com seus seguidores, ganham novas mãos e novos pés. Da mesma forma que a semente, também o carisma tem em seu potencial as folhas, flores e frutos de uma árvore. Toda a família scalabriniana é chamada a ser jardineira desse jardim iniciado por Scalabrini. Desde a época de Scalabrini, quantos padres, irmãs e leigos deram a vida pelos migrantes? O que fizeram Madre Assunta e Pe. Marchetti? Da mesma forma que os apóstolos para Jesus, os seguidores imediatos de Scalabrini foram grandes testemunhas e grandes mensageiros de sua obra. Cumpre aqui lembrar a expressão tão cara à CRB, por exemplo, “liberdade criativa”. Em outras palavras, seguir não é imitar, e sim recriar no contexto atual o espírito do Fundador. Seguir Scalabrini ou seguir Jesus não é imitá-los, mas recriar o carisma scalabriniano ou a Boa Nova de Jesus nos desafios da sociedade atual. Claro que é muito mais fácil e imediato imitar do que recriar. Professores e fundadores,

quando sóbrios e sábios, em geral anseiam, respectivamente, por alunos e discípulos que os superem.

2. Travessia

Agora a pergunta é: por que caminhos viemos, que atalhos atravessamos, que estradas percorremos nestes 120 anos de trajetória? Como se deu a evolução histórica do carisma scalabriniano? Ontem e hoje, as rotas dos migrantes são as mesmas. Ao mesmo tempo, porém, são diferentes. Eles seguem cruzando e recruzando mares e desertos, florestas e fronteiras. Mas sempre o farão de maneira diversificada. Como podemos ajudá-los a encontrar respostas novas para os novos desafios? Quais têm sido dos caminhos pastorais e missionários da família scalabriniana? Diferentes, claro, mas complementares! Ao longo do tempo e das estradas percorridas, que travessia fizeram as os padres, que travessia fizeram as irmãs e que travessia fizeram as missionárias seculares? E mais, que travessia fizeram o movimento leigo scalabriniano e o movimento de jovens scalabrinianos? Travessias plurais sem dúvida, mas em unidade de carisma. Os institutos e movimentos scalabrinianos são como igarapés que correm para formar um rio caudaloso. Rio que, nas últimas décadas tem se beneficiado das águas (colaboração) de outras congregações religiosas, entidades, organizações não governamentais movimentos e pastorais sociais.

Na travessia, fomos levados à descoberta de que, desde a experiência fundante do êxodo, Deus está no êxodo, no deserto, no exílio e na diáspora. Revela-se como Deus do caminho. Caminha conosco pelas estradas tortuosas e turbulentas da história. “O verbo se faz carne e arma sua tenda entre nós” (João, 1, 10). Jesus é o profeta itinerante de Nazaré. E Scalabrini, tendo um coração maior que a própria diocese, se põe a caminho, atravessando o oceano como os emigrados. Verdadeira “Igreja em saída” *avant la carte*. Ainda na travessia, enquanto os migrantes teimam em construir a *ponte da sobrevivência*, nós tentamos construir uma *ponte pastoral*, unindo a origem e destino dessa enorme multidão de desenraizados. Fizeram o mesmo, por exemplo, Abraão, Moisés, o apóstolo Paulo, Scalabrini e o saudoso

Papa Francisco. Homens sem fronteiras, porque impulsionados pelo Espírito que move a Igreja. Levaram suas potencialidades humanas até o limite, tocando a natureza do divino. Assim é o serviço religioso e/ou serviço secular aos migrantes.

Nesse serviço, está um trabalho de inclusão. Todo povo, pessoa ou nação é chamado a participar dessa travessia pelos desertos e exílios modernos. O século XXI, mais que o século XIX, segue produzindo deslocamentos humanos em massa. Migrantes, refugiados, apátridas, itinerantes, atingidos por catástrofes climáticas – multidões que se põem em fuga, fuga que se converte em busca de vida mais promissora. Convém ter em mente que o tipo de deslocamentos humanos de massa que Scalabrini encontra durante sua vida não é a migração conhecida até então. Antes, é um processo novo do sistema capitalista de produção, no sentido de transformar camponeses em operários para as fábricas, por uma parte, e migrantes para engrossar o exército de reserva e baixar os salários, por outra. Mas as travessias continuam, como continuam os sucessos e as tragédias no interior delas mesmas. O Espírito nos impulsiona a seguir de perto os migrantes: ver, ouvir e conhecer suas “alegrias e esperanças, tristezas e angústias” (*Gaudium et Spes*, 1).

3. Estações

Toda travessia tem suas paradas, suas “estações de Milão”. Com que dores e sofrimentos hoje tropeçamos nas estações contemporâneas? Com que sonhos, lutas e esperanças nos deparamos? Podemos dizer que Scalabrini foi conduzido pelo Espírito à estação de Milão. Certamente o lugar fazia parte de sua escolha, como vimos na exposição anterior. Longe de um acaso, trata-se de uma opção. Na estação, depara-se com um cenário difícil, ambíguo, cheio de contradições. “No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho”, diz o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade. Hoje multiplicam-se as estações e, nelas, as pedras e espinhos: ilha de Lampedusa, Itália, ilha de Lesbos, Grécia, fronteira entre Estados Unidos e México, estreito de Darién, no Panamá, zonas limítrofes de tantos países, particularmente da Ásia, África e

América Latina, acampamentos de refugiados, estradas batidas por multidões em caravanas ou famílias e indivíduos solitários. Desespero e esperança aí se dão as mãos, dramas e desafios nos interpelam, como interpelaram Scalabrini. “O riso e a lágrima moram perto um da outra”, diz o prêmio Nobel José Saramago. O grito da estação de Milão segue ecoando em nossos ouvidos.

No contexto da Revolução Industrial, operários e migrantes experimentaram os efeitos perversos da tecnologia. Esta última normalmente traz avanços positivos para a humanidade, mas traz também cenários negativos para quem a vê nascer. No final do século XIX, enquanto o Papa Leão XIII se preocupava com a “condição dos operários”, publicando a Carta Encíclica *Rerum Novarum*, documento inaugural da Doutrina Social da Igreja (DSI), João Batista Scalabrini se preocupava com aqueles que sequer haviam conseguido emprego nas cidades da Europa, sendo forçados a cruzar o oceano em direção às Américas. Hoje, ademais das pedras e espinhos das antigas estações, temos ainda as consequências nocivas das mudanças climáticas, com seus refugiados hoje contados aos milhões. Violência, pobreza, deportação, preconceito, rechaço, discriminação, xenofobia – eis o que nos revelam tantas estações dos tempos modernos. A estação, seja a de Milão ou aquela de nossos dias, representa o fato de “estar fora de casa”, numa espécie de *não lugar*, não na concepção do antropólogo e etnólogo francês Marc Augè, mas no sentido dos porões, periferias e fronteiras das sociedades modernas e pós-modernas.

Um voo de pássaro pelas estações contemporâneas basta para dar-se conta de quanta inquietude, incerteza, insegurança, instabilidade... e tantos outros “in”. Mas, como lembra o filósofo Hegel, tempo em que emergem tantos “in”, é em geral tempo de indignação. O que nos faz lembrar a santa ira dos profetas, ou seja, a revolta que leva à libertação. Revolta espiritual e social ao mesmo tempo. Se é verdade que a injustiça e exploração violam a identidade e a dignidade da pessoa humana, também é certo que a indignação e o processo de libertação a faz erguer a cabeça e caminhar com as próprias pernas. Isso fazia Scalabrini, isso faziam os padres, irmãs e leigos nossos antecessores,

isso procuramos fazer nós hoje. Trata-se de cuidar da saúde física, mental, emocional e espiritual dos migrantes. Uma vez mais, amplia-se o leque do carisma.

4. Encontro

Neste caso, a pergunta é: como estamos levando adiante o legado de Scalabrini? De que maneira fazemos brilhar seu carisma? Encontros como este Congresso nos ajudam a responder a semelhante pergunta. No encontro, no diálogo, no intercâmbio e na troca de ideias e experiências, pouco a pouco, tentamos depurar e purificar nossas ações e reflexões, nosso modo de falar e de agir. Por isso se faz necessário parar, silenciar, escutar. Não qualquer forma de escuta, mas a escuta qualificada, atenta e sintonizada, a escuta do coração. Escutar os migrantes e escutar os parceiros do mesmo carisma. Somos diferentes, é verdade, mas somos iguais. Na pastoral missionária e em particular migratória, nossa família scalabriniana como um todo tem criado distintas formas de acolhida e de empenho com os migrantes, bem como distintas expressões de espiritualidade. Não têm faltado riqueza, empenho e criatividade. Encontros como este servem para um mútuo enriquecimento. A troca de experiência nos faz crescer reciprocamente.

Nesta perspectiva, os migrantes são nossos mestres, “professores de esperança”, como dizia o Papa Francisco. Diferentes na língua, na origem, nos costumes, na cultura e às vezes no credo, seguem iguais no sofrimento e nas lutas, nos sonhos e esperanças. Ao se colocar em marcha, movem a Igreja, os Estados, as organizações e a cada um de nós. “Sinais dos tempos”, mas sobretudo sinais vivos de que, mesmo a partir das cinzas, das ruínas e dos escombros, ergue-se o desejo de vencer. Todo encontro revela e escancara essa teimosia de quem não se deixa abater. Mas não basta a simples justaposição de pessoas, expressões culturais e visões de mundo. Nas basta a coexistência pacífica. É necessário chegar ao diálogo, ao confronto, se quisermos construir novos patamares de convivência e convivialidade. A verdade não está comigo, não está com você, está no diálogo; “o real não está no começo nem no fim, ele se coloca para a gente é no meio da travessia”, diz o poeta brasileiro Guimarães Rosa.

No encontro de Jesus com a Samaritana, o evangelista João (Jo 4, 1-32) como que brinca com duas pessoas, dois tipos de sede e dois tipos de água. Quem no início do relato pede de beber, depois oferece água; e inversamente, quem tem condições de oferecer água, depois revela sua sede mais profunda. Ou seja, ninguém é só sede, ninguém é só água; ninguém é sede o tempo todo, ninguém o tempo todo água. Todos somos uma mistura de água e sede. O poço é que faz com que ambas se encontrem e se complementem. Quem evangeliza nesse relato? Jesus? A samaritana? Eu me sinto tentado a uma heresia: quem evangeliza é o poço! Poço enquanto encontro. Convém ter presente a humildade de Jesus em revelar a própria sede. Fará o mesmo no alto da cruz. Talvez um dos maiores problemas da Igreja hoje é esconder a sua sede. Parece que só tem água. E passa a distribuí-la, por mais suja, turva e torva que seja. A evangelização sempre tem mão dupla: não raro, é o evangelizador que acaba sendo evangelizado; e o contrário, o pretenso destinatário da evangelização acaba se revelando um verdadeiro evangelizador.

A coragem de abrir poços com o outro, com o diferente e com o estrangeiro abre a possibilidade para a evangelização. Esse é o método de Jesus: abrir poços/encontros pelos caminhos da Galileia, da Samaria e da Judeia. A maioria são proibidos! Jesus abre o diálogo e deixa que a água e a sede, a graça e o pecado se entrelacem e se complementem. Essa a beleza de todo encontro. Ele permite um recíproco enriquecimento. Quantas vezes vimos isso nas Casas de Migrante, nos Centros de Acolhida? E quantas vezes ocorre o mesmo quando, desarmados e desnudos, nos dispomos a um encontro? Ou ainda nos lugares inóspitos por onde os migrantes se cruzam e recruzam. Pessoas diferentes, de lugares longínquos, falando línguas desconhecidas – mas onde o sofrimento e a proximidade podem criar um patamar mais elevado e plural de civilização. Passa-se, desse modo, da “globalização da indiferença” – insistia o Papa Francisco – à “cultura do encontro, do diálogo e da solidariedade”.

5. Horizontes

Por fim, a pergunta: para onde vamos? Para onde nos conduz o

carisma scalabriniano nos tempos contemporâneos? Há uma resposta imediata e verdadeira: estamos juntos na construção do Reino de Deus, em especial junto aos migrantes. Nessa travessia, numa perspectiva escatológica, mesclam-se o “já” e o “ainda não” do Reino. “Eu vim para reunir todos os povos”, pode-se ler no cartaz deste Congresso, citando o profeta Isaías (Is 66,18). Muitas realidades vieram à tona no decorrer das conferências e ressonâncias, bem como nos trabalhos de grupo e plenária. Não poucas contribuições enriqueceram o debate. Viu-se erguer com força a chama da esperança, da cidadania universal, incluído pátria e planeta Terra, cada vez mais evidenciado na consciência ecológica. Falou-se em superação de limites, viver até o fim as potencialidades humanas. Constatou-se a importância de reavivar o dom de Deus que há em nós (2Tm 1,6), soprar nas cinzas para reacender as brasas, de esvaziar-se, humilhar-se, fazer-se obediente e mendicante, desnudar-se, repousar nas mãos de Deus, como se lê no hino da Carta de São Paulo aos Filipenses (Fl 2, 6-11).

Em tudo isso, há algo em que devemos estar atentos. Os reais protagonistas das mudanças urgentes e necessárias não somos nós que estamos nesta sala. O Espírito age através de nós, é certo, mas as mudanças mais profundas se erguem do chão. Como a semente, a espiga, a flor ou o edifício, as transformações se levantam da terra úmida e escura. Em outras palavras, os migrantes são os profetas, os artífices e os protagonistas da história. O fato de migrar, por si só, põe em marcha os governos, a Igreja e todos que estamos aqui. Ao se movimentar em massa, os migrantes questionam os países de origem, que não lhes concedeu cidadania digna e justa; questionam os países de trânsito, que de mau humor os deixam passar; e questionam os países de destino, que os recebe com discriminação e preconceito. Na busca de “novos céus e nova terra”, ou de uma “pátria universal”, se quisermos, é fundamental a centralidade do pobre e do excluído, do migrante e do marginalizado. E como diz o Documento de Aparecida, “os migrantes que partes de nossas comunidades podem oferecer valiosa contribuição missionária às comunidades que os acolhem” (DA, 415). Por isso mesmo, são também potenciais evangelizadores. Com efeito, se é verdade que no coração de cada pessoa e de cada

cultura existem sementes do verbo, também é certo que tais sementes, ao migrarem, espalham seus valores por onde passam e onde irão se instalar.

Como no Pentecostes, somos hoje convidados a deixar o “lugar fechado” onde nos domina o medo, pelos caminhos abertos e fronteiras. Vencer o comodismo da sacristia e, com novo vigor e asas nos pés, retornar a Jerusalém, a exemplo dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35). E por falar nisso, vale uma metáfora: passarinho para voar, além de asas, precisa ter pés. Um avião não decola se não tiver o trem de pouso em dia. Ou seja, vale o sonho, valem os planos, vale o ideal, mas temos de manter os pés firmes no chão duro e árduo do cotidiano, no contexto em que vivemos. Um contexto muito mais marcado por deslocamentos compulsórios do que o final do século XIX, durante a vida e ação socio pastoral de Scalabrini. Como diz a *Erga Migrantes Caritas Christi*, “as migrações hodiernas tornaram-se um fenômeno estrutural da sociedade” (Introdução). Não um fenômeno provisório, temporário e emergencial, lembrava já Scalabrini, mas, naquela época, como vimos, instrumento do sistema capitalista para transformar camponeses em mão-de-obra fabril; e contemporaneamente, para transformar trabalhadores e trabalhadoras assalariados em mendigos dos serviços mais sujos, pesados, perigosos e mal remunerados.

São Paulo, 23 a 26 de junho de 2025.

Programa do Congresso
Congresso de Espiritualidade Scalabriniana
23 a 26 de junho de 2025 – São Paulo, SP

23/06/2025

Chegada na tarde – Noite das boas-vindas.

24/06/2025

7h – Celebração Eucarística: Pe. Leonir Chiarello, CS.

8h – Café da manhã.

Moderador do dia: Pe. Irmãni Borsatto, CS.

8h45 – Mesa de abertura – Palavras de abertura do congresso: Superior Regional, Pe. Alexandre De Nardi Biolchi, CS; Superiora Provincial, Ir. Alda Malvessi, MSCS; responsável local das Missionárias Seculares Scalabrinianas: Antonella Favaro, MSS.

9h15 – **1ª Conferência: “Ratio et Missio”:** Pe. Leonir Chiarello, CS.

10h – Ressonâncias.

10h30 – Intervalo.

11h – **2ª Conferência: “As fontes da espiritualidade scalabriniana”:**
Pe. Gelmino Costa, CS.

11h45 – Ressonâncias.

12h30 – Almoço.

14h30-16h – **Minicursos: 6 grupos com os seguintes temas:**

1. “Devoções de Scalabrini: Eucaristia, Cruz, Maria”: Pe. Antonio Segnanfredo, CS.
2. “Scalabrini e os migrantes”: Dra. Eliza Donda.
3. “Scalabrini e incidência social e pastoral”: Pe. Luiz Flávio Prigol, CS.
4. “Scalabrini e juventude”: Mis. Rose Casagrande, MSS.
5. “A espiritualidade scalabriniana no cotidiano da missão”: Ir. Maria de Lurdes Lodi Rissini, MSCS.
6. “Scalabrini na Sagrada Escritura”: Pe. Alfredo Gonçalves, CS.

16h – Intervalo.

16h30 – Plenária.

18h30 – Jantar.

20h – Apresentação cultural.

25/06/2025

7h – Celebração Eucarística: Pe. Cesare Ciceri, CS.

8h – Café da manhã.

Moderadora: Ir. Maria de Lurdes Lodi Rissini, MSCS.

9h – **3ª. Conferência: “A espiritualidade na vida de Scalabrini”:**
Ir. Analita Candaten, MSCS.

9h45 – Ressonâncias.

10h15 – Intervalo.

10h45 – **4ª. Conferência: “Espiritualidade Scalabriniana na Secularidade”:** Rita Bonassi e Rose Casagrande, MSS.

11h30 – Ressonâncias.

11h45 – Testemunho de um migrante.

12h30 – Almoço.

14h – Saída para visitas guiadas:

- Museu Scalabrini e Túmulo do Pe. Marchetti, Ipiranga (Pe. Antenora dalla Vecchia, CS).
- Museu Madre Assunta, Vila Prudente (Ir. Celina, MSCS).
- Centro Internacional para Jovens J.B. Scalabrini, Missionárias Seculares Scalabrinianas (Rose Casagrande, MSS).

Nas três visitas haverá o testemunho de 1 missionário, de 1 Irmã e de 1 missionária secular. Parada de uma hora em cada lugar.

Lanche nas Missionárias Seculares.

Regresso.

19h – Jantar.

26/06/2025

8h – Café da manhã.

Moderador: Pe. Alfredo Gonçalves, CS.

9h – **5ª. Conferência: “A Pátria-Mundo à luz da espiritualidade em São João Batista Scalabrini”: Ir. Maria do Carmo dos Santos Gonçalves, MSCS.**

9h45 – Ressonâncias.

10h – Intervalo.

10h30 – **Síntese do congresso: Pe. Alfredo Gonçalves, CS.**

11h – Encerramento: Palavras do Pe. Alexandre, Ir. Alda e missionária Antonella.

11h30 – Missa de encerramento na Igreja São João Batista precursor e São João Batista Scalabrini: Pe. Alexandre De Nardi Biolchi, CS, superior regional.

12h30 – Almoço.

Regresso.

Participantes

Missionários de São Carlos – Scalabrinianos

1. Pe. Alexandre De Nardi Biolchi, *Superior Regional*
2. Pe. Alfredo José Gonçalves
3. Pe. Antenor João Dalla Vecchia
4. Pe. Antonio César Segnanfredo
5. Pe. Camilo Moreira Maforte
6. Pe. Carlo Alberto do Carmo Barbosa
7. Pe. Cesare Ciceri
8. Pe. Gelmino Antônio Costa
9. Pe. Hector Orozco Sedano
10. Pe. Hermes Milciades Simonelli Fleitas
11. Pe. Hermilo Juventino Cortes Solis
12. Pe. Irmani Paulo Borsatto
13. Pe. Jean Gaby Louis
14. Pe. José Maria Lopez
15. Pe. Leonir Mario Chiarello, *Superior Geral*
16. Pe. Luiz Flavio Prigol
17. Pe. Marcos Henrique da Silva Nunes
18. Pe. Nivaldo Feliciano Silva
19. Rel. Douglas Piccolo
20. Rel. Ortiz Carboni
21. Rel. João Paulo Buchinger
22. Rel. Wilmar Adriel

Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas

23. Ir. Alda Monica Malvessi, *Superiora Provincial da Província Maria, Mãe dos Migrantes*
24. Ir. Ana Conceição Sales
25. Ir. Analita Candaten
26. Ir. Carmen Gabiatti
27. Ir. Carmen Lúcia Pereira
28. Ir. Celina Nazário
29. Ir. Fátima Salvagni
30. Ir. Jucelaine Aparecida Soares

31. Ir. Jucelia Dal Bello
32. Ir. Larissa Jara
33. Ir. Leocádia Mezzomo
34. Ir. Lucilene Carolina de França
35. Ir. Maria Célia Franca Santos
36. Ir. Maria de Lurdes Lodi Rissini
37. Ir. Maria de Ramos Guimarães
38. Ir. Maria do Carmo Santos Gonçalves
39. Ir. Marileda Baggio
40. Ir. Neusa Estevan
41. Ir. Rosa Maria Zanchin
42. Ir. Sandra Pinheiro
43. Ir. Shirley Anibale Guerra
44. Ir. Terezinha Mezzalira
45. Ir. Vicentina Roque dos Santos
46. Ir. Vitorinha Albuquerque
47. Maria Matuta Vieira (noviça)
48. Rita Catumbela (noviça)

Missionárias Seculares Scalabrinianas

49. Mis. Antonella Favaro, *Responsável das Missionárias Seculares Scalabrinianas.*
50. Mis. Rita Bonassi
51. Mis. Rose Casagrande

Leigas e leigos Scalabrinianos

52. Aliston Balbinot
53. Ana Paula Shneider
54. Eni Teresinha Chittó
55. Isaias Pablo Carlotto
56. Isolda Rodrigues Hörlle
57. Lucia Bamberg
58. Maria Regina Carvalho de Miranda
59. Miguel Ahumada
60. Milena Lacerda
61. Patricia Rivarola
62. Raffaella Vitale

63. Ramona Figueredo

64. Sunilda Gabina Aguiler





MISSIONÁRIAS SECULARES
SCALABRINIANAS